



LIVRO 1

JOGOS ZUMBI

NY TIMES BESTSELLING AUTHOR

KRISTEN MIDDLETON



Jogos Zumbi

Livro 1

Kristen Middleton

Copyright ©2019 Kristen Middleton

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desse livro pode ser reproduzida, ou armazenada em um sistema de recuperação de informações ou transmitida em qualquer forma ou por quaisquer meios, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação, ou qualquer outro que seja, sem a expressa permissão por escrito da autora.

Este e-Book é licenciado para seu uso pessoal, apenas. Este e-Book não pode ser revendido ou dado para outras pessoas. Se você quiser dividir esse livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia extra para cada leitor. Caso você esteja lendo este livro e não o tenha comprado, ou caso ele não tenha sido comprado para seu uso apenas, por favor, volte para o website Amazon.com e compre sua própria cópia. Obrigada por respeitar o trabalho árduo dessa autora.

Capítulo Um

— Cassie, leve o lixo para fora.

— Por que a Allie não faz isso? – perguntei, ao fechar a porta da geladeira, com a jarra de pickles na mão.

— Porque essa tarefa é sua – respondeu minha mãe, que estava sentada próxima ao balcão da cozinha, verificando a correspondência.

Eu tirei o maior endro^[1] que encontrei e o mastiguei ruidosamente.

— Mamãe – eu disse enquanto mastigava. – qual é, ela precisa ter mais responsabilidades. Ela tem doze anos.

— Não fale de boca cheia.

— Desculpa.

Ela me olhou por cima dos óculos.

— Vamos fazer assim...você lava a louça e eu a mando levar o lixo para fora.

— Tudo bem, eu levo o lixo pra fora.

— Foi o que eu pensei – respondeu ela, com um sorriso irônico.

Eu revirei os olhos e engoli o último pickle suculento. Antes que eu pudesse pegar outro, ela apontou para a lata de lixo.

— Os pickles ainda estarão aqui quando você voltar.

— Eu ainda não acredito que você está me mandando fazer isso no meio da noite – eu reclamei de forma manhosa, olhando para a escuridão pela janela.

— Isso é engraçado, vindo de alguém de dezessete anos que vive me implorando para voltar cada vez mais tarde para casa.

— Sim, mas não pra ficar de bobeira sozinha no escuro.

Os olhos dela ficaram mais ternos.

— Querida, não há o que temer. Essa rua que nós moramos, aqui no subúrbio, é bem tranquila.

Embora minha mãe estivesse tentando me encorajar, eu simplesmente não conseguia espantar o medo ou aquietar a voz mesquinha dentro de mim, que sussurrava sobre algo perverso espreitando na escuridão. Mas, nesse caso, poderia ser apenas o fato de eu ter assistido a um filme de terror, mais cedo, que me deixou totalmente apavorada.

— Ok, bom, se eu não voltar em dois minutos, mande o papai atrás de mim.

— Certo – bufou ela. – Pequena Senhorita Faixa Preta.

Eu não consegui evitar sorrir de modo irônico para minha mãe. Na semana anterior, eu havia recebido minha faixa preta após quatro anos de

disciplina e treinos intensos. Foram necessários muita paciência e comprometimento, mas receber a faixa fez tudo valer a pena.

Assim que pus os pés pra fora de casa, uma brisa morna levantou meu cabelo castanho, soprando-o e espalhando-o por meu rosto. Eu olhei para o céu e minha ansiedade diminuiu; aquela era realmente uma noite tranquila. As estrelas brilhavam muito e a lua estava cheia.

Assim que contornei a garagem, Charlie, um dos cachorros do vizinho, começou a latir, o que era algo bem comum. Embora aquilo fosse normalmente irritante, naquela noite em especial os latidos até que eram reconfortantes, pois me deixavam ciente que eu não estava sozinha.

— Hei, sou eu, Charlie! – eu disse, com minha voz ecoando pela rua sem saída. Um poste solitário iluminava irregularmente o lado do contorno onde ele estava.

Os latidos de Charlie aumentaram e ele começou a rosnar de modo enervante. Na minha opinião, aquele cachorro tinha sérios problemas de confiança.

Uma pancada repentina e alta veio de trás da casa do Hendrickson e a luz com sensor de movimento se apagou. Charlie rosnou furiosamente no escuro por alguns segundos e então, do nada, deixou escapar um uivo ensurdecedor.

“Merda, isso não é bom”, pensei.

Um nó começou a se formar no meu estômago enquanto eu começava a entrar em pânico. De verdade, o que eu mais queria era levar o lixo pra fora e voltar correndo pra dentro de casa. Eu também sabia que se eu ignorasse Charlie e ele estivesse machucado, eu nunca iria me perdoar.

Deixei cair o saco de lixo e me dirigi em direção à casa dele, quando ouvi um gemido profundo e abafado. Eu congelei; aquele barulho não era do Charlie.

Eu me arrepiei.

— Olá? Sr. Hendrickson?

Uma sombra alta saiu da escuridão e minha respiração ficou presa em minha garganta. Eu vi, petrificada, a figura arrastar os pés pelo quintal do Charlie, em minha direção. Ela estava a cerca de 100 metros de mim quando parou diretamente embaixo do poste. Eu suspirei aliviada quando eu reconheci Scott, um cara da minha aula de karatê, com quem eu havia ficado algumas vezes. Porém, com certeza, era assustador o fato de ele estar espreitando o quintal do vizinho no meio da noite.

— Scott, o que você está fazendo aqui fora? – eu perguntei, chamando sua atenção.

Ele apenas me encarou, cambaleando um pouco.

— *Está tudo bem? – tentei novamente, perguntando a mim mesma se ele estava bêbado. Ele tinha minha idade, dezessete anos, e eu nunca havia ouvido falar sobre ele bebendo ou usando quaisquer tipos de drogas, então o comportamento dele era estranho. Eu me aproximei andando e percebi que Charlie estava em seus braços. Um alarme começou a soar em minha cabeça e eu travei.*

— *Hum, o Charlie está ferido?*

Scott rosnou e depois abaixou a cabeça em direção ao Charlie, que estava imóvel. Quando ele levantou a cabeça novamente, havia uma mancha vermelho-escuro cobrindo sua boca. Ele estalou os lábios e gemeu numa espécie de prazer obscuro. Eu estremeci de terror quando meu cérebro finalmente apurou o que estava acontecendo. Scott estava devorando Charlie!

— *Oh...meu...Deus!*

Eu fiquei sem ar, me afastando. Senti bile subir até o fundo de minha garganta enquanto Scott atacou o cachorro novamente, com a mesma boca que eu beijei um dia.

Eu me virei para correr, tropeçando no saco de lixo que eu havia largado no meio do caminho; meu tornozelo estava agora torcido e doía muito. Eu gritei e lutei para ficar em pé quando algo segurou minha perna. Eu olhei pra trás e fiquei paralisada pelo choque; era Scott, mas não era o Scott que eu conhecia. Seus olhos verdes agora eram pretos como a morte, frios e sem vida. A pele dele estava cinza e coberta de feridas sangrentas. Sua boca, da qual ainda escorria o sangue de Charlie, se contorceu, expondo seus dentes, e ele soltou um ganido inumano.

— *Scott?! – eu gritei, enquanto seus dentes rasgavam minha pele.*

~~~

Abri meus olhos e puxei meu edredom até o queixo. Lembrando a mim mesma que aquilo havia sido apenas um sonho, eu suspirei, tremendo, e me forcei a relaxar. Sim, *definitivamente* já era hora de parar de assistir a filmes de terror antes de dormir. Forçando as últimas imagens perturbadoras para longe de minha mente, eu me virei e soltei um grito realmente assustador.

— *Jed, o que você está fazendo em meu quarto!? – perguntei, arfando. Era a terceira vez naquela semana que ele havia entrado furtivamente ali. Aparentemente, isso era agora uma espécie de jogo especial.*

*Jed, um garotinho de três anos, deu uma risadinha, divertido. “Oi, Cassie,” disse ele, lambendo uma espessa camada de ranho verde de seu nariz. Mesmo no escuro eu era capaz de dizer que as mangas na camiseta do Homem-Aranha dele estavam duras de tanto ranho seco.*

— Hei, quer ver meu *calo* novo? – perguntou ele. Jed tinha dificuldade em pronunciar o R. Ele tirou algo de sua calça jeans e ergueu orgulhosamente; era um pequeno carro conversível azul que já tinha visto dias melhores.

— Legal – resmunguei, afofando o travesseiro. – Agora... Por favor, vá encontrar Kris. Você precisa de um lenço.

Invés de sair, entretanto, ele abriu a boca e começou a tossir, lançando milhões de germes invisíveis em minha direção.

Eu me afastei horrorizada e gritei “Mamãe!” Certo, ele era adorável com com seus grandes olhos azuis e bochechas com covinhas, mas tenho que admitir: eu tinha uma fobia imensa de germes. Meu quarto era afastado e as crianças da creche eram *proibidas* de entrar nele; especialmente aqueles “cheios de germes”.

Minha mãe deu uma espiada no meu quarto, colocando apenas a cabeça para dentro e se encolheu, com aquela expressão típica de quem dá uma mancada.

— Sinto muito, Cassie. Eu não sabia que ele tinha ido aí xeretar. Venha, Jed, é hora de limpar você.

Eu bufei.

— Limpá-lo? E minhas cobertas? Ele acabou de infectar minha cama inteira com esses germes de gripe nojentos.

O lábio superior de Jed começou a tremer e seus olhos se encheram de lágrimas.

— *Pedão*, Cassie – sussurrou ele.

Meu coração imediatamente se derreteu. Eu me aproximei dele e acariciei seus loiros e encaracolados cabelos.

— Está tudo bem, Jed. Apenas lembre-se de cobrir sua boca quando você tossir.

Seu rosto se iluminou.

— *Abaços*? – perguntou ele, levantando os bracinhos cheios de ranho seco.

— Hum, depois, ok? – respondi, acenando para minha mãe com os olhos. Ela o pegou e o colocou no quadril.

— Vamos, Jedster. Vamos limpar seu nariz e comer alguma coisa.

— Obrigada. Tome cuidado para que ninguém mais me faça uma surpresa aqui.

Ela veio em direção do meu despertador.

— Ei, *Wild One*, é hora de você levantar e ir pra escola. Comece a ir dormir mais cedo e você não estará tão mau-humorada toda manhã.

Meus dentes rangeram.

— Eu não sou mau-humorada. E pare de me chamar disso.

Meu sobrenome é “Wild” e minha família acha o máximo me chamar de ‘*The Wild One*’, porque eu já parecia mais velha fisicamente quando criança<sup>[2]</sup>.

Minha mãe franziu a testa, mas saiu do meu quarto sem dizer uma palavra. Enquanto ela fechava a porta, eu pude ouvir o caos que estava rolando em outras partes da casa; crianças perseguindo umas às outras, alguém gritando sobre um brinquedo perdido, e um bebê começando a berrar. Nós moramos em Wolf Creek, uma cidadezinha do Minnesota, e minha mãe cuida de uma creche em casa<sup>[3]</sup>. O que um dia havia sido uma casa tranquila agora era um zoológico frenético. Ainda era segunda-feira e eu já rezava para o fim-de-semana chegar logo.

Eu me arrastei para fora da cama, peguei minha camiseta favorita da Henley, shorts jeans, e entrei no banheiro para tomar um banho. Infelizmente, eu tenho que dividi-lo com as crianças da creche, então tenho que ser furtiva. Se eles perceberem que sou eu quem está lá, eles farão qualquer coisa para me torturar, como colocar os dedinhos embaixo da porta, forçar a maçaneta, ou ficar repetindo “*Wild*” milhares de vezes, o que me chateava imensamente. Aquele dia não era exceção.

— Chega — eu avisei, penteando meu cabelo escuro e volumoso. Eu o prendi em um rabo-de-cavalo e olhei atentamente para meu reflexo no espelho. Olhos castanhos, nariz arrebitado e lábios extremamente secos. Eu fuzei no armário de espelho do banheiro e encontrei um daqueles brilhos labiais que dão volume da minha irmã. Eu passei com cuidado em meus lábios e franzi a testa. Agora eles pareciam inchados, como se eu tivesse levado um soco na boca. Eu tentei remover o brilho labial, mas não deu certo. Meus olhos se arregalaram, chocados, quando vi que meus lábios continuavam aumentando.

*Sério, pensei, por que alguém iria querer fazer isso com os próprios lábios de propósito?* Era vergonhoso e meus lábios estavam começando a doer.

Eu joguei as mãos para o alto, derrotada, e entrei num estampido na cozinha. Só para ajudar, percebi três crianças gripadas na cozinha. As três, com os narizinhos escorrendo, sorriram para mim.

— Só pode ser brincadeira. Por que todo mundo está deixando as crianças aqui, se elas estão doentes? *Os pais* não deveriam estar cuidando delas?

— Eu sei, não posso fazer nada, a não ser que elas tenham febre — respondeu minha mãe, com aparência cansada, enquanto pegava vários lenços e começava a assoar narizes. — Parece que todo mundo está pegando essa gripe terrível. Tem pais que até deixaram as crianças aqui para que *elas* pudessem voltar pra casa e descansar.”

— Típico — resmunguei.

Peguei meu celular para ver as mensagens quando Daniel, um menininho de cinco anos que fica me seguindo como se fosse minha sombra, espirrou em cima do aparelho inteiro. Eu virei para minha mãe horrorizada, que se encolheu e rapidamente me deu um lencinho antibacteriano.



— Daniel, por que você não vai fazer um belo desenho para a Cassie? — perguntou mamãe, levando-o para longe de mim.

Louca para sair dali, eu peguei uma barrinha de cereais e as chaves da minha caminhonete.

— Eu como isso na escola. Eu tenho aula de Karatê hoje à noite.

Minha mãe assentiu e franziu o nariz.

— Megan? Tem cocô na sua fralda?

Eu vazei da cozinha antes que pudesse cheirar a resposta. Isso no exato momento em que meu pai apareceu no seu robe a caminho de sua “*Caverna de Macho*” na parte inferior de nossa casa. Ele fala que o local é seu santuário para fugir da “*Creche do Inferno*”. Naquele instante quem parecia ter saído do Inferno era ele mesmo, com semicírculos escuros embaixo dos olhos e mechas de cabelo que apontavam para diferentes direções.

— Oi, papai — eu disse. — Deixe-me adivinhar, você ficou acordado até tarde matando zumbis, de novo?

Ele sorriu envergonhadamente.

— He, he. Na verdade, eu terminei o jogo.

Meu pai é viciado em videogames. Antes de eu nascer, ele passou trinta e seis horas jogando *Everguild*, um viciante joguinho de Internet, sem parar, ingerindo apenas cafeína e pretzels amanteigados<sup>[4]</sup>. Quando minha mãe ficou grávida, ela perdeu a paciência com o vício *inofensivo* dele e trouxe um grupo de amigos para fazer uma “*Intervenção de Everguild*”<sup>[5]</sup>. Agora, ele só pode jogar no Wii ou Playstation dele, algo que ele consegue controlar melhor, mas não muito.

— Você tem que trabalhar hoje? — perguntei para ele. O trabalho do meu pai é vender carros, o que não é exatamente o trabalho de seus sonhos. Infelizmente, é algo que ele faz muitíssimo bem; então, embora ele resmungue sobre isso sem parar, ele nunca muda de profissão.

— Não até hoje à tarde. Está pronta para testar minha nova Beretta? — perguntou ele, com a expressão de seu rosto se iluminando. O outro vício dele tinha a ver com armas. Eu passava quase todos os sábados, desde que eu tinha completado dezesseis anos de idade, no estande de tiro com meu pai e meu avô. Colecionadores ávidos, eles possuíam, juntos, cerca de trinta armas diferentes. Quando eu comecei a mostrar interesse, no ano anterior, eles ficaram muito contentes e começaram a me ensinar o máximo possível sobre armas. Agora minha pontaria era tão boa quanto a do meu pai.

— Desculpe, papai, eu não vou poder ir ao estande pelas próximas duas semanas. Eu tenho que estudar para as provas finais — respondi. — Além disso, o baile dos alunos está chegando. Estou ocupada demais.

Cruzando os braços, ele me olhou de forma severa.

— Certo. Você vai com aquele garoto, o Scott, não vai? — perguntou ele. — Lembre-se, nada de saideiras antes do baile, nada de hotéis e, definitivamente, nada de álcool.

Eu suspirei.

— *Hello?* Por acaso é assim que eu sou? E você tem noção de que o Scott e eu somos apenas amigos? Eu cansei de te dizer isso.

A expressão dele abrandou.

— Ótimo, espero que continue assim.

— Bom, sorte a minha que ele vai comigo. Eu não fui ano passado e provavelmente não iria ao baile de formatura também, se ele não tivesse se oferecido para me levar.

— Você está brincando? Sorte a *dele*!

Eu sorri timidamente de volta. Meu pai estava tendo dificuldades em pensar sobre mim com um namorado, *quem quer que fosse*, e ele não deveria fazer isso; minha vida amorosa era tão morta quanto os zumbis nos jogos. Scott e eu *somos* apenas amigos, mas meu pai parece sempre se esquecer disso. A última vez em que saí com Scott, meu pai havia insistido em conversar com ele antes de sairmos para o cinema; isso enquanto ele limpava três de suas armas. Meu pai achou que isso fosse muito bom; eu achei o cúmulo. Mas Scott achou as armas do meu pai “*o máximo*” e não entendeu a mensagem que ele estava tentando passar.

— Espere, Cassie! — gritou minha mãe, lá em cima, na escada de casa. Meu estômago embrulhou quando eu vi que ela estava segurando uma fralda suja. Eu juro que estava saindo uma fumacinha verde daquele pacote podre.

— Quê?

Ela apertou as pálpebras, tentando ver melhor.

— O que aconteceu com os seus lábios?

Eu suspirei.

— O brilho labial que aumenta os lábios da Allie.

Ela mordeu o canto da boca.

— Oh. Bem, eles provavelmente vão voltar ao normal logo. A propósito, você pode pegar a Allie após a aula de dança dela hoje à noite?

Eu suspirei, mais alto que da última vez.

— Por favor? Você tem que ir pra aula de karatê mesmo, apenas desvie um pouco o caminho quando voltar.

— Tá, tudo bem.

— Obrigada, querida.

Eu acenei com a cabeça e corri pela porta da frente antes que ela me 'voluntariasse' para alguma outra coisa. Allie é minha irmã; ela tem doze anos e, depois que meus pais me ajudaram a comprar minha caminhonete ano passado, eu

tenho sido a motorista particular dela. Eu não me importava no começo, mas depois que ela entrou na sexta série, a vida social dela estava mais agitada que a minha. Às vezes eu tinha que fazer meus horários de acordo com os horários *dela*.

Olhando para a rua sem saída, eu vi Charlie seguindo o Sr. Hendrickson até a caixa de correio dele. Nós nos cumprimentamos e Charlie apenas me encarou, invés de disparar seu latido chato, como sempre fazia.

Eu entrei em minha camihonete, uma Chevy S10 98 vermelha que já tinha visto dias melhores, e rezei em silêncio para que ela não me desse problemas; ela estava fazendo questão de não pegar direito naquela época e eu não tinha tempo de levá-la para o conserto, especialmente com o baile dos estudantes chegando. Quando ela ligou sem empecilhos, eu me senti aliviada e dirigi até a casa de minha amiga Paige.

— Oi. Chegou cedo. Oh... meu... Deus... O que aconteceu com seus lábios!? – perguntou Paige, cobrindo a boca com as mãos.

— Está tão ruim assim?

— Parece apenas... dolorido.

Paige, como sempre, estava perfeita. Com seus longos cabelos loiros e olhos verdes deslumbrantes, metade dos garotos da escola estava a fim dela. Algumas pessoas na escola a chamavam de *Skipper*, a irmãzinha caçula da Barbie, devido à sua pele bronzeada, maçãs do rosto altas, como a das modelos, e seu jeito descontraído.

— Meus lábios estavam secos, então tentei usar um dos brilhos labiais da Allie. *Má ideia*.

— Concordo – respondeu ela, tentando segurar o riso. – Estão doendo?

Eu fiz um biquinho com meus lábios e assenti.

— Estão ardendo um pouco.

— Use vaselina da próxima vez. É tudo o que eu uso.

— Oh.

Ela colocou o cabelo atrás das orelhas.

— Você viu as notícias agora de manhã?

— Tá brincando? Lá em casa não passa nada além de *Dora*<sup>[6]</sup> ou *Elmo's World*<sup>[7]</sup> na TV.

— Bom, a imprensa só fala desse vírus da gripe. É incrível como está se espalhando rápido. Muitas pessoas estão ficando tão doentes que estão sendo mantidas em isolamento, em vários países. É como a *Peste Negra*<sup>[8]</sup>.

— A maioria das crianças em casa está doente. Se isso continuar assim, eu juro que me mudo de lá.

— Há, até parece. De qualquer modo, a situação está ficando tão ruim que, na Europa, eles fecharam um monte de escolas. Não seria uma maravilha se a

nossa fosse fechada? Nós poderíamos ficar de boa no Shopping azarando os *gatinhos* o dia inteiro.

Eu ri.

— É, nem a pau que isso vai acontecer. Eles não fecham nem quando a rua está coberta por trinta centímetros de neve.

— Bem, *eu*, a minha pessoa, estou de saco cheio da escola; cansada das vacas mimadas, dos bombados infantis e das provas idiotas. Sério mesmo, eu não me importaria se a escola ficasse fechada pelo resto do ano!

Eu ergui as sobrancelhas.

— Uau. Semana difícil?

Ela deu de ombros e olhou para fora, pela janela do passageiro.

— Ok, desabafa. O que aconteceu, Paige?

Ela me encarou com os olhos rasos d'água.

— Eva King. Ela é uma vaca duas-caras, mentirosa. Você tá ligada que ela fingiu ser minha amiga para que ela pudesse se aproximar do Kyle?

Kyle era o namorado da Paige, mas ele havia terminado com ela no mês anterior. Eu achei que ela já tivesse superado, já que ela parecia ficar a fim de alguém diferente toda semana.

— O que você quer dizer?

— Eu vi os dois se beijando nos corredores ontem. Ela é uma vaca  *muito* traiçoeira!

Eva é, na verdade, uma das garotas mais populares da escola. Embora Paige seja muito mais bonita e simpática, a mãe da Eva é uma repórter de jornal famosa e a filha é tratada como se fosse uma estrela de cinema. Eva também é a cheerleader principal e tem um Mercedes conversível turbo que é demais. Muitos dos meninos da escola babam pelo carro dela.

— E ele é um babaca... Eles se merecem.

Ela enxugou uma lágrima e fungou.

— Bom... Seja como for... Tem esse carinha *novo*, o Jeremy, que é um gato. Ele se senta perto de mim nas aulas de Biologia.

Eu ri.

— Dá pra ver que seu coração está partido.

Paige colocou as mãos sobre o coração dela.

— Tenho certeza que o Jeremy poderia ajudar a curá-lo.

Nós duas gargalhamos. Nem imaginávamos que, nos dias seguintes, nossas vidas se tornariam um pesadelo vivo e que daríamos *qualquer coisa* para ter problemas tão banais de volta.



## Capítulo Dois

Na escola, eu passei a maior parte do dia tentando evitar as pessoas que estavam doentes, que era quase todo mundo. Muitos jovens haviam faltado, e os corredores estavam anormalmente quietos, exceto pelo constante barulho das tosses e narizes sendo assoados.

Durante a última aula, meu professor de Matemática, o Sr. Hogan, um careca na casa dos cinquenta anos, assoou o nariz de forma ruidosa e disse:

— Continuem tomando vitaminas, todos vocês. Essa gripe não faz prisioneiros<sup>[9]</sup>!

Como resposta, muitos estudantes assoaram os próprios narizes ou tossiram. Eu me encolhi em minha carteira e peguei um pequeno frasco de álcool em gel, esfregando um pouco em minhas mãos. Uma garota perto de mim percebeu isso e resmungou algo.

Eu a encarei.

— Isso se chama 'manter as mãos limpas'. Você deveria tentar de vez em quando.

Ela me mostrou o dedo do meio, murmurando algo obsceno, bem baixinho.

Perto do final da aula, nossa diretora, a Senhora Davis, nos fez uma visita surpresa e entregou alguns formulários ao Sr. Hogan. Eles conversaram em voz baixa por vários minutos e então ela saiu, pegando um lenço enquanto caminhava. Eu observei o Sr. Hogan tirar os óculos e esfregar a parte superior do nariz (onde você apoia os óculos) enquanto examinava a papelada que ela havia deixado.

Finalmente ele olhou para cima e limpou a garganta.

— Escute aqui, pessoal – disse ele. – Nesta semana, a escola vai fornecer vacina para gripe gratuita para todos os alunos. Eu vou entregar toda a informação a respeito da vacinação. Levem para casa, dêem para seus pais lerem, assinarem, e tragam de volta o mais rápido possível.

Alguns estudantes gemeram algo em protesto.

Ele sorriu ironicamente e se recostou em sua cadeira.

— Eu entendo o *entusiasmo* de vocês. Vocês podem não estar empolgados quanto a serem vacinados, mas é para o bem de vocês. A escola está aconselhando veementemente a todos para tomarem essa vacina. Na verdade, vão 'solicitar' a quem não estiver com a permissão que fique em casa na semana que vem, até que essa epidemia de gripe esteja sob controle. Então, essa vacinação é necessária caso seus pais queiram mantê-los na escola, e fora de casa. E... para aqueles que não trouxeram a permissão, nós podemos enviar todas as tarefas por e-mail.

Ótimo, pensei. Minha mãe jamais vai concordar com essa vacina, então ficarei presa em casa semana que vem. Meus pais não acreditam que podemos

confrontar a “*Mãe Natureza*.” Eles acham que as vacinas para gripe baixam o sistema imunológico, deixando-nos mais vulneráveis para outras doenças. Isso explicava o porquê de nossa família ter evitado essa gripe específica. A porção diária de vitaminas da minha mãe e o meu vício em chá de pêssego também não faziam mal algum.

O sinal tocou e eu parei no banheiro para lavar minhas mãos. Eu olhei para o espelho e vi Eva King em pé, ao meu lado. Ela estava acabada.

— Ei, *Wild*. Meu Deus, eu odeio essa porcaria de gripe – resmungou ela; em seguida, ela assoou o nariz, que estava vermelho, com uma aparência dolorida.

Tentando esquecer que ela havia prejudicado minha melhor amiga, eu forcei um sorriso.

— Que chato você estar doente também, né?

Ela assentiu e alisou seu longo cabelo vermelho.

— Sim, você deve saber – disse ela, virando-se para mim, com os olhos azuis arregalados. – Às vezes, eu queria ser mais como você. Sua mãe não é famosa e você consegue se enturmar com todo mundo na escola. Ninguém espera que você esteja perfeita quando chega, todo santo dia. Deve ser legal. Quero dizer, eu tenho que estar *maravilhosa* o tempo inteiro. Dá um trabalho danado ter minha ascendência e meu status social. Mesmo doente do jeito que estou, eu não tenho um dia de folga.

Eu segurei o riso e respondi:

— Sim, eu não acho que seria capaz de conseguir viver em seu mundo, Eva. Deve ser muito estressante.

As pálpebras dela se contraíram, mas antes que ela conseguisse responder, Nora Biggs saiu com um estrondo de um dos toaletes, com um cigarro apagado perndurado na boca. Nora era relativamente nova na escola e a maioria das pessoas se esquivava dela devido ao seu estilo punk incomum, temperamento arredo e atitude rebelde.

— Oi, Nora – eu disse.

Nora acenou com a cabeça em resposta e começou a lavar as mãos. Nós fazemos karatê juntas e eu dei carona para ela até em casa algumas vezes. Não éramos exatamente amigas, mas ela era de boa comigo.

Eva olhou para o nariz de Nora.

— Nora... Uau, adorei seu piercing do nariz! É zircônia *de verdade*?

Mesmo doente, Eva era uma vaca.

Os olhos de Nora se incendiaram de ódio e eu esperei pela explosão. No entanto, ela tirou o cigarro da boca e deu um sorriso cínico, com o canto da boca.

— Não, é um diamante. Foi seu namorado que me deu ontem à noite, depois que nós transamos.

Os lábios de Eva desapareceram de sua boca, de tão próximos que ficaram.

— Elegante, resmungou ela, pegando sua bolsa e virando-se para sair.

— Ei, Eva – disse Nora, pegando uma toalha de papel.

Ela se virou, ríspida.

— Que é?

Nora sorriu friamente.

— Você tem noção que isso aqui é só o Ensino Médio? Ser popular aqui não tem importância no mundo real.

Eva franziu a testa e saiu bufando do banheiro. Eu dei uma risadinha.

— Legal.

Nora deu de ombros.

— Bem, ela merece. Ela se acha muito melhor que todo mundo. O que ela merecia mesmo era um chute no traseiro. Quem me dera ser eu que fizesse isso. Mas, você sabe, há todo esse troço de código de honra.

Um dos princípios do karatê é que você pode usá-lo apenas para auto-defesa. Desde que Nora havia começado as aulas, ela nunca mais havia entrado em uma briga. Eu tinha certeza de que aquilo era um desafio para ela.

Eu assenti, concordando, e peguei minha mochila.

— Tá doente? – perguntou Nora, passando os dedos pelos longos cabelos pretos dela. Mechas de cor azul-vivo emolduravam o rosto pálido dela. Eu imaginei que, sem a pesada maquiagem gótica, o cabelo tingido e os diversos piercings, ela teria a aparência da mais normal das garotas.

— Não. *Ainda* não, pelo menos.

Nora jogou a cabeça para trás e gargalhou. Ela sabia de minha fobia.

— Isso deve deixar *você* louca; estar rodeada por esses germes desgraçados. Eu também não estou doente, mas meu velho está.

Nora normalmente mora com o pai dela, Ivan Biggs, que é guitarrista da Death Row<sup>[10]</sup>, uma banda de rock famosa. Infelizmente, ele estava em uma turnê; então ela o via muito pouco. Então, ela fica com a avó dela, Iris, que sofre de algum tipo de demência e morre de medo de sair de casa. Ela não consegue sequer dar um passo para fora; ela têm pânico que algo horrível aconteça com ela.

— Ouvi dizer que quase todo mundo está doente na Europa.

— É, ele está na Alemanha agora. Todos eles foram vacinados. Eu não sei porque todo esse barulho, é só a gripe. Uma coisa eu te digo: Ninguém vai me vacinar. Meu velho não está por aqui para assinar o papel e eu *prefiro* passar uma semana longe desse esgoto. E você?

Eu pigarreei, limpando a garganta.

— Bom, eu não vou tomar vacina, também. Minha família nunca toma vacina para gripe.

Nora ficou boquiaberta.

— Sério mesmo? Você sendo tão paranoica sobre germes e sua mãe sendo uma *Tia de Creche*, eu achei que vocês já tivessem tomado a dose da vacina da gripe *do ano que vem*.

Eu a encarei.

— Hum... Eu não sou *tão* paranoica assim.

Ela bufou.

— Que seja, Wild. Bom, vejo você mais tarde, no karatê.

Eu a segui com os olhos enquanto ela saía com seu andar incomparável, com aqueles coturnos pretos e pesados, e então olhei no espelho. *Eu não sou paranoica*, disse a mim mesma, *apenas muito prevenida...*

## Capítulo Três

Meu estômago estava roncando no fim do dia, então no caminho para a aula de karatê eu parei em um drive-thru do McDonald's e pedi um cheeseburger, com muito picles. Assim que entreguei o dinheiro para a atendente, ela espirrou em cima da embalagem, sem pedir desculpas. Embora horrorizada, eu não falei nada e engoli a comida; eu estava *realmente* faminta.

Era pouco mais de quatro horas quando cheguei ao dojo<sup>[11]</sup>. Nora e Scott já estavam lá, fazendo gracinhas e se alongando. Eu me lembrei do sonho no qual Scott havia virado um zumbi, matado o cachorro do meu vizinho e me atacado violentamente. Felizmente, a pele dele estava normal e seus olhos estavam vivos, como sempre. Ele me pegou encarando-o e sorriu, curioso.

— Uau, turma pequena hoje – disse nosso instrutor, Mestre Jordan, ao entrar no local. Ele é faixa preto grau seis e treina há mais de 18 anos.

— O pessoal deve estar doente – respondeu Scott. Eu percebi que ele havia cortado o cabelo em estilo militar, o que não me surpreendeu, pois eu sabia que ele tinha planos de entrar no Exército após a formatura. Nós tínhamos formado uma amizade muito forte nos últimos dois anos e, embora já tivéssemos ficado algumas vezes, ambos havíamos concordado que seria melhor sermos apenas amigos.

O Mestre Jordan suspirou.

— Bom – disse ele, alisando o queixo. – Já que estamos em uma turma pequena, por que não praticamos *sparring*<sup>[12]</sup>?

Nós três adoramos treinar combate, então obviamente concordamos. Eu me alonguei rapidamente e coloquei meu equipamento de treino cinza-escuro, que consiste em um capacete e protetores para boca, queixo, pés e peito.

— Nora, você luta com Scott. Cassie, você vai treinar com Bryce De Luca. Ele deve chegar a qualquer momento.

Eu tirei meu protetor bucal.

— Quem é *Bryce De Luca*? – perguntei.

Ele sorriu.

— Bryce é um novo instrutor da nossa filial na Hugo. Ela está fechada devido à epidemia de gripe.

Eu dei uma olhada pela grande vitrine que dava para o estacionamento e vi um cara com uma jaqueta de couro surrada estacionando uma moto. Ele tirou o capacete, passou as mãos nos cabelos pretos ondulados e entrou correndo, com uma bolsa para equipamentos esportivos.

Mestre Jordan deu um tapinha nas costas dele.

— De Luca! Eu já estava ficando preocupado com você.



Bryce era alto, com olhos azuis ímpares. Quando ele sorria, suas covinhas me faziam queimar por dentro.

— Desculpe-me, o tráfego estava ruim. Um instante, eu preciso me trocar – respondeu ele.

— Tudo bem – disse o Mestre Jordan.

Eu dei outra olhada enquanto ele se dirigia ao banheiro. Ele era muito interessante, tanto de frente quanto de costas.

Nora esbarrou em mim casualmente, com um sorriso de canto de boca.

— Ei... Enxuga a boca, você está babando – provocou ela.

Meu rosto queimou.

— Para com isso – resmunguei, afastando-me.

Quando Bryce saiu do banheiro, o Mestre Jordan o fez vir para onde eu estava me aquecendo. Ele era mais alto que eu, tinha ombros largos e braços musculosos. Dava pra ver tatuagens complexas de dragões embaixo das mangas pretas dele. Ele me pegou olhando para elas e ergueu a manga para mostrar mais.

— Muito legal – eu disse, admirando os detalhes das escamas, cabeça e chamas que saíam da boca do dragão.

— Bryce, depois que você se aquecer, você vai praticar sparring com a Cassandra Wild aqui. Ela acabou de pegar a faixa preta dela, na semana passada.

Ele acenou com aprovação.

— Parabéns, Cassandra, você deve estar orgulhosa de si mesma.

— Hum, obrigada – eu respondi, tentando não corar. A faixa dele indicava que ele era faixa preta terceiro grau, e eu rezei para que eu não fizesse nenhuma bobagem para me envergonhar, como esquecer qualquer coisa que eu houvesse aprendido até o momento.

Bryce olhou para meu instrutor.

— Eu nem te digo como eu fiquei aliviado de saber que vocês abriram hoje. Eu tenho um campeonato semana que vem e eu preciso *muito* praticar.

— Fique depois da aula que eu pratico *atemi* com você – respondeu Mestre Jordan. — Ouvi dizer que você está mandando bem.

Bryce deu de ombros.

— É, eu tenho que admitir... Eu peguei o jeito, mas um pouco de treino é sempre bom. Valeu mesmo.

*Atemi* é uma técnica avançada de arte marcial que envolve golpes em diferentes áreas do corpo para quebrar a concentração ou desequilibrar um oponente. Pessoalmente, eu nunca havia usado, mas o Mestre Jordan havia me prometido incorporá-la ao meu treinamento naquele verão, principalmente se eu estivesse interessada em entrar em campeonatos mais avançados.

— É pra isso que estou aqui. Apenas me lembre após a aula.

Bryce assentiu e se virou para mim, estudando meu rosto.

— Cassandra Wild, hein? Tá ligada, eu não me lembro de você em nenhum campeonato.

Eu balancei a cabeça.

— Você provavelmente não me viu. Já faz um tempo desde a última vez em que competi. Agora que sou Faixa Preta, no entanto, isso pode mudar.

— Legal. Você seria uma bela distração para alguns dos meus oponentes.

Eu não sabia como responder àquilo, então apenas sorri.

— Ok, vocês dois. Mexam-se, *o tempo está passando* – disse Mestre Jordan. — Bryce, você pode ajudar a Cassie treinar chutes? Talvez ela precise de incentivo para deixar as pernas para cima.

Eu queria simplesmente desaparecer quando notei o sorriso diabólico de Bryce.

— Sabe, vou deixar essa passar – ele respondeu calmamente. Infelizmente, não foi calmo o suficiente, pois ouvi Nora fazer “Hm-hmm” do outro lado da sala e, oh, como eu queria socá-la.

— Cuidado, De Luca – disse Mestre Jordan. — Não mexa com essa daí, os chutes dela são letais.

Ele riu.

— Parece um desafio interessante.

— Bom, só não diga que eu não avisei, amigo – respondeu Mestre Jordan. Daí ele piscou para mim e foi para seu escritório.

Eu acho que Bryce devia ter pensado que eu estava ansiosa para treinar com alguém mais avançado que eu, o que não era o caso. Era o jeito que ele me olhava que fazia meu coração bater como louco dentro do meu peito.

— Ei, Cassandra, eu só tava brincando. Eu vou pegar leve com você – disse Bryce.

— Não, não faça isso. Eu dou conta de você – respondi, sem fôlego.

Seus olhos penetrantes encontraram os meus.

— Olha, eu não tô a fim de te machucar. É óbvio que eu tenho o dobro do seu tamanho e tenho muito mais experiência que você. Você não tem a mínima chance contra alguém tão bom quanto eu.

Minha fantasia de ele ser um completo Adonis desmoronou, e eu o encarei perplexa, pensando se aquilo era verdade. Eu pigarreei.

— Sério? Você acha que eu não sou um desafio suficiente para você? – perguntei.

— A maioria das mulheres não é – disse ele, confiante.

A arrogância dele me irritou. Eu tinha dado duro para merecer minha faixa e me orgulhava de ser tão boa quanto – se não melhor que – muitos dos caras da

minha turma. Chovinismo era algo que eu simplesmente não tolerava. Eu apaguei totalmente o fogo que ele havia criado em meu estômago e ignorei o quão lindo o traseiro dele ficava no kimono.

— Bem, acho que a única coisa que *você* deve pegar leve é o seu próprio ego.

Ele me olhou, surpreso riu.

— Ai! Cara... Você é um pouco selvagem, não é?

*Você logo vai descobrir*, pensei, enquanto colocava meu capacete e minha proteção bucal.

Bryce demorou para colocar seu equipamento, olhando ocasionalmente para mim, com um sorriso irônico. Mesmo assim, eu me recusei a deixá-lo me incomodar. Eu mal podia esperar para arrancar aquele sorrisinho convencido da cara dele.

— Tá pronto? – falei, ríspida e impacientemente.

— Oh, eu já estou pronto. A pergunta é: você está pronta para mim, *Wild*? – respondeu ele, pulando, bastante equilibrado. Eu tinha que admitir, com o peso dele e o equipamento no lugar, ele *era* intimidante.

— Eu *sempre* estive pronta. E, a propósito, eu prefiro ser chamada de *Cassie*.

Ele riu disso, pondo mais lenha na fogueira. Eu deixei minha ansiedade de lado e deixei a personalidade irritante dele alimentar minha adrenalina. Nós tocamos as luvas e eu entrei em posição de combate logo após ele fazer isso, antes que ele tivesse a chance de estudar meu estilo de luta. Eu comecei com um monte de ameaças de golpes e golpes em si, o que o pegou de surpresa. Eu mordi o lábio para não rir de canto de boca enquanto eu o rodeava, esperando pelo movimento dele.

Bryce assentiu, aprovando e então me atacou com um chute circular, o qual eu rapidamente bloqueei e contra-ataquei com uma série de movimentos que mostraria a ele o quão desafiadora eu poderia ser. Eu pulei e dei uma combinação de chute circular com um *ax-kick*. Em seguida, rapidamente, dei um duro chute de lado. Dessa vez, não consegui conter meu riso de satisfação quando o ouvir resmungar.

— Ok, nada mal – disse ele.

— Eu avisei – disse o Mestre Jordan, que naquele momento estava fora de seu escritório, nos observando. – Ela pode ter acabado de pegar a faixa preta dela, mas ela sempre foi uma artista natural das artes marciais. Os golpes dela são rápidos e certos.

Eu abri meus olhos de forma inocente.

— Bryce, na próxima vez, não se reprima. Venha com tudo. Ou você não é *homem* o suficiente?

Ele deu um sorriso sem graça e abriu a boca para responder quando o Mestre Jordan interrompeu.

— Como eu já disse, cuidado aí, Sr. De Luca. Ela é menor de idade.

— Faço dezoito mês que vem – respondi.

Bryce me encarou por um momento, desanimado.

— Desculpa – disse ele. – Achei que você fosse mais velha.

— E daí? – dei de ombros. – O que *isso* tem a ver com o resto?

Ele franziu o cenho e tomou um gole d'água.

— Esquece – disse ele. – Vamos continuar treinando.

Passamos o resto do tempo treinando vários tipos de chutes. Eu podia dizer que Bryce ainda não estava sendo tão agressivo quanto poderia ser mas, no fim da aula, nós dois estávamos suados e sem fôlego. Quando terminamos, ele tirou o capacete e enxugou a testa com uma toalha.

— Uau, estou mesmo impressionado – disse ele. – Você deu aqueles chutes bem rápido e seu equilíbrio está perfeito. Além disso, eu nunca encontrei oponentes com chutes circulares tão poderosos quanto os seus.

— Então eu fui um desafio? Mesmo para uma garota? – perguntei.

O sorriso dele esvaneceu.

— Para qualquer pessoa. Cassie, desculpe-me se pareci um completo babaca antes. Você com certeza me deu uma lição.

— Você não foi um babaca *completo* – respondi, de modo seco.

Ele deu um sorriso.

— Sério, se me conhecer melhor, vai ver que eu não sou tão mau.

Dei de ombros.

— Se você diz...

— Bem, estarei de volta amanhã à noite, caso você queira dar um pulo aqui e treinar de novo.

— Não sei se estarei aqui amanhã, mas obrigada – respondi, tirando a proteção do peito.

— Ok, bem, talvez eu te veja por aí.

Assenti.

— Claro. Boa sorte com seu próximo campeonato.

— Obrigado.

Peguei minha bolsa de ginástica e comecei a enfiar meu equipamento de sparring nele. Mae, a namorada do Mestre Jordan, se aproximou e me cumprimentou por eu ter recebido minha faixa preta.

— Obrigada – eu disse.

Como sempre, a maquiagem dela estava perfeita e ela estava vestida como se tivesse acabado de sair de uma revista de moda. Seus exóticos olhos orientais cintilarem de prazer. Ela fez um gesto na direção do Bryce.

— Então... você gosta daquele menino?

— O quê? – balancei a cabeça com veemência. – Não... Ele é apenas um instrutor.

Dava pra ver pela expressão dela que ela não havia acreditado completamente em mim. Nem eu, pra ser sincera.

— Cassie, sua... menina muito bonita. Você deveria deixar eu tirar sua sobrancelha e fazer suas mãos. Eu faço isso, de graça. Homens gostam de unhas lindas e sobrancelhas bem-feitas.

Mae é a dona da esmalteria que fica no mesmo mini-shopping onde fica a escola de karatê.

— Ah, não... Tô de boa, Mae – respondi, agora me sentindo consciente sobre minhas sobrancelhas. Eu sabia que minhas unhas eram uma causa perdida, mas eu achava que fazia um bom trabalho tirando minha própria sobrancelha.

Ela inesperadamente agarrou minha mão e olhou para minhas unhas.

— Não. Você vem e me deixa fazer isso pra você. Suas unhas estão... Feias. É meu agrado por você ter conquistado a faixa preta. Amanhã à noite?

Envergonhada e derrotada, aceitei a oferta dela.

— Hm, ok. Obrigada.

Mestre Jordan se juntou a nós e colocou os braços em volta dela.

— Melhor ouvir a Mae. Ela não aceita um NÃO como resposta.

— Nem você – disse ela, firmemente.

— O que eu posso dizer, Mae? Eu não queria privá-la da companhia de um cara tão legal quanto eu. Além disso, você não conseguiria resistir a mim. No fim, você acabou dizendo 'sim'.

Ele na verdade era bem bonito para alguém na casa dos trinta. Cabelos loiros, olhos azuis, corpo perfeito, ele meio que me lembrava o Paul Walker, do filme “Velozes e Furiosos.”

Ela riu.

— Eu cedi para você parar de me fazer passar vergonha na minha loja. Quantas vezes por semana você pedia tanto para fazer os pés quanto para a gente sair?

— Eu achei que você gostava de massagear meus pés.

Ela olhou para os pés dele.

— Fiquei cansada de olhar para os seus calombos.

Mestre Jordan ficou sem graça, mas dava pra ver que ele estava se divertindo.



— Calombos? Mae, assim você está me matando!

Mae e eu gargalhamos. Ela então o pegou pela cintura e o arrastou dali, enquanto ele fazia beicinho, fingindo chorar.

Passei pelo vestiário e fui até a entrada, onde estava Nora, parada, em pé.

— Então o novo instrutor é bem gostoso – disse ela. – Você pegou o número dele?”

Fiquei brava.

— Não! Tá de brincadeira? Ele é instrutor. Além disso, ele é meio irritante.

Ela sorriu.

— Bem, irritante ou não, ele não tirou os olhos de você.

Eu revirei os olhos.

— Devia ser porque estávamos treinando *sparring*, Nora.

Ela balançou a cabeça.

— Não, foi mais que isso.

Pra ser sincera, as palavras dela me agradaram. Eu estava um pouco intrigada com ele; não havia como negar isso. Mas ele era instrutor e era arrogante demais para meu gosto.

— Precisa de carona pra casa? – perguntei a ela.

— Não, o Scott vai me dar um gás – Dessa vez as bochechas *dela* coraram.

– Não é nada demais. Acho que ele mora perto da minha vó. Seja como for, será que você quer dar um rolê neste fim-de-semana? Meu pai me mandou uma cópia do novo CD dele. Nós podíamos ouvir e pedir uma pizza ou algo do tipo. Isso se você já não tiver compromisso.

Aquilo me pegou de surpresa.

— Acho que rola Sábado à noite. Eu ligo pra você.

Nesse instante Scott chegou e empurrou meu quadril com o quadril dele.

— Ei, garota, pronta para o baile dos estudantes?

— Quase – respondi.

Nora ficou sem graça.

— Vocês vão para o baile dos estudantes juntos?

— Como amigos! – dissemos ao mesmo tempo.

O rosto dela se iluminou imediatamente.

— Ah, bom, que legal! Divirtam-se.

— Você não vai? – perguntou Scott para Nora.

Ela balançou a cabeça e começou a pegar fiapos no kimono dela.

— Bom, por quê não? – perguntou ele.

Nora suspirou e levantou os braços.

— Tá me zuando? Consegue me imaginar em um baile de estudantes?

— Na verdade posso sim. Tô meio pasmo que ninguém tenha te convidado — respondeu Scott.

Nora revirou os olhos.

— Não fique. Não é minha praia mesmo. Olha, melhor irmos andando. Tenho que ver a Vovó, saber se está tudo bem com ela.

— Sem problema — disse Scott. Ele se virou para mim. — Falo com você na escola, amanhã.

— Tchau, pessoal — eu disse. — Te vejo amanhã, Nora.

Ela assentiu e eu os acompanhei com os olhos, enquanto eles saíam juntos. Quando ele abriu a porta do passageiro para ela, ela pareceu surpresa; depois, deu um de seus raros sorrisos. De repente, tudo fez sentido para mim; Nora estava totalmente a fim de Scott, e vendo o jeito que Scott respondia para Nora, ele provavelmente sentia o mesmo.

## Capítulo Quatro

Quando peguei Allie na aula de dança dela, ela estava anormalmente quieta.

— Tá tudo bem? – perguntei pra ela.

— Tá – respondeu ela, jogando a cabeça loira de encontro com o banco do carro. Normalmente ela era uma matraca, então eu sabia que algo estava a deixando aborrecida.

Eu desliguei o rádio.

— Desembucha... O que aconteceu?

— Não aconteceu nada.

Allie e eu nem sempre nos dávamos bem, mas ela ainda era minha irmãzinha e eu não gostava de vê-la de mau humor.

— Tá bom. Mas se você precisar de algum conselho...

Ela deixou escapar um suspiro dramático.

— Bem, se você quer mesmo saber... – Então ela disparou a falar sobre um garoto da escola dela, que ela era a fim. Aparentemente, ele a havia provocado na frente de todo mundo, humilhando-a completamente. – Ele até disse que eu só queria chamar a atenção de todo mundo!

Eu tive que ter uma força de vontade enorme para conter o riso. Obviamente ele conhecia a Allie muito bem.

— Olha, os meninos da sua idade são sem noção. Ignore-o e vá atrás de outra coisa, como tirar boas notas, ou sair com suas amigas. Daqui a uns anos, os meninos vão estar atrás de vocês iguais cachorrinhos.

Era verdade, com o cabelo loiro dela, os olhos azuis e o sorriso radiante, ela não tinha absolutamente nada para se preocupar.

— Você parece a mamãe falando – disse ela, amuada.

Eu fiz uma careta, embora nesse aspecto eu concordasse com minha mãe.

— Bem, dessa vez ela está certa.

Allie ficou quieta novamente e pegou o celular dela. Um minuto depois, ela estava conversando com Kylie, a irmã caçula da Paige. Elas eram amigas íntimas. Elas bateram papo por uns minutos, fazendo planos para o fim-de-semana. Quando ela desligou, ela era a menina feliz de sempre novamente.

— Kylie quer assistir a um filme neste fim-de-semana e quer que nossa turma durma na casa dela.

— Parece divertido – respondi.

Os olhos de Allie brilharam.

— Ei, você deveria vir também. Nós podemos pedir uma pizza e nadar na piscina coberta à noite. É *muito* legal.

A mãe da Paige e da Kylie, Kristie, havia se casado recentemente com um cara rico chamado Dan. Ele era dono de vários restaurantes na região e agora elas moravam em uma mansão enorme com duas piscinas, uma quadra de tênis e um estande de tiro. Allie passava mais tempo lá do que em casa.

Eu apertei as pálpebras, desconfiada.

— Kristie não vai estar lá? Isso pode dar problema.

— Como assim? – perguntou ela, parecendo confusa.

Kylie era uma boa garota, mas ela parecia atrair problemas, mesmo quando não queria. Minha mãe dizia que Kylie a fazia lembrar da própria Kristie quando ela era pequena. Nossas mães costumavam brincar juntas na infância, e eu acho que Kristie havia sido uma verdadeira peste quando estava crescendo. Pra dizer a verdade, ela ainda era bem agitada e você nunca sabia o que ela iria dizer ou fazer. Kylie tinha esse mesmo espírito agitado da mãe e isso havia colocado tanto Allie quanto ela própria em encrenca, no passado.

— Esquece. Bem, parece interessante, mas eu prometi para a Nora que eu sairia com ela no Sábado à noite. Ela está deprimida pelo fato de o pai dela estar longe. E ela perdeu a carteira de motorista uns meses atrás e não tem muitos amigos.

— Nora? Demais, convide ela também! Tenho certeza de que a Paige não vai ligar.

Eu bufei.

— Duvido. A Nora assusta a maioria das pessoas. Eu não imagino a Paige ficando contente com a ideia da Nora na casa dela.

— Mas tente – implorou Allie. – Seria tão divertido! Faz décadas que eu não vou em uma festa do pijama. Geralmente somos só a Kylie e eu.

Dando de ombros, eu disse:

— Acho que não custa perguntar.

— Vai ser muito divertido! – respondeu minha irmã, toda empolgada. Ela ligou o rádio e começou a cantar e a se remexer com a música. – Ei, é nossa música!

Ironicamente, a música a qual ela se referia chamava “*Wild Ones*”<sup>[13]</sup> do Flo Rida, que Allie sempre toca va para mim no iPod dela.

— Allie, não se esqueça de ver com a mamãe também! – gritei, pra ser ouvida mesmo com a música.

Ela assentiu, e então se inclinou e me deu um beijo inesperado na bochecha. Diferente de mim, ela não tinha vergonha de mostrar afeto pra ninguém.

— Eu vou de rolê com minha irmã – cantou ela. – “*The Wild One!*”

Eu sorri para ela. Allie estava crescendo rapidamente mas, para mim, ela seria sempre aquela coisinha travessa dançando com um arquinho torto e vestido



Mais tarde, naquela noite, quando minha mãe leu as informações sobre a vacina da gripe, ela ficou furiosa. Ela amassou a folha e a jogou no lixo.

— Isso é ridículo. Eles não podem nos obrigar. Eu vou ligar na escola.

Eu revirei os olhos.

— Mãe, não há nada que você possa fazer. Talvez nós devêssemos simplesmente tomar essa vacina idiota.

Minha mãe colocou as mãos na cintura.

— Você está de brincadeira comigo? Absolutamente não! Você reparou que nossa família não pegou doença alguma? É porque *nós* não tomamos essas vacinas estúpidas para gripe. Se tivéssemos tomado, provavelmente estaríamos tão doentes quanto todo mundo.

— Desculpe... — murmurei.

Allie fez beicinho.

— Mãe, eu *tenho* que ir para a escola. Há uma prova *importante* semana que vem — Eu também sabia que ela não queria ficar longe das amigas e do carinho que ela gostava. Minha mãe colocou as mãos nos ombros da Allie.

— Não se preocupe, docinho. Eu vou dar uns telefonemas e cuidar dessas coisas.

Eu me levantei do sofá e me alonguei.

— Bem, se não podemos ir para a escola, eu definitivamente não vou ficar de bobeira na Daycare Central<sup>[14]</sup> — eu disse.

— Eu tenho certeza de que você vai achar algo para fazer. Senão, você pode fazer algumas coisas para mim, como pegar o seu vestido do baile dos estudantes.

Embora eu não estivesse empolgada com a ideia de usar um vestido, minha mãe havia me ajudado a escolher um que eu realmente havia gostado; um vestido de gala sem alças, com uma faixa na cintura, vermelho-coral que fazia minha cintura parecer menor e minha pele bronzeada.

Após o jantar, enquanto minha mãe desinfetava a área da creche em casa, eu tomei um banho, depois me reitirei para meu quarto e liguei a televisão. Havia notícias em todos os canais, cobrindo a epidemia de gripe. No canal Onze, a mãe da Eva King, Veronica, estava entrevistando um porta-voz do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (C.P.D.). Eu, na verdade, gostava da mãe da Eva, a quem eu tinha conhecido no ensino fundamental, em uma festa de aniversário. Embora ela fosse meio que uma celebridade, ele jamais havia agido de modo esnobe ou frio. De fato, ela era realmente doce com todo mundo, diferente da filha dela.

Mas Veronica definitivamente não era ela mesma aquele dia; ela parecia extremamente doente. O rosto dela, geralmente corado, estava pálido, o nariz estava vermelho e seus olhos azuis estavam marejados. Normalmente ela tinha uma aparência muito profissional, com nadinha fora do lugar.

— Aqui fala Veronica King, e se você acabou de nos sintonizar, estou com o Dr. William Blake do Centro de Controle de Doenças na tela. Estamos conversando sobre esse novo vírus da gripe ao qual muitos estão se referindo como 'O Rastejante', porque ele chega de fininho e depois ataca a pessoa com tudo. Isso resume tudo, Doutor?”

— Correto — respondeu o Dr. Blake, formalmente. Ele tinha mais de cinquenta anos, magro, com pequenos óculos redondos e cabelo fino e grisalho, que quase não cobria o topo da cabeça.

— Obrigado novamente por estar aqui conosco, Doutor. Como eu disse antes, esse vírus tem se espalhado em uma taxa alarmante. Já afetou o país inteiro — disse ela com voz rouca, pigarreando em seguida. — Desculpe-me. Eu quero dizer o *mundo* inteiro. A grande pergunta esta noite é 'Como podemos controlar essa epidemia crescente'?

— Isso é fácil, Senhorita King, nós a controlamos tomando decisões inteligentes, como tomar a vacina. É mandatório, especialmente para os velhos e as crianças pequenas.

As pálpebras de Veronica se cerraram.

— E você aprova essa vacina totalmente? Mais cedo, nós ouvimos outros especialistas da área de Medicina dizerem que eles não acham que a vacina tenha um efeito significativo o bastante contra esse vírus. Milhões de pessoas já contraíram sintomas graves da gripe, mesmo após terem sido vacinadas. Salas de emergência têm estado lotadas e não dão conta nem de tratar os pacientes de modo apropriado. Eles tiveram que recusar pacientes. Deixe-me fazer uma pergunta, o C.P.D. Está trabalhando em uma versão melhorada da vacina atual?

Dr. Blake pigarreou.

— Sim, bem, nossos cientistas têm trabalhado vinte e quatro horas por dia para avaliar e melhorar a vacina atual. Mas esse tipo de procedimento ainda leva um tempo considerável. Eu não posso deixar de enfatizar, no entanto, quão importante é tomar a vacina atual que está disponível agora.

Franzindo o cenho, Veronica perguntou:

— Pra quê fazer isso se ela parece não estar funcionando? E essas pessoas que foram hospitalizadas? Há quantidades incontáveis de pacientes que entraram em coma; relatórios indicam que todos receberam a vacina.

Dr. Blake sorriu presunçosamente.



— Eu posso garantir que se eles não tivessem sido vacinados, teriam provavelmente morrido. Estamos bem confiantes que a vacina amenizou os sintomas e salvou muitas vidas até agora.

Ela respirou profundamente.

— Bem, espero que você esteja certo. Uma última coisa... Tem havido acusações de certos líderes das Nações Unidas, os quais afirmam que o vírus foi criado por terroristas, tendo como alvos específicos países apoiados pelos Estados Unidos. O que você tem a dizer sobre isso?

Ele riu e coçou a parte superior do nariz.

— Pura bobagem. Sejam os francos, um vírus terrorista? É apenas uma epidemia de gripe sazonal. Em uma ou duas semanas teremos uma vacina mais potente disponível para a população e isso tudo já não parecerá uma crise tão grave. É só gripe, nada mais.

Veronica fungou e pegou um lenço.

— Com licença – Ela assoou o nariz e deu um sorriso fraco – Um vírus da gripe... Bombado?

— Se você quiser chamá-lo assim.

— Ok. Obrigada por estar aqui conosco essa noite, Dr. Blake. Aqui é Veronica King da WCCL, lembrando a todos para continuarem tomando suas vitaminas e fazerem um estoque de lenços.

Eu suspirei e desliguei a TV.

Ouvi uma batidinha na porta e minha mãe colocou a cabeça para dentro.

— Cassie, é a Paige no telefone – disse ela.

— Uau... Bela aparência, mãe – eu disse. Mechas de cabelo castanho saíam de uma touca plástica e o rosto dela estava coberto com uma meleca verde e grossa.

Ela sorriu e deu um tapinha na cabeça.

— Ah, você gostou disso?

— Está incrível. O papai vai amar, sério.

Os olhos cor de avelã dela brilharam de alegria.

— Acha mesmo? Seu pai e eu vamos a uma festa neste fim de semana e eu odiaria deixá-lo envergonhado.

— Ele vai ser motivo de inveja de todos os outros caras com você ao lado dele.

Ela saiu e eu pude ouvir a risadinha dela enquanto ela descia a escada.

Peguei o telefone.

— Oi.

— Oi, Cassie.

— Então, eu ouvi falar sobre a festa do pijama.

— É, mas infelizmente eu tenho planos com a Nora para Sábado à noite.

— Bem, você acha que ela iria querer ficar com todas nós? Eu não tenho nenhum plano para este fim-de-semana e meus pais vão sair. Contanto que ela se comporte, poderíamos nos divertir.

Eu ri.

— Vamos ser honestas, a Nora não é *tão* ruim assim. Ela deu uma quebrada na Eva King no banheiro da escola hoje de manhã, foi demais! Vocês duas podem ter mais em comum do que você pensa.

— Sério? Bom, se for assim, ela está com certeza convidada. Dá um toque do que ela vai falar.

Após conversar com Paige, liguei para Nora para descobrir se ela iria na Paige no Sábado à noite. Felizmente, ela gostou da ideia.

— Então ela tem uma piscina? Parece ser legal. Eu irei – disse Nora.

— Tá. Eu aviso a Paige.

— Perfeito!

Eu desliguei o telefone quase ao mesmo tempo em que Allie entrou correndo no meu quarto.

— Dá licença? Bata antes de entrar – eu disse.

Os olhos dela estavam arregalados.

— Oh, meu Deus... Você tem que ver as notícias! Um hospital no França foi atacado por um bando de pacientes loucos. Acho que estavam agindo feito canibais, um comendo a carne do outro! Dá pra acreditar? Que nojento deve ser!

Eu me espantei.

— Sério?

Ligamos a TV e, claro, todos os canais estavam noticiando o incidente. Em um canal, um repórter estava na frente do Hospital francês, que estava cercado pela polícia local.

— Até agora, há relatos de pelo menos cinquenta vítimas fatais desse ataque bizarro. O prédio agora está seguro e tudo parece estar sob controle. Pelo menos dez pessoas foram presas ou detidas; todos pacientes que estavam sob tratamento neste hospital quando o fato aconteceu. Teremos mais informações a qualquer instante.

— Tá, já chega – eu disse, desligando a TV. – Não quero mais saber disso. Essas coisas me dão pesadelos, então, se quiser ver as notícias, vá para o seu quarto.

Allie soprou as unhas recém-pintadas.

— Não, tô de boa. É assustador assistir a isso para mim também. Mudando de assunto... Você falou com Nora sobre Sábado?

— Sim, e ela está a fim – falei, pegando meu iPod.

— Legal. Eu gosto da Nora e eu *adoro* a tatuagem dela.

Nora tinha várias tatuagens, mas Allie estava se referindo a uma pequena fada que ela tinha na base do pescoço. Uma fada azul coberta com cota de malha, cara de brava e que parecia estar pronta para botar pra quebrar.

Encarei minha irmã, surpresa; pelo que eu me lembrava, ela sempre havia sido uma garotinha do tipo princesinha.

— Aquilo não é meio *dark* para o seu gosto?

Ela me encarou como se eu fosse um ET.

— Não. Vou até ver se posso pôr um piercing no nariz, no meu aniversário, este ano.

Eu bufei.

— Boa sorte com isso. Eu gostaria de ver a cara do papai quando ele te visse com um troço desses.

Ela pôs as mãos na cintura e fez cara de brava.

— A mamãe vai deixar.

— Sei...

Allie resmungou alguma coisa e saiu do quarto.  
pensei. *Eles acham que sabem tudo.*

*Pré-adolescentes,*

## Capítulo Cinco

Eu acordei na terça sem o Jed me espiando ou sem quaisquer resquícios de um pesadelo no qual alguém tentava comer meu cérebro. Quando eu entrei no banheiro sem nenhuma criança me seguindo, eu tive que me beliscar para ter certeza de que eu não estava sonhando. A casa estava *tão* estranhamente quieta que eu me senti desconfortável e não consegui aproveitar.

Quando entrei na cozinha, meu pai estava tomando o café da manhã e lendo o jornal.

— Bem, esse é o tipo de mudança boa – comentou ele, assim que terminou uma tigela de cereais. Normalmente nós levamos o café da manhã dele para o andar de baixo, para a *Caverna de Macho*.

— Boa? É *esquisita*. Megan é a única criança aqui e está quieto demais – respondi.

— Eu gostaria desse *esquisito e quieto* todos os dias – disse ele, olhando para o relógio. – Bosque, estou atrasado. Tchau, meu anjo.

Ele se levantou e beijou minha cabeça.

— Até depois, pai.

Nesse instante a pequena Megan, uma garotinha de dois anos, entrou com tudo na cozinha, dando risadinhas.

— Oi, Cassie! – gritou ela.

— Oi, Megan – respondi, enquanto ela se jogava em mim, abraçando firmemente minhas pernas. Nós tomávamos conta dela desde que ela era bebê e eu tenho que admitir que ela tinha um lugar especial no meu coração.

Eu me ajoelhei e desarrumei o cabelo dela.

— Oh...Seu cabelo está tão bonito hoje!

O cabelo loiro e curto dela estava esticado até formar dois pequenos rabos de cavalo. Ela os tocou, orgulhosa, e sorriu com aqueles olhos grandões dela.

— Cadê Jed? – perguntou ela.

Eu cutuquei a barriga dela.

— Não sei.

Ela riu e perguntou:

— Cadê Daniel?

— Não sei – eu disse, dessa vez fazendo cócegas nela.

Ela gargalhou e eu continuei fazendo cócegas nela. Quando ela enjoou da brincadeira, eu a coloquei no colo e ela perguntou sobre as outras crianças da creche. Eu suspirei.

— Desculpa, eu não sei de verdade. Eu acho que a maioria deles está doente e ficou em casa com as mães até melhorar.

Minha mãe entrou na cozinha e me informou que todo mundo *estava* doente com gripe. Exceto Megan e a mãe dela, Sara, que estava grávida de seis meses.

— Graças a Deus que Sara não está doente – eu disse.

— E ela *não* vai tomar a vacina também. Eu a convenci a não fazer isso – disse minha mãe, orgulhosamente.

— Papai dodói – disse Megan, e era verdade. Ela então saiu em disparada para a área de brinquedos.

— Oh. Tomara que elas não peguem a doença dele – eu disse.

— Ouvi dizer que Kevin está muito mal e quer que Sara fique longe dele. Eu disse para Sara que ela poderia ficar aqui se ela quisesse, já que os pais dela moram a horas de distância e ela ainda tem que trabalhar. Pelo menos até o pai da Megan melhorar. Mas ela recusou. Ela não quer incomodar. Além disso, ela mesma quer cuidar dele.

— Oh – eu disse. Olhei para o cabelo da minha mãe. Estava lindo com as novas luzes e os cabelos brancos pintados. – Seu cabelo está ótimo, mãe.

Ela sorriu para mim.

— Obrigada, querida.

— E você perdeu peso? – perguntei.

— Um pouco, talvez – respondeu ela, olhando para baixo. – Eu não tive tempo de comer muito esta semana com todas as crianças doentes. Eu estou, pra ser sincera, aliviada que a maioria delas não esteja aqui hoje.

— Eu também – respondi. Quando as crianças estavam por ali, a minha fobia de germes ficava em alerta máximo. Ultimamente, ela estava recuando.

Minha mãe ligou a pequena TV que ficava no balcão da cozinha. Ela colocou café numa xícara para ela, e começou a navegar pelos canais.

— Eu vou para a aula de karatê hoje à noite, mãe – eu disse para ela.

— Hm? – respondeu ela, sem prestar atenção.

Eu ergui a voz.

— Eu disse que não chegarei antes das oito hoje à noite. A Mae vai fazer minhas unhas da mão na faixa e depois eu vou para o karatê.

Ela se virou para mim e colocou a mão em meu ombro.

— Desculpe-me, querida. Eu não estava tentando te ignorar. Eu só estava tentando ver se há novidades sobre a crise na Europa.

Eu peguei um bolinho de mirtilo<sup>[15]</sup> recém-assado que estava em cima do fogão.

— Crise? Você diz aquele ataque no hospital francês?

Ela tomou um gole de café.

— Bem, há uma onda de violência e tumulto em outros países também. França, Alemanha, Itália, em todo canto. É meio louco.

— São ataques terroristas?

— Aí que está o negócio... Ninguém sabe com certeza quem está fazendo isso e o porquê de continuar acontecendo. O governo não está liberando nenhuma informação e a mídia está perplexa. É realmente... *bizarro*.

— Bem, tenho certeza que logo tudo isso passa – respondi, sem dar muita importância. Para mim, parecia que aquela violência toda era bem normal pelo mundo inteiro a qualquer momento.

Ela deu de ombros e desligou a televisão.

— Você pode pegar a Allie hoje à noite na Kylie? Elas estão trabalhando em um projeto de ciências. Assim a mãe dela não precisa levá-la para casa.

— Tá, mas não antes das oito.

— Tudo bem. Eu aviso a elas. Obrigada, querida.

~~~~

Minha caminhonete despertou para a vida e depois fez uns barulhos, como se estivesse engasgando, enquanto eu dirigia para a casa da Paige. Quando ela subiu na caminhonete, ela olhou para mim nervosamente.

— Você tem *certeza* que chegaremos na escola com essa bagaça? Parece estar bem ruim.

Eu ergui as sobrancelhas e menti descaradamente.

— Pessoa de pouca fé... Claro que tenho certeza!

— Bom... Ok.

— Você se preocupa demais, Paige.

Ela deu de ombros e seus olhos se arregalaram.

— Eu esqueci de te contar! Adivinha só!

— O quê? – perguntei.

— Minha mãe fez uma tatuagem no fim das costas! Uma borboleta!

Eu sorri.

— Sua mãe fez uma *tramp stamp* ^[16]?

Esse era o jeito que alguns caras da minha escola gostavam de chamar as tatuagens no fim das costas.

Ela assentiu.

— Oh, meu Deus... Sim! Dan a obrigou a fazê-la.

— Eu tenho certeza que sua mãe não iria deixar de falar alguma coisa.

Kristie não era exatamente uma “banana”. Ela tinha uma língua afiada e o corpo de uma amazona para ajudar.

— Sei lá, mas se ela começar a colocar piercings em lugares estranhos, eu vazou daquela casa.

Eu gargalhei tentando imaginar Kristie com um piercing na língua e uma nova pronúncia devido a isso.

— Não tem graça – disse Paige, tentando conter o riso. Meus olhos estavam cheios d'água de tanto que eu ria.

— Ah, qual é. É engraçado!

Ela cruzou os braços.

— Ok, imagine sua mãe com um piercing no nariz ou em algum lugar bem mais pra baixo.

Eu fiz uma careta.

— Certo, não tem graça nenhuma.

A caminhonete fez uns barulhos estranhos e nós nos olhamos, preocupadas.

— Apenas... nos leve para a escola, por favor – implorou Paige.

Eu assenti e seguimos em silêncio, nervosamente. Milagrosamente, nós chegamos adiantadas.

— Ótimo, é a Eva – eu murmurei, vendo-a estacionar o carro vermelho dela ao lado do nosso. Para piorar as coisas, minha caminhonete morreu quando ela saía do carro.

Eva nos ignorou completamente, o que era uma grata surpresa para nós duas. O jeito que ela assoava o nariz deixou claro o motivo disso.

A aula foi bem rotineira nesse dia, embora houvesse ainda menos alunos que no dia anterior. Muitos trouxeram autorizações assinadas pelos pais e a fila que levava para a quadra, onde as vacinas estavam sendo aplicadas, parecia não ter fim.

Já que eu não ia tomar vacina alguma, fiz o possível para não ficar doente, tomando comprimidos de vitamina C e bebendo chá verde engarrafado o dia inteiro. Quando o sinal da hora da saída bateu, minha caminhonete era quase o último veículo restante no estacionamento, e alguém teve que empurrá-la para ela pegar.

— Vejo você amanhã – perguntei a ela.

— Acho que vou pegar carona com o Jeremy – respondeu Paige. – Dá um toque se você quiser carona também.

Eu assenti, com esperanças de que minha caminhonete aguentasse mais alguns dias. Provavelmente já era hora de falar com meu pai sobre o conserto dela.

Quando cheguei à esmalteria, a Mae me recebeu literalmente de braços abertos, e depois olhou minhas sobrancelhas com reprovação.

— Sobrancelhas primeiro – disse ela, e então me arrastou para o fundo da loja, onde ela me fez sentar em uma cadeira de couro reclinável, com encosto alto. Ela desceu a cadeira até eu ficar de cara com ela. Pegando um pequeno pente, ela

penteou minha sobrancelha e depois cuidadosamente espalhou algo quente acima das minhas pálpebras.

— Cera – murmurou ela, encarando atentamente minhas sobrancelhas detonadas.

— Oh.

— Relaxa – mandou ela, pressionando-as firmemente. Fechei meus olhos quando ela arrancou uma faixa de pelos.

— Ahhh! – eu gritei.

Ela deu um sorriso irônico.

— Não foi tão ruim.

Quando Mae passou cera sobre meu outro olho, eu agarrei os braços da cadeira e esperei ela contar.

— Um, dois... – e puxou.

Eu me contorci e olhei para ela.

— Ei! O que aconteceu com o *três*?

Ela deu uma batidinha no meu braço e riu.

— Melhor assim. O pelo sai mais fácil quando você não está tensa.

Mae então pegou pinças e começou a arrancar pelos. Quando ela pareceu estar satisfeita com o resultado, ela aplicou um tipo de gel que aliviou imediatamente minha pele irritada. Ela me entregou um espelho; minha pele estava rosa acima dos olhos, mas devo admitir, minhas sobrancelhas pareciam definitivamente mais *sofisticadas*. Eu dei um grande sorriso e assenti, aprovando.

— Acabaram as taturanas – disse ela, orgulhosamente.

— Sim, obrigada.

Em seguida, Mae me passou para a manicure.

— Esta é Ming – ela disse, virando-se para a jovem. – Francesinhas. Tamanho médio.

Ming assentiu e me deu um olhar simpático enquanto examinava minhas unhas.

— Bem ruins, hein? – perguntei.

Ela deu de ombros e então começou a transformar minhas unhas toscas em algo menos patético. Quarenta e cinco minutos depois, após agradecer Mae do fundo do coração, eu saí da esmalteria, incapaz de parar de olhar para minhas novas francesinhas. As pontas de meus dedos jamais tinham estado tão limpas e brancas.

Caítulo Seis

Eu estava morta de fome quando saí da Mae, mas não tinha tempo para parar em lugar nenhum para pegar comida. Eu me lembrei de uma máquina de venda automática na escola de karatê, então fuzei na minha bolsa e encontrei uns trocados.

A escola fica no mesmo mini-shopping, duas lojas distante da esmalteria. Assim que parei minha caminhonete para pegar minha bolsa de artigos esportivos, eu vi a moto de Bryce estacionada ali perto, e borboletas começaram a voar no meu estômago. Eu respirei fundo e fui em direção da porta.

Não havia ninguém na recepção, a recepcionista não estava lá, mas a máquina de vendas estava cheia, por sorte, com um dos meus salgadinhos favoritos. Comprei um saquinho de batatas fritas sabor pickles e praticamente engoli tudo com uma garrafa de água. Sabendo estar sozinha, arrotei silenciosamente e entrei em pânico; *meu hálito estava horrível!* Fuzei nos bolsos de minha calça e achei dinheiro suficiente para comprar Halls. Pelo menos eu não atacaria ninguém com meu bafo.

Entrando no vestiário, eu preendi meu cabelo em um rabo-de-cavalo, passei rímel e um pouco de brilho labial que minha irmã havia me dado na noite anterior. Com minhas sobrancelhas novas, eu tinha que admitir que minha aparência estava ótima.

Ao ver as horas, percebi que estava me atrasando, então corri para colocar o kimono. Amarrei o cinto rapidamente e entrei respeitosamente no dojo.

Bryce e Scott estavam em um canto praticando com *Bokkens*, que são espadas Samurai de madeira, para treinamento. Eu encarei Bryce brevemente enquanto ele pulava sobre a Bokken de Scott e contra-atacava. Meu coração disparou enquanto eu os via desviando, pulando e se atacando um ao outro de modo tão sinuoso. Embora eu pudesse ver que ambos fossem extremamente talentosos com as espadas, não tinha como negar que o especialista ali era Bryce.

Quando eles terminaram, Scott me cumprimentou com um sorriso amistoso enquanto Bryce mal notou minha presença, dando apenas um aceno de cabeça enquanto guardava seu equipamento. Isso foi enervante, especialmente após o jeito que ele havia me provocado logo no dia anterior.

— Cassie — disse Scott, ajoelhando-se próximo a mim enquanto eu alongava as pernas. — Eu estava querendo te perguntar... O que *você* acha da Nora? Eu havia me esquecido completamente dela.

— Nora? Cadê ela? Ela deveria estar aqui. — Pensando bem, eu não me lembrava de tê-la visto cedo, na escola.

Ele recostou o rosto em uma das mãos e suspirou.

— Bem, eu fui pegá-la antes e ela estava aborrecida. Ela não está conseguindo falar com o pai dela, não sabe em que cidade ele está, exatamente, e com toda a violência que está acontecendo na Alemanha, ela está entrando em pânico. Ela ficou em casa para acalmar a avó dela e descobrir o que está acontecendo.

Eu fiquei em pé em um estalo.

— Oh, droga! Talvez eu devesse ligar para ela e ver se posso ajudá-la, de algum modo.

Scott balançou a cabeça e riu ironicamente.

— Eu duvido que ela vá ser muito receptiva. Eu fui até lá ver se podia ajudar, mas ela basicamente me disse para eu ‘me mandar’.

Eu suspirei.

— Tenho certeza que ela só está chateada.

— Nem me diga. Seja como for, era por isso que eu quis perguntar para você sobre ela. Eu realmente não a conheço fora da aula. Pra mim, parece que ela anda por aí dando uma de *durona* a maior parte do tempo. Ela parece ter essa barreira contra flertes em volta dela. Daí, às vezes, ela me surpreende agindo normalmente, quase meiga. Eu acho que ela chegou a *me paquerar* ontem.

Eu sorri.

— Você acha que ela gosta de você?

Ele bufou.

— Bem, ela tem um jeito estranho de demonstrar.

— Sério, Scott, eu mesma sei muito pouco sobre ela. Ela não fez muitos amigos na escola; ou ela assusta o pessoal com o jeito dela ou simplesmente os afasta de propósito. Pra ser sincera, fiquei chocada quando ela pediu para sair comigo neste fim-de-semana.

Nesse momento Bryce chegou como um touro, interrompendo nossa conversa.

— Ei?

— Sim? – respondi.

Ele analisou meu rosto por um minuto.

— Vocês vão ficar sentados aqui perdendo tempo ou vão querer realmente aprender algo hoje?

A grosseria dele me surpreendeu e me irritou. Eu o encarei.

— Claro, mas quem pôs você no comando?

Bryce colocou as mãos na cintura.

— Como é? Esses não são modos de se falar com um instrutor, *Wild*, – ele respondeu, asperamente.

— Respeito deve ser merecido – eu contra-ataquei.

Um músculo se contorceu na mandíbula dele e nós nos encaramos. Antes que eu tivesse chance de recuperar o fôlego, ele se mandou.

Olhei para Scott.

— Que bicho mordeu ele?

Ele deu de ombros.

— Sei lá. Ele estava de boa antes.

Eu dei uma olhada em Bryce, que agora estava no celular. Pela expressão no rosto dele, ele estava no meio de uma discussão acalorada.

O Mestre Jordan aproveitou aquele momento para sair de seu escritório, de bom humor, como sempre

— E aí, pessoal! Olhem só, o Bryce vai ajudá-los hoje com o treino. Eu prometi para Mae que a levaria para jantar essa noite.

Suspirei profundamente.

— Ótimo.

Mestre Jordan me pegou pelo braço e me levou por canto.

— Que foi? O Bryce está te incomodando?

Balancei a cabeça.

— Na verdade, não. Ele só é...chato.

Ele coçou sua barba bem aparada e disse:

— Bem, eu dei uma dura nele hoje à tarde pelo que ele fez ontem. Este é uma escola de karatê respeitável, não um local de paquera.

Eu o encarei, passada.

— Como assim?

— Qual é, eu vi o jeito que ele estava dando em cima de você ontem.

Envergonhada, abaixei os olhos.

— Oh.

Ele colocou a mão em meu ombro.

— Cassie, se ele te der trabalho, me avise imediatamente. Ligue para mim, mande um SMS, o que for preciso. Mas, sinceramente, não acho que você deva se preocupar com ele; ele é mesmo um cara legal. Ele só precisa ser lembrado *quem e o quê* ele está representando aqui na escola.

— Bem, não se preocupe comigo. Eu sei tomar conta de mim mesma, com certeza.

Secretamente eu não havia me importado com nosso flerte de ontem. Na verdade, desde então eu só havia pensado nos olhos penetrantes dele. Era uma das razões para eu ter ido à aula naquele dia.

— A propósito – disse Mestre Jordan, erguendo minhas mãos e examinando a ponta de meus dedos. – Suas unhas estão adoráveis... Para uma

máquina de matar.

Eu dei uma risadinha.

— Obrigada, *Sensei*^[17].

— Agora, minha cara Cassie, acho que estão esperando por você – ele disse, soltando minhas mãos e me virando na direção contrária.

Bryce evitou olhar em meus olhos, o que me deixou ainda mais irritada. Eu não havia feito nada para merecer aquela atitude cruel dele.

— Vejo vocês semana que vem! – acenou o Mestre Jordan, saindo da escola.

Enquanto eu acenava de volta, peguei Bryce me encarando novamente. Ele olhou para o outro lado e tomou um pouco d'água.

— Prontos? – perguntou ele, finalmente. Então, ele nos colocou lado a lado para fazermos várias flexões e abdominais.

Na meia hora seguinte, treinamos vários socos e chutes difíceis, o que eu normalmente gostaria de fazer. Bryce estava tão intolerável que até Scott percebeu e começou a ficar frustrado.

— Cara, o que tem de errado com você? Desde que a *Wild One* chegou, você tem nos maltratado!

Eu quis chutar o Scott por ter dito aquilo. Ele gostava de me provocar com o meu apelido, também.

O rosto de Bryce inflamou.

— Olhem aqui – ele disse. – Vocês dois são faixas pretas agora e estou aqui para ensinar vocês, não para deixar as coisas fáceis ou confortáveis.

— É, mas você não precisa ser tão babaca – respondeu Scott.

Bryce sorriu friamente.

— Se você não consegue acompanhar o jeito que eu ensino, sinta-se à vontade para ir embora.

— Essa é a melhor coisa que você disse a noite inteira. Fui – disse Scott, pegando sua mochila de equipamentos esportivos. Ele murmurou algo bem baixinho e saiu chutando tudo do dojo. No fundo, eu sabia que ele queria sair mais cedo para ir ver a Nora. Dava pra ver que ele já estava apaixonado por ela.

Bryce virou-se em minha direção com uma expressão de pedra.

— E você, *Wild One*?

Eu levantei o queixo de modo desafiador.

— O que tem *eu*?

— Você acha que sou muito exigente?

— Você é um pouco... intenso.

A boca de Bryce se contorceu em uma risada irônica. Ele passou a mão por seus cabelos ondulados, e me encarou de modo franco.

— Sabe, tem algo diferente em você hoje. Você mudou algo... no cabelo ou no rosto.

Eu dei de ombros. Eu com certeza não iria contar a ele que havia tirado as sobrancelhas com cera quente. Em vez disso, eu disse:

— Será que é o jeito que meus olhos estão te encarando? Peraí! Eles estavam fazendo o mesmo ontem.

Ele desviou os olhos e riu.

O humor dele estava tão inconstante que eu me perguntei se ele ao menos estava ciente de estar levemente transtornado.

— Já acabamos? Porque eu acho que não quero passar mais meia hora com alguém que obviamente tem algo contra mim.

Bryce me olhou, confuso.

— Não entendi.

— Você está me dando patadas desde a hora em que eu cheguei. Não tenho certeza do que eu fiz para te ofender tanto – falei e comecei a me afastar.

Ele segurou meu braço.

— Você não me ofende nem um pouco.

— Bem, você tem um jeito estranho de demonstrar – respondi, olhando para ele.

Os olhos dele buscaram os meus e se tornaram mais suaves.

— Seus olhos são tão...fascinantes – disse ele, ainda segurando meu braço.

Eu já havia ouvido elogios para meus olhos antes, o que sempre me deixava resabiada, já que eu achava que eles eram olhos castanhos bem normais. Minha mãe diz que é porque meus cílios são grossos e compridos.

Ele se afastou e pigarreou.

— Bem, ouça, está ficando tarde e tenho que ir pra casa. Nós podemos considerar o trabalho de hoje encerrado.

Eu assenti

— Eu tenho mesmo que ir pegar minha irmã.

Bryce começou a apagar as luzes do dojo e eu fui até o vestiário para tomar uma ducha e passar uma escova no cabelo. Quando saí do vestiário, eu o encontrei me esperando na entrada com jeans desbotados e uma camiseta azul justa. Ele estava no celular, claramente frustrado com quem quer que seja que ele estivesse conversando. Eu acenei para ele e ele desligou.

— Peraí, eu te levo até lá fora – disse ele, vestindo uma jaqueta marrom de couro.

— Ok – respondi.

Ele trancou a porta de entrada, ativou o alarme e andou ao meu lado.

— Bela noite – ele disse, olhando para o céu.

Uma brisa suave soprava e as estrelas cintilavam acima de nós.

— É – respondi.

Ele foi comigo até minha caminhonete e ficou me olhando fuçar em minha bolsa, procurando as chaves.

— Ouça – disse ele, pigarreando. – Sinto muito sobre antes. Eu estava sendo meio idiota, acho.

— Você acha? – perguntei, ríspida.

Ele deu de ombros.

— Eu só... Tem uns negócios rolando lá em casa – disse ele, colocando as mãos nos bolsos.

— E o Mestre Jordan também te repreendeu.

Bryce riu.

— Ele te contou, né? Bem, ele *estava certo*. Eu saí da linha. Deveria ter sido mais profissional.

— Não foi nada. Não me incomodou.

— Bom, pois eu não estava tentando te incomodar – ele disse, afastando o olhar. – Você apenas... me intriga, acho.

Eu corei.

— Eu intrigo você? – Eu não acreditava que um cara me achasse intrigante. Especialmente um que *fosse* incrivelmente gostoso.

Ele se virou para mim novamente.

— Sim... Mas sou um dos seus intrutores de Karatê e provavelmente velho demais para você.

Eu examinei o rosto dele, tentando descobrir quão velho ele era, na verdade. Ele tinha uma mandíbula forte, já azulada da barba, e sobrancelhas grossas e espessas, que enfatizavam o azul de seus olhos. Ele era definitivamente bonito, mas não do tipo perfeito que você lê em romances melosos. O nariz dele era ligeiramente torto e havia uma cicatriz branca perto de sua covinha no queixo.

— Então, quantos anos você *tem*?

Ele sorriu.

— Vinte.

Não era tão ruim, embora eu soubesse que meus pais não ficariam empolgados sobre eu estar namorando alguém quase velho o suficiente para frequentar bares^[18].

O celular dele vibrou e ele franziu o cenho.

— Bem, melhor deixar você ir embora. Tenho que atender essa ligação; provavelmente é minha mãe, de novo.

— Ok. Te vejo por aí – eu disse, entrando na minha caminhonete.

Ele se virou e começou a andar em direção da moto dele.

Eu admirei o traseiro dele novamente enquanto colocava a chave no contato. Houve um 'clique' alto quando virei a chave, mas apenas isso, infelizmente. Após outras tentativas para dar partida, Bryce percebeu e correu de volta. Eu abaixei o vidro

— Abra o capô – ele disse.

Eu o obedeci e ele começou a mexer no motor.

— Tente de novo! – ele disse, ainda atrás do capô.

Novamente, nada aconteceu.

Ele esfregou as costas da mão contra a testa e olhou para baixo novamente.

— Ok, tente agora! – ele gritou.

Dessa vez o motor pegou.

Ele sorriu e fez sinal de positivo com o polegar. Após fechar o capô, ele andou até onde eu estava.

— Talvez você precise de um novo carburador – ele disse, limpando os dedos na calça. Ele tinha uma mancha de graxa na testa; eu ri, mas não contei a ele.

— Dá para eu dirigir? É seguro?

— Você vai ficar de boa. Mas deixe-me dar meu número de celular para você, no caso de você ter problemas. Eu seguiria você, mas preciso mesmo ir pra casa – ele respondeu assim que seu celular começou a tocar novamente. Ele deu uma olhada, mas não respondeu.

— Obrigada – agradei, quando ele me passou o número.

— Que bom que eu ainda estava aqui. Esse lugar está parecendo uma cidade fantasma.

Eu olhei em volta, para as lojas e ruas escuras. Estava *totalmente deserta*.

— É a gripe, aposto. Ninguém está saindo de casa.

Ele assentiu.

— Eu sei como é. Minha mãe pegou, também. Por isso ela fica me ligando toda hora, me enchendo para ir pra casa.

Eu sorri para ele.

— Bem, melhor você ir, então. Obrigada de novo, Bryce.

Ele lentamente se inclinou em minha direção e tirou uma mecha de cabelo de meus lábios. O cheiro do couro e sua loção pós-barba era inebriante. Eu preendi a respiração quando ele me encarou.

— Me ligue quando chegar em casa para eu saber que você chegou, ok? – ele perguntou, com a voz enrouquecida. Eu soube naquele instante que eu jamais havia encontrado alguém que me deixava sem fôlego, como Bryce fazia.

— Claro – respondi, suavemente.

— Ok, tchau de novo, ‘*Wild One*’ – ele disse, virando-se.

Eu o olhei enquanto ele corria até a moto. Ele colocou a jaqueta de couro, o capacete e montou na moto. Depois, esperou até que eu comesse a andar e me seguiu por alguns quarteirões. Quando sua moto virou e ele não estava mais no meu retrovisor, eu já estava com saudade.

Capítulo Sete

Meu celular começou a vibrar enquanto eu ia para a casa de Kylie e Paige para pegar a Allie, algo que eu havia quase me esquecido. Eu o retirei de meu bolso e li uma mensagem de texto da minha mãe, dizendo que as aulas haviam sido canceladas pelo resto da semana e que eu não teria que pegar minha irmã, já que ela iria passar a noite lá.

Legal, pensei. Uma preocupação a menos.

Eu mudei a rota e comecei a voltar pra casa. Eu reparei que a maioria das ruas estava completamente deserta, o que não era tão surpreendente quanto o fato de que muitos restaurantes *fast food* e postos de gasolina pelos quais eu passei também estavam escuros e fechados. Aquela gripe estava destruindo o lucro de muitos negócios.

Minha mãe estava lendo um livro na *Caverna de Macho* quando eu cheguei em casa.

— Oi, querida – ela disse, colocando o livro na mesa de canto.

— E aí? – respondi.

Ela sorriu.

Suas sobrancelhas estão muito... chiques.

— Obrigada. Dá uma olhada nas minhas unhas – eu disse, mostrando as mãos.

— Muito lindas – ela respondeu, erguendo minhas mãos.

Eu me afundei no sofá enorme que ficava perto da poltrona favorita dela.

— Então, a escola está fechada. Agora vai!

— Sim, deu no jornal. Todas as escolas foram fechadas temporariamente, devido à gripe – Ela esticou os braços e se levantou. – Está com fome? Eu posso preparar um sanduíche pra você.

— Sim, tô morrendo de fome! Valeu, mãe.

Eu me levantei e a segui até a cozinha, onde ela começou a fazer um sanduíche de atum e pickles para mim. Eu lavei minhas mãos e me sentei.

Foi aí que meu pai entrou na cozinha

— Olá, senhoras – disse ele, beijando nós duas na bochecha.

— Oi, pai – eu falei.

Minha mãe sorriu.

— Oi, querido, como foi o seu dia?

Ele nos olhou com seu olhar desesperado e se sentou próximo ao balcão.

— Foi uma completa perda de tempo, sem absolutamente nenhum cliente. Estamos quase no fim do mês e eles ainda esperam que vendamos algum carro.

Todo mundo está resfriado. Como superar esse obstáculo?

— Sinto muito – disse minha mãe, indo até as costas dele e massageando seus ombros.

Ele fechou os olhos e sorriu.

— Obrigado, isso é ótimo.

— Talvez os negócios melhorem amanhã? – perguntou minha mãe.

— Duvido. Droga, eu preciso arranjar um novo emprego.

Minha mãe e eu nos encaramos, mas não dissemos nada.

Ele abraçou minha mãe.

— Podemos trocar de serviço por um dia? Deixe-me tomar conta de seus bezerrinhos da creche e você pode vender carros. Que tal, mor?

Minha mãe sorriu, simpática.

— Você não sobreviveria um dia.

— Eu posso colocá-lo em canis? Eu os tranco e os alimento quando ficarem famintos – disse ele, sorrindo.

— Muito engraçado – respondeu minha mãe.

Meu celular começou a tocar. Era Bryce! Eu tinha me esquecido de retornar a ligação dele.

— Sinto muito! – disse, atendendo ao telefone.

Meus pais me olharam com curiosidade quando eu saí correndo da cozinha.

— Melhor sentir mesmo. Estava ficando preocupado com você – disse ele, com severidade.

Eu sorri, feliz. Bryce estava mesmo preocupado comigo.

— Eu cheguei. Sobrevivi – falei.

Ele riu.

— Então, você viu as ruas? O jeito que elas estavam desertas? Pensei que fosse um daqueles episódios de *Além da Imaginação*^[19] ou algo do tipo. Foi muito esquisito.

— Foi *mesmo* estranho. Esse vírus da gripe deve estar ficando fora de controle – eu disse.

— Nem me diga. Minha mãe está tão doente que nem sei se ela vai cuidar de meu irmão amanhã – murmurou ele.

— Não sabia que você tinha um irmão. Qual a idade dele?

— Bobby? Ele tem seis anos.

— Bom, minha mãe tem uma creche. Ela pode cuidar dele até sua mãe melhorar.

Eu quase pude ver o sorriso dele se abrindo.

— Ôpa, sério? Eu tenho que trabalhar amanhã, senão eu mesmo ficaria em casa com ele – Bryce fez uma pausa. – Eu trabalho para uma construtora e temos

um prazo importante que está terminando. Meu chefe já me ligou hoje pra ver se eu iria trabalhar. A maioria do pessoal está doente e ele está desesperado.

— Se você prometer que vai ser bonzinho comigo, eu posso pedir para ela cuidar dele.

Bryce deu uma gargalhada.

— Sério? Bom, eu posso ser extremamente bom, se você conseguir o que eu quero.

Eu rosnei.

— Você é tão... homem.

— Você não tinha percebido?

— Acredite... *Todo mundo* percebe.

— Bem, não tinha como eu saber.

— Você tem namorada? – deixei escapar. Eu não sei ao certo de onde essa pergunta saiu, mas eu estava morta de curiosidade sobre isso.

Ele fez uma pausa e respondeu:

— Não, no momento não.

Eu fiquei feliz por ele não poder ver meu rosto, porque ele estava queimando. Eu não acreditava que eu tinha feito aquela pergunta, do nada, como se eu fosse uma menininha de quarta série.

— Ainda está aí? – perguntou, calmamente.

Respirei fundo.

— Hm... sim. Então... Seu irmão, ele tem alguma alergia?

— Não... Mas acho que devo avisar que ele tem síndrome de Down. Ele é um garoto legal; amigável de verdade, se dá bem com todo mundo. Mas é óbvio que precisa de atenção especial, às vezes.

— Minha mãe é ótima com crianças. Ela vai cuidar muito bem dele.

— Ok, se você puder falar com ela e me dar uma resposta, eu vou ficar muito agradecido.

— Eu já ligo de volta.

— Valeu, Cassie.

Eu desliguei e falei sobre o assunto com minha mãe, excluindo o fato de que Bryce era lindo e que meu coração acelerava sempre que ele estava por perto. Ela concordou em conversar com ele e passar os detalhes. Eu liguei de volta e dei a boa notícia.

— Obrigado, estou aliviado – disse ele. – Você é uma salva-vidas! Eu já estava ficando louco, tentando descobrir o que fazer com meu irmãozinho. Minha mãe está tão doente que eu provavelmente vou ter que achar tempo para levá-la para a clínica amanhã também.

— Bem, talvez ela esteja melhor amanhã e você não tenha que fazer isso. Veja, minha mãe vai ligar pra você logo, então melhor eu desligar.

— Ok. Obrigado, de novo.

— Fico feliz por ajudar.

Era a primeira vez *na vida* que eu estava feliz por minha mãe ter uma creche. Agora eu definitivamente iria ver Bryce de novo.

Capítulo Oito

Fiquei sabendo que Bryce deixaria o irmãozinho dele lá pelas sete da manhã, então fiz de tudo para estar em pé e vestida. Vesti uma calça jeans, uma regata vermelho-coral e passei brilho labial.

Minha mãe me olhou de forma curiosa quando sai do quarto.

— Uau, você levantou cedo. Ainda são sete, sabe, *da manhã*.

Dei de ombros.

— Tô ligada.

Houve uma batida de leve na porta e eu corri escada abaixo para atender. Bryce estava parado lá fora, segurando a mão de um garotinho que parecia com ele. Os dois estavam com os cabelos úmidos, calças jeans e camisas pólo brancas, iguais. Bobby estava sorrindo de orelha a orelha. Ele levantou a mão para me cumprimentar.

— Oi, sou Bobby! – disse ele. – Eu trouxe minha mochila!

— Oi – respondi, cumprimentando-o.

Minha mãe se ajoelhou perto de Bobby.

— Oi, Bobby! Meu nome é Kris. Está pronto para ter um dia super divertido?”

Os olhos dele brilharam.

— Sim. O Bryce disse que eu iria me divertir muito hoje.

Ela sorriu amigavelmente.

— Bem, ele estava certo!

— Ok, Bryce, pode ir – disse Bobby para seu irmão.

Bryce riu.

— Calma aí, amigão. Eu tenho que conversar com a Kris e a Cassie aqui antes de você me chutar assim.

— Ok, Bryce – ele respondeu.

Bryce ofereceu a mão para minha mãe.

— Oi, sou Bryce.

— Prazer, sou Kris – ela respondeu, cumprimentando-o. – Você tem uns minutos para preencher uma papelada e verificar umas coisas antes de ir? Cassie pode mostrar o local ao Bobby.

Ele deu um de seus sorrisos com covinhas e eu me derreti, novamente.

— Com certeza.

Eu mostrei o local para Bobby e depois passei alguns minutos com ele, na área de brinquedos. Ele ficou empolgadíssimo e foi de brinquedo em brinquedo.

— Uau, adorei seus brinquedos! – disse ele.

Eu sorri.

— São bem legais, né

— Bobby – disse minha mãe, entrando na área de brinquedos com Bryce. – Seu irmão tem que ir para o trabalho agora.

Bobby pulou, correu até o irmão e o abraçou.

— Te amo, Bryce.

Bryce o abraçou com força.

— Eu também te amo, carinha. Seja um bom garoto hoje, ok?

Bobby se afastou e fez um 'x' sobre o coração^[20].

— Eu prometo – disse ele, solenemente.

— Obrigado novamente, Senhora Wild – disse Bryce, virando-se para minha mãe. – A senhora é uma salva-vidas.

— Não por isso. Fico feliz por poder ajudar. Foi muito bom conhecer você.

— Muito bom conhecê-la também. Bom, melhor eu ir. Vocês têm meu número, caso precisem de algo – disse ele.

Eu assenti e disse para minha mãe que eu levaria Bryce até a porta. Quando nos aproximamos da entrada, e antes que eu pudesse reagir, ele me puxou para seus braços e me deu um abraço.

— Obrigado, Cassie – sussurrou ele em meu ouvido. O calor de seu hálito me fez tremer inteira.

— Hm, de nada – respondi, sem fôlego. Meu coração se agitou em meu peito quando ele me soltou e eu desejei sentir seus braços em minha volta de novo.

Ele pigarreou.

— Uau, desculpe-me...

— Por quê?

Quando vi, ele havia se virado e ido embora. Um traço da colônia que ele estava usando ainda estava no ar e eu fechei os olhos, pensando o quão empolgante havia sido estar em seus braços.

— A-ham – disse minha mãe. Ela estava na parte de cima da escadaria, com os braços cruzados.

— Que foi?

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Ele é com certeza um rapazinho bonito.

Dei de ombros.

— E daí?

— Ele é um pouco velho para você, então pode parar de sonhar o que quer que esteja sonhando.

Eu bufei.

— Qual é, mãe... Somos só amigos.

— Ok. Só estou dizendo... – disse ela, seus olhos procurando os meus.

Eu estava prestes a responder quando Megan e a mãe dela, Sara, entraram. Sara estava desgrenhada e preocupada. Minha mãe também percebeu e pediu que eu mostrasse nosso novo hóspede para Megan.

Megan tirou os calçados, abraçou a mãe e me segui até a área de brinquedos. Quando ela viu Bobby, ela parou e arregalou os olhos.

— Oi – disse Bobby, sorrindo um sorriso imenso para Megan. Ele estava no chão, brincando com Legos.

Ela ficou com vergonha e segurou firmemente em minha perna.

— Oi – respondeu ela, timidamente. Eu segurei a mão dela e me sentei no chão com os dois. Logo eles estavam construindo algo juntos, com os Legos, e eu me vi livre para ver o que estava acontecendo no outro cômodo.

— Você pode se deitar no quarto de visitas – murmurava minha mãe no corredor. – Você deve estar exausta.

— Sim, um pouco, obrigada – respondeu Sara, seguindo minha mãe para nosso quarto extra, que era ao lado do meu.

Quando minha mãe voltou sozinha, ela parecia perturbada.

— Sara e Megan ficarão aqui conosco por uns dias – ela disse.

— Por quê?

Mamãe suspirou.

— O marido dela está muito doente e mandou ela pegar Megan e ficar em algum outro lugar até ele melhorar. Ele está com muito medo de que ela pegue a gripe e tenha complicações com o bebê. Acho que quando ela estava grávida da Megan, ela acabou no hospital com pneumonia. De qualquer jeito, ele estava tão preocupado sobre ela ficar em casa que ela finalmente concordou ficar em um hotel por alguns dias. Quando ela me contou isso, eu sugeri que, invés disso, ela ficasse aqui.

— E ela concordou?

— Bem, não... No começo, não. Ela não queria incomodar, mas eu finalmente a convenci.

— Uau. Tudo bem.

Foi então que meu pai apareceu na cozinha, bocejando. Ele pegou uma tigela enorme e encheu de cereais.

— Bom dia – ele disse, com voz rouca.

— Ok, papai, você realmente precisa parar de jogar videogames até tarde. Você parece exausto.

Ele pigarreou.

— Eu não consegui dormir noite passada e a TV a cabo não estava funcionando. O que mais eu poderia fazer no meio da noite?

— Ah, não sei... Ler um livro? Massagear os joanetes da mamãe?

Papai fez uma careta.

— Eu não sei qual das opções me dá mais medo – respondeu ele.

— Há há... Muito engraçado, vocês dois. Talvez meus joanetes fiquem doloridos demais para fazer a janta hoje a noite – ela disse, secamente.

Meu pai riu e colocou o braço em volta dela.

— Estou só te enchendo, amor. Você sabe que eu massagearia seus joanetes ou verrugas a qualquer hora.

Ela deu uma cotovelada nas costelas dele, de brincadeira.

— A propósito – disse meu pai. – Eu vou ficar fora até tarde essa noite. Eu vou trabalhar até fechar e vou levar um dos caras para jantar depois. Ele vai sair da concessionária e todos os meus colegas do trabalho iam dar uma festa de despedida para ele mas, claro, todo mundo pegou a maldita gripe. Então, seremos apenas nós dois.

Ele olhou para minha mãe.

— Você gostaria de nos encontrar no restaurante? Ou eu posso te trazer algumas asinhas de frango à noite, se você quiser – perguntou ele.

Minha mãe gosta tanto de *Buffalo wings*^[21] quanto eu gosto de picles. Mas daquela vez ela nos surpreendeu. Ela balançou a cabeça.

— Não, obrigada pelo convite e pelas asinhas. Eu realmente preciso ficar em casa hoje à noite. Eu tenho roupa para lavar e uma faxina para fazer. Quanto às asinhas – disse ela, colocando a mão na barriga. – Estou realmente tentando ficar de boa. Tenho que começar a mudar minha dieta; essas coisas são cheias de colesterol.

Meu pai e eu nos olhamos. Ambos sabíamos que ela mudaria de ideia antes do fim da noite. Ela iria mandar uma mensagem para ele, lembrando-o de trazê-las para casa até a hora de ele voltar pra casa.

— Bem, se você mudar de ideia, basta me avisar que eu trago algumas hoje à noite – respondeu ele, segurando a risada.

Ela deu de ombros e começou a contar a ele sobre nossos novos convidados. Eu não tinha certeza de como meu pai reagiria às notícias, então eu os deixei conversando e fui para meu quarto, onde eu desabei na cama. Ainda era cedo, eu não tinha escola, então fechei os olhos, contando os minutos até ver Bryce de novo. No fim, caí no sono, sem sonhar dessa vez.

~~~

Era pouco após as dez, quando finalmente rastejei para fora da cama. Estava faminta, então fiz um sanduíche de presunto e picles, liguei a TV e descobri que os canais a cabo ainda não estavam funcionando. Frustrada e chateada, eu decidi reorganizar meu quarto. Após uma hora mudando os móveis pesados do

lugar, eu me afastei apenas para perceber que tudo estava melhor do jeito antigo. Derrotada, desisti e mandei uma mensagem para Nora, para ver como ela estava. Infelizmente, ela não respondeu, então mandei outra mensagem para Scott, que não me respondeu também. Eu sabia que não havia muita coisa que eu pudesse fazer para ajudá-la a achar o pai dela, mas então comecei a me perguntar se eu deveria apenas ir até a casa dela e oferecer um pouco de apoio moral.

— Cassie — disse minha mãe, interrompendo meus pensamentos. — Bryce ligou. Ele vai tentar levar a mãe dele para a clínica quando ele sair do trabalho. Então pode ser que o Bobby passe a noite aqui com a gente.

— Oh — respondi, um pouco desapontada, pois provavelmente não veria Bryce aquela noite.

Parecendo pensativa, minha mãe foi até a janela de nossa cozinha e olhou para fora. Eu sabia que algo a estava incomodando.

— Que houve? — perguntei a ela.

Ela se virou e cruzou os braços.

— Bem, o Bryce estava meio preocupado quando conversei com ele. Ele disse que um camarada dele, que é operador de rádio da Delegacia de Wolf Creek, passou algumas informações alarmantes. Acho que houve vários relatos de violência na cidade e eles estão recomendando que as pessoas fiquem em casa, com as portas trancadas.

Eu franzi o cenho.

— Uau, isso é... assustador.

Ela se sentou perto do balcão.

— Nem me fale — disse ela, batendo as pontas dos dedos no balcão, absorta. Senti um nó no estômago; Allie! Peguei meu celular.

— Mãe, vou ligar para a Allie e ver se ela está bem.

Ela ficou branca.

— Oh, Deus, eu me esqueci que ela não estava em casa! Bem pensado, querida. Melhor eu ligar para o seu pai também, e ver se ele ouviu alguma coisa.

Allie estava totalmente sem noção do que estava ocorrendo à sua volta no mundo quando eu liguei para ela.

— Estamos nadando e Kristie vai fazer uma pizza para a gente depois. Ela disse que vai me levar pra casa à noite.

Eu suspirei.

— Ok. A TV a cabo não está funcionando aqui, então, se ouvir algo sobre tumultos ou violência, me avise imediatamente. Não se esqueça de avisar a Kristie sobre isso, também — falei para ela.

— É... Bem, a TV a cabo não está funcionando aqui também. Na verdade, nem as estações de rádio estão pegando. Não tem nada, só estática.

— Isso é realmente esquisito.

— Nem me fale – respondeu Allie, e então começou a dar gritinhos e risadinhas. – Kylie! Oh, meu Deus... Vocês são tão tontas! Ela vai... Ei, Cass, vou desligar. Kylie acabou de empurrar a mãe dela na piscina!

Click.

Eu tinha que reconhecer isso na Allie; nada fora do mundo dela a incomodava.

— Ótimo! Não consigo falar com seu pai – disse minha mãe, estridentemente. – Eu mandei algumas mensagens de texto e até de voz.

— Calma, mãe! Tenho certeza que ele está com um cliente. Você está se preocupando demais.

Ela se sentou e coçou a testa.

— Você deve estar certa.

— Você ligou para a linha fixa da concessionária?

— Oh, nem pensei nisso!

Ela pegou o telefone novamente e discou. Então, franziu o cenho e deixou uma mensagem.

— Mãe, se todo mundo está com a gripe, então provavelmente não há ninguém disponível para atender ao telefone.

Ela assentiu, concordando, mas dava pra ver que a cabeça dela estava a mil por hora. Ela era uma das pessoas mais paranoicas que eu conhecia.

Sara entrou na cozinha, parecendo desnorteada.

— Vocês não vão acreditar, mas algo seriamente GRANDE está acontecendo! – ela exclamou, baixando dramaticamente a voz em seguida, como se alguém além de nós estivesse ouvindo. – Um amigo meu do exército acabou de me mandar uma mensagem. Eles estão emitindo um aviso de emergência por todo o país. Ele não entrou em detalhes, embora eu aposto que tem a ver com terrorismo. Seja como for, todo mundo deve ficar dentro de casa. Eles estão inclusive mandando tropas para todos os lugares para limitar o tráfego.

Minha mãe ficou de queixo caído.

— O quê? Como eles podem impedir que as pessoas do país inteiro deixem suas casas ou dirijam por aí? Isso é ridículo.

Nesse momento alguém tocou a campainha. Nós três nos encaramos.

— Acho que alguém tem que atender. Já volto – disse minha mãe.

Sara e eu a seguimos até a porta.

— Boa tarde, senhora – disse o simpático e jovem soldado do lado de fora. Ele estava com trajes militares e com uma 9mm pendurada ao lado.

— Hm, olá – respondeu minha mãe, cruzando os braços. – Como posso ajudar?

Ele viu a mim e à Sara, com sua barriga de grávida e sorriu, como que pedindo desculpas.

— Sou o Tenente Austin Smith e eu sinto muitíssimo por incomodá-las. Não sei se ficaram sabendo, mas estão acontecendo alguns distúrbios na cidade e estamos tomando medidas para que todos os bairros fiquem seguros, sem outros problemas.

— Oh, estamos bem, aqui – disse minha mãe. Ela apertou as pálpebras, desconfiada. – Sobre que tipo de violência estamos falando?

O soldado pigarreou.

— Nada para se preocupar, eu suponho; algumas brigas, vandalismo.

— Quem foi? – deixei escapar.

Ele olhou meu corpo rapidamente, de cima para baixo e então seus olhos castanhos encontraram os meus. O sorriso dele me fez corar; eu cruzei os braços.

— Eu realmente não tenho certeza de quem foi ou o porquê de terem feito, caso essa seja sua próxima pergunta. O ordem é que meu pelotão patrulhe os bairros adjacentes e aconselhe a todos a ficarem dentro de casa pelas próximas vinte e quatro horas.

— E quanto às pessoas que estão trabalhando ou fora de casa? Meu marido está no trabalho e minha filha caçula ainda não voltou da casa da amiga – reclamou minha mãe.

Ele deu um sorriso tranquilizador.

— Certamente permitirão que eles voltem pra casa, estamos apenas aconselhando ao pessoal que está se aventurando para fora da segurança de suas casas, até que tenhamos tudo sob controle. Nós temos algumas barreiras nas ruas, mas definitivamente iremos permitir que as pessoas voltem pra casa se for realmente onde vivem.

— Parece um pouco radical, não é? – perguntou Sara.

— Acredite, Senhorita, isso tudo é pela segurança pública. Avisaremos a todos quando for seguro sair de casa.

O rádio dele o chamou e ele saiu para responder ao chamado.

— Isso está esquisito demais – murmurou Sara. – Não gosto disso. Eles estão sendo vagos, mas basicamente estão mandando que não saíamos para lugar algum. Eles não podem esperar que as pessoas simplesmente parem suas vidas e se escondam em casa sem dar a elas informações mais detalhadas.

Minha mãe ia responder quando o soldado voltou.

— Bem – disse ele, dessa vez parecendo apressado. – Eu tenho que continuar minha ronda. Lembrem-se, senhoras, fiquem em casa e tranquem as portas. Se alguém que não for um oficial do exército visitar sua propriedade, não

interajam com essa pessoa. Estaremos monitorando o bairro bem cuidadosamente, então não haverá problemas. Apenas sigam meu conselho e tudo ficará bem.

— Ok, obrigada. Só nos avise quando esse toque de recolher que você está nos forçando a seguir for suspenso – falei, sem conseguir esconder meu sarcasmo.

Nós nos encaramos por um minuto e ele sorriu.

— Tenham um bom dia.

Suspirei irritada quando ele foi embora.

— Você é uma sabichona – disse minha mãe.

— Que foi? – perguntei com um sorriso pretensioso.

— Sabe, não gostei do jeito que ele ficou te encarando – disse ela. – Com esse moço e o Bryce, acho que vou ter que vigiá-la como uma águia.

Eu ri, com escárnio, e balancei a cabeça.

Sara suspirou.

— Será que eu devo sair e dar uma olhada no Kevin?

— Você ouviu o que o soldado disse, você não pode sair. Pode não ser seguro – respondeu minha mãe.

Ela balançou a cabeça.

— Que baboseira. Eles não podem me impedir de ver meu marido.

Você falou com ele? – perguntou minha mãe.

— Conversamos mais cedo. Melhor ligar para ele para ver como ele está – ela tirou o celular do bolso e se afastou.

— Melhor dar uma olhada nas crianças – disse minha mãe.

Eu subi as escadas correndo até meu quarto e peguei meu celular. Eu não tinha me comunicado com Bryce desde a manhã, então decidi enviar um SMS para ele.

*Oi, Bryce – como vai?*

*Olá Wild, eu estava justamente pensando em você.*

*Sério?* Eu ri, colocando a cabeça no travesseiro.

*Sim – vocês estão bem?*

Eu suspirei e digitei. *Sim, um soldado passou por aqui para dizer que não podemos sair.*

*Sim, ouvi dizer,* digitou ele. *Minha tia está tomando conta da minha mãe. Ela vai trazê-la para a clínica. Eu vou na sua casa buscar o Bobby assim que der.*

*Talvez eles não te deixem passar!*

*Eles não tem escolha.*

*RS... Ok, te vejo à noite!*

*Assim espero.*

## Capítulo Nove

Sara *conseguiu* falar com Kevin e ele estava se sentindo péssimo. Ele também tinha sido abordado por um soldado e eles prometeram mandar alguém da equipe médica para dar uma olhada nele ao anoitecer.

Minha mãe passou o resto da tarde ligando para nossos familiares e amigos, bem como tentando entrar em contato com meu pai, que ainda estava desaparecido. Ela também conversou com a mãe da Kylie, Kristie, e ambas concordaram que era muito mais seguro ficarem em casa. Allie ficaria lá por mais uma noite.

Por volta das seis horas, eu me ofereci para grelhar hambúrgueres na churrasqueira. Quando eu saí na sacada, eu notei vários soldados parados em toda a vizinhança, alguns carregando rifles automáticos. Um dos soldados, acho que o caubói que bateu na nossa porta mais cedo, acenou para mim enquanto eu jogava os hambúrgueres para cima, virando-os, mas eu o ignorei.

— Sinto muito, eu simplesmente não consigo pensar em comida agora — reclamou minha mãe, afastando o prato da janta. Ela colocou a cabeça entre as mãos e suspirou cansada. — Seu pai ainda não respondeu a nenhuma de minhas ligações ou mensagens; eu estou ficando realmente preocupada. Isso é bem incomum, até para ele.

Eu me levantei e comecei a tirar a louça da mesa.

— Tenho certeza que ele está bem, mãe. Deve haver uma dúzia de motivos para ele não ter ligado ainda. Talvez o celular dele esteja sem bateria, ou ele o deixou no carro... Apenas... Pare de se preocupar tanto.

Ela levantou a cabeça e suspirou profundamente.

— Espero que esteja certa, querida.

Coloquei a mão no ombro dela.

— Por que você não deita um pouco? Você esteve correndo para lá e para cá o dia inteiro, se chateando. Eu venho e te aviso se tiver alguma novidade.

— Talvez você esteja certa — disse ela, levantando da mesa. — Só por uns instantes. Fique de olho no Bobby, tá bom?

Eu assenti.

— De fato, eu vou dar uma olhada nele agora. Ele estava brincando de bonecas com Megan agora há pouco.

Mamãe foi até o quarto dela e eu achei Bobby com Sara e Megan. Eles estavam terminando uma partida de um jogo de tabuleiro. Eu me sentei e assisti Bobby ganhar.

— Ganhei! — gritou ele dando um soco para cima, no ar. — Yes!

Sara sorriu para ele e olhou para o relógio.

— Megan, hora do banho.

— Sara, você sabe onde ficam as toalhas? – perguntei, levantando-me.

Ela assentiu.

— Sua mãe me mostrou.

Megan estava bem empolgada por tomar banho na “Creche” e eu pude ouvi-la falando sobre isso nas escadas.

— Tô com vontade de assistir a um filme. Quer assistir ao 'Peter Pan' comigo? – perguntei, me ajeitando ao lado do Bobby no sofá.

— É meu filme favorito! – disse ele.

— Ei, achei que você tivesse dito que 'A Bela e a Fera' era seu filme favorito.”

— É meu favorito também, – respondeu ele.

Eu sorri para ele e desarrumei seus cabelos castanhos.

— Cadê o Bryce? – perguntou ele.

Olhei para meu relógio, era quase oito horas.

— Acho que ele ainda está trabalhando. Logo ele vem para te levar pra casa, não se preocupe.

O rosto de Bobby ficou triste e ele olhou para as mãos.

— Eu não quero ir embora. Eu queria que o Bryce e eu pudéssemos ficar aqui para sempre.

— Oh, verdade? Você não quer ir pra casa ver a mamãe? Você deve estar com saudade. Tenho certeza de que ela está com saudade.

Ele sorriu tristemente.

— Não. Ela gosta só do suquinho dela.

— Suquinho? – perguntei, confusa.

Bobby assentiu.

— Sim. O suquinho marrom dela. Tem um cheiro ruim – ele disse, apertando as narinas. – Eu não gosto quando ela bebe o suquinho. Ela diz coisas ruins.

Segurei a mão dela e respirei fundo.

— Ela já te machucou quando estava bebendo o suquinho?

Ele balançou a cabeça firmemente.

— Não, nunca mais. O Bryce fez ela parar. Ele me ama muito.

Eu me aproximei e o abracei. Quando eu finalmente o soltei, ele deu um sorriso imenso.

— Você é legal. Queria que fosse minha mamãe.

— Eu sou muito nova para ser sua mãe, mas quer ouvir um segredo?

Ele assentiu.



Eu sussurrei no ouvido dele:

— Se você fosse meu filho, eu o amaria muito.

O rosto dele se iluminou com outro sorriso imenso e meu coração se partiu quando pensei que alguém pudesse intencionalmente ser cruel com um garotinho tão doce.

Eu me levantei para colocar o filme no DVD player.

— Bobby, você quer pipoca? - perguntei.

— Pipoca é minha favorita! - gritou ele.

~~~

Bobby adormeceu durante o filme, um pouco depois das nove. Eu o cobri com uma coberta de lã bem quente e subi as escadas só para descobrir que eu era a única pessoa ainda acordada. Estava sendo difícil manter os olhos abertos.

Eu bocejei e fui até a cozinha para pegar um copo d'água. Assim que comecei a beber, algo na janela chamou minha atenção. Inclinei-me para ver melhor e vi flashes esporádicos iluminando a noite. Curiosa, saí da cozinha e fui até a sacada da sala de jantar. Assim que abri a porta corrediça, ouvi tiros. Aterrorizada, me joguei no chão.

— Você também ouviu? – sussurrou Sara no meu ouvido.

— Jesus! – eu disse. – Nunca mais me assuste assim!

— Desculpa – disse ela. – Eu estava no quarto quando ouvi os tiros.

— Vou ligar para o 190 – falei, pegando meu celular. Eu disquei rapidamente e fiquei na espera por alguns minutos antes de a linha cair.

— Deixe-me tentar – disse Sara, pegando o celular dela. Após alguns segundos, ela desligou. – Que loucura. A linha está temporariamente fora de serviço. É o 190! Como isso é possível?

Houve mais tiros, dessa vez seguidos por gritos bem altos.

— Oh, meu Deus! – disse Sara, assustada, fechando e trancando a porta desesperadamente.

— Alguém... Alguém acabou de levar um tiro? – perguntei, horrorizada.

Ela pôs a mão no meu ombro e assentiu.

— Acho que sim. Seu pai... Ele tem armas, certo?

— Sim – eu disse, tremendo. – Sim, no armário de armas.

— Mostre para mim – disse ela.

Nós corremos para o andar de baixo até o porão e eu abri o armário de armas do meu pai.

— Uau, ele não está de brincadeira, está? Deve haver mais de vinte armas aqui.

Ela pegou uma Smith & Wesson com munição de dez milímetros e acenou com a cabeça, aprovando.

— Esta deve servir.

— Você sabe atirar? – perguntei enquanto ela carregava a arma.

— Claro, eu mesma tenho algumas armas. Eu sou da Reserva^[22], você não sabia?

Balancei a cabeça.

— Não, não sabia. Ninguém nunca me disse.

— Bom, agora você sabe. Sua mãe disse que você também sabe atirar. Talvez você devesse se armar, também, só para prevenir. Pegue uma e me siga.

Eu peguei a Colt Delta dez milímetros do meu pai, e um pouco de munição.

— O que está acontecendo? – perguntou minha mãe, com voz rouca. Ela parou na escada com os olhos aterrorizados.

— Mãe, ouvimos tiros e gritos lá fora.

— O quê? – disse ela, correndo escada acima.

Eu subi as escadas correndo atrás dela e me inclinei ao seu lado na janela da sala de estar. Ela afastou as cortinas com a mão e abriu a janela.

— Parece bem deserto lá fora – sussurrei. – O que será que aconteceu com todos aqueles soldados que deveriam estar nos ajudando?

Ela levantou a mão para me silenciar.

— Ouviu isso? – sussurrou ela.

Meu coração pareceu parar de bater quando ouvimos o som fraco de alguém gemendo por socorro.

Capítulo Dez

A porta da frente se fechou com um estrondo e nós duas pulamos de susto.

— Sara! — eu apontei para a nossa hóspede grávida, que saiu correndo da segurança de nossa casa; a roupa dela era como um ponto de luz na escuridão.

— O que ela tem na cabeça? Não é seguro! — protestou minha mãe.

Senti uma carga de medo e de adrenalina. Levantei e corri atrás de Sara, determinada a manter a mãe de Megan e o bebê que ela carregava na barriga seguras.

— Cassie! — gritou minha mãe. Ela correu escada abaixo e segurou meu braço antes que eu pudesse chegar à porta. — Onde diabos você acha que vai?!

Tentei me desvencilhar.

— Mãe, a Sara pode estar precisando de ajuda! Você tem que me soltar.

Ela balançou a cabeça veementemente.

— Acho que não! Dê-me a arma, eu vou atrás dela.

— Você não sabe usar esse troço. Você não vai conseguir ajudá-la! — gritei.

Os olhos cor de avelã dela endureceram.

— Besteira. Dá isso para mim, mocinha. Agora!

Frustrada, mas não querendo desafiar minha mãe, eu relutantemente entreguei a arma para ela.

— Ok, agora fique longe da porta e das janelas. Eu não quero que você leve uma bala perdida.

Eu rosnei.

— Mãe...

— Falo sério — disse ela, apontando o indicador para mim antes de sair correndo pela porta.

Que loucura, pensei. Eu senti vontade de arrancar os cabelos. Eu não estava apenas morrendo de medo pela minha mãe, mas também pelas crianças que dormiam em segurança em casa, algo que eu havia esquecido.

Eu corri de volta para cima, até o quarto de hóspedes, onde Megan ainda dormia tranquilamente. Olhei pela janela para ver se estava tudo seguro. Então, hesitantemente, saí do quarto.

Depois, corri até o andar de baixo e vi Bobby ainda dormindo no sofá. Ele parecia tranquilo, também. Eu olhei para o rosto inocente dele e pensei no irmão dele, que já deveria ter chegado àquela altura. Eu peguei meu celular e tentei ligar para Bryce, mas ele não me atendeu. Nem respondeu à uma mensagem de texto.

Bryce, onde está você? Eu me perguntei, tentando ficar calma. *E onde diabos está meu pai?*

Eu voltei para baixo até o porão e peguei a nova Beretta do meu pai, a arma que ele tinha o maior orgulho. Era uma nova milímetros e comportava 17 balas. *Perfeito.*

— Cassie! – gritou minha mãe, na escada. – Pegue a maleta de primeiros socorros, rápido!

Eu suspirei aliviada, depois peguei o kit de primeiros socorros da lavanderia, e corri de volta. Eu me deparei com um pesadelo infernal; Sara estava sentada nos degraus tentando usar o celular, com lágrimas escorrendo pelo rosto, enquanto minha mãe estava ajoelhada no chão, pressionando uma toalha ensanguentada sobre o ombro de um jovem soldado. O rosto dele estava pálido e ele estava sufocando no próprio sangue.

— Tente respirar devagar – murmurava minha mãe.

O soldado olhou para cima e eu o reconheci; era Austin. Ele tentou dizer algo, mas sua face se contorceu em agonia e ele fechou os olhos com força.

— O quê... O que aconteceu com ele? – sussurrei, horrorizada.

Ela deu de ombros.

— Na verdade, eu não sei. Ele já estava assim quando nós o encontramos. Dê-me o kit de primeiros socorros.

— Onde *está* todo mundo?! – disse Sara, meio chorando, atirando seu celular. – Ninguém atende essa droga de telefone e todos os soldados que estavam aqui antes... simplesmente *desapareceram*?!

— Ok, acalme-se, Sara. Vai ficar tudo bem. Nós superaremos tudo isso, seja como for – disse minha mãe, abrindo um vidro de iodo. Ela derramou um pouco nas mãos.

— Pra quê isso? – perguntei.

— Pra matar bactérias – ela respondeu. Então ela colocou luvas de plástico.

Quando minha mãe tirou a toalha do soldado, eu quase vomitei. A carne dele estava dilacerada com sangue jorrando da ferida.

— Oh, Deus – sussurrou Sara, cobrindo a boca. Em seguida ela correu escada acima, como se estivesse prestes a vomitar.

Minha mãe examinou a ferida e balançou a cabeça.

— Isso não está dando certo. É profundo demais. Temos que levá-lo para o hospital. Ele não irá sobreviver se não fizermos isso *agora*. – Ela colocou um pouco de iodo na ferida e o soldado gemeu.

— Desculpe-me – disse ela.

— Eu vou – eu falei. – Eu o levo para o hospital.

— Não, eu já decidi. Eu faço isso – falou minha mãe, enfática.

— Bem, então vou com você – falei, de modo desafiador.

— Não. Eu vou sozinha, ponto final. Você fica aqui com Sara e as crianças. Tranque as portas, mantenha as armas carregadas e tente contato com seu pai ou Bryce.

Era inútil discutir com ela. Eu suspirei.

— Ok, tá, eu ajudo você a colocá-lo no carro.

Minha mãe tinha conseguido, sei lá como, parar a maior parte do sangramento com gaze e ataduras. O soldado, já enfraquecido, desmaiou enquanto ela estava tratando de sua ferida, o que dificultou ainda mais levá-lo da garagem até o banco traseiro do carro.

— Agora – disse minha mãe, arfando, após deixá-lo seguro. – Vou buscar ajuda para todos nós. Se seu pai aparecer, faça-o ligar para mim imediatamente.

Eu assenti.

— Tá.

Ela me encarou com um olhar aterrorizado e então me puxou para seus braços.

— Tome cuidado, Cassie. Eu não entendo o que está acontecendo. Fique dentro de casa e seja... Forte.

Eu segurei as lágrimas e assenti.

Minha mãe se afastou e tirou um cacho de cabelos do meu rosto.

— E... Tente falar com Allie de novo. Veja se sua irmãzinha está segura também.

— Eu prometo. Farei isso imediatamente.

Ela pegou uma das armas e enfiou na bolsa. Respirando fundo, ela disse:

— Ok, já volto.

Tentei manter a calma quando vi minha mãe abrir o portão da garagem e partir no carro, mas eu estava morta de medo. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo fora de nossa cidade, se era apenas violência aleatória, terrorismo, ou algo ainda pior. Eu me sentia em um pesadelo. Fechei a porta da garagem.

— Hm, Cassie?

— Que foi? – perguntei, virando-me. Senti ânsia de vômito.

Sara segurava o celular da minha mãe no alto, pálida.

— Isso não é da sua mãe?

Capítulo Onze

Eu liguei para o celular da minha irmã, mas ela não estava atendendo. Já era depois das onze e eu me toquei que ela já deveria ter dormido, mas eu não queria arriscar, então liguei para a Page, também. Quando ela não atendeu, meu estômago se contraiu como se tivesse levado um soco.

Sara apertou meu ombro, delicadamente; ela sabia que eu estava prestes a perder a cabeça.

— Todos devem ter dormido à essa altura.

— Espero que sim – respondi, com voz cansada.

— Ou talvez os celulares não estejam perto deles. A mãe de Paige tem uma linha fixa?”

Eu não tinha certeza. Eu corri para o andar de baixo para achar a agenda telefônica. Quando estava folheando, a energia caiu.

Merda!

— Cassie! – gritou Sara, no andar de cima. – Você tem uma lanterna?

Eu usei a luz do celular para achar o caminho para a cozinha, onde eu sabia que minha mãe guardava uma lanterna e velas.

— Graças a Deus minha mãe é *fanática* por velas – eu disse, colocando velas acesas, de todos os formatos e tamanhos, pela casa.

— Ouviu isso? – sussurrou Sara.

Eu congelei.

— O quê?

Ela agarrou sua arma e correu até a porta da sacada.

— Eu vou dar uma espiada no escritório, ver se tem alguém lá. Acho que ouvi vozes.

Senti um arrepio na espinha.

— Tome cuidado.

Não havia escadas que levavam até o escritório, mas isso não queria dizer que alguém não pudesse subir lá. Havia muitas árvores atrás da casa, um excelente local para alguém se esconder.

Ela engatinhou e espiou entre as madeiras do parapeito.

— Tá vendo ou ouvindo alguma coisa? – perguntei enquanto ela olhava do lado do parapeito.

Ela ergueu a mão, gesticulando para que eu ficasse quieta.

Um grito alto rasgou a escuridão, assustando a nós duas. Sara engoliu em seco e voltou correndo para dentro de casa. Seu rosto era uma máscara de terror.

— Quem fez isso?!

— Não sei – disse ela com a voz abafada.

— Você não viu nada mesmo?

Ela balançou a cabeça.

— Está escuro demais lá fora.

Ouvimos outro grito aterrorizante, dessa vez muito mais perto da casa. Parecia o grito de uma mulher. Sara respirou fundo.

— Ok, vou verificar isso. Fique aqui, eu já volto.

Antes que eu pudesse responder, ela correu para baixo, para a porta da frente.

Eu peguei a Beretta e corri atrás dela.

— O que você está fazendo? Fique aqui – mandou ela, derrapando nos calçados dela.

— Não, eu vou com você. Você pode precisar de ajuda.

Sara suspirou.

— Tá bom, mas faça exatamente o que eu mandar e fique perto de mim.

Eu assenti e ela abriu a porta. Quando saímos, eu pude ouvir murmúrios em algum lugar, do outro lado da rua, de trás de uma das casas. Estranhamente, Charlie não estava latindo feito louco.

— Por aqui – disse Sara, correndo para o outro lado da rua, em direção da casa dos Hendricksons, que estava escura.

Minhas pernas congelaram; tudo estava parecendo muito com um déjà vu. As palmas das minhas mãos ficaram frias e úmidas, enquanto eu tentava encontrar coragem para seguir em frente.

Sara se virou e acenou com a mão, freneticamente.

— Venha – disse ela.

Eu engoli em seco e corri para o outro lado da rua, enquanto ela começava a andar novamente. Ela era muito rápida, considerando que estava grávida, algo que eu atribuí ao treinamento militar dela. Eu achava que eu estava em excelente forma, mas foi uma luta conseguir acompanhá-la.

Nós contornamos a cerca da casa dos Hendricksons até o quintal vizinho e paramos atrás de um barracão de madeira.

Os olhos de Sara se arregalaram, alarmados.

— Ali – apontou ela, para a escuridão.

Eu mal consegui ver três figuras, mas pareciam uma mulher e dois soldados. Os dois estavam a menos de trinta metros de onde estávamos. Ela chorava histericamente e parecia estar correndo dos soldados.

Eu olhei para Sara, chocada.

— Isso não parece errado para você? Eles deveriam ser os *mocinhos* da história.

— Algo está com certeza errado — resmungou Sara, inconscientemente passando a mão sobre seu barrigão.

Nós nos esgueiramos pelas árvores em direção dos homens, que estavam totalmente focados na mulher desesperada. Os soldados cambaleavam, como se estivessem feridos, e a distância entre eles e a mulher começou a aumentar. Conforme nos aproximávamos dos soldados, eu olhava, incrédula.

— Oh, Deus — suspirei.

Os dois soldados pareciam saídos de um filme de terror. As roupas deles estavam rasgadas, eles estavam imundos, ensanguentados, e alguns membros muito importantes deles estavam faltando; um dos homens não tinha um braço, o outro, uma mão e parte do rosto. Mas eles estavam se movendo, e bem rápido para pessoas tão machucadas.

Como? Eu me perguntava, sem acreditar no que estava vendo.

O mais alto deveria ter percebido algo, pois parou e se virou em nossa direção. Então, ele abriu a boca, com aquele rosto cheio de feridas, e deu um berro que me arrepiou até os ossos.

Eu engoli em seco.

— Hm...Sara?

O outro girou a cabeça e rosnou.

— Deixe sua arma preparada — ordenou Sara.

Os dois homens medonhos já estavam vindo em nossa direção e eu tremi na base.

Sara ergueu a pistola dela.

— Parem bem aí! — gritou ela. — Não se aproximem mais!

Eles ignoraram a ordem dela e continuaram cambaleando em nossa direção.

— Cassie, atire neles se for necessário — disse ela.

Conforme eles se aproximavam, eu senti que estava perdendo a sanidade. Pingava sangue das feridas abertas na pele, os olhos estavam vermelhos e sem foco, e as bocas deles... Pareciam estar quase babando.

Sara retorceu os lábios, com nojo.

— Jesus amado, eles fedem.

O mais alto bamboleou na direção da Sara e a arma dela disparou. Sangue e massa encefálica se espalharam em volta quando ele caiu de joelhos, caindo de cara — ou do que havia sido a cara dele um dia.

— Cuidado, Cassie! — gritou Sara.

O segundo homem estava quase em cima de mim. Eu ergui minha mão, que tremia, e atirei, acertando-o no ombro. Ele parou por um segundo e então

continuou vindo em minha direção. Eu disparei novamente, dessa vez arrancando uma de suas orelhas.

— Que droga! – eu disse. Eu jamais havia atirado em nada que não fossem objetos inanimados antes.

Sara o acertou na perna. Ele grunhiu e caiu no chão.

— Pra trás, Cassie – mandou ela, aproximando-se lentamente dele.

O rosto dele era acizentado e cheio de curativos esquisitos. Algo verde, com bolhas, escorria de seu nariz e eu fiquei com uma vontade maluca de arranjar um lenço para ele.

— O que aconteceu com ele? – perguntei, encarando-o com um misto de horror e fascínio.

Ela balançou a cabeça.

— Não sei. Jamais vi algo assim antes.

Ele rosnou e se arrastou na direção da Sara com seu único braço; o outro era apenas um toco de carne.

O som de galhos estalando nos assustou e a mulher que estava sendo perseguida pelos soldados apareceu do meio da escuridão. Seus olhos estavam cheios de ódio.

— Mate esse infeliz! Ele matou o meu Paul e vai matar vocês duas se o deixarem viver! Ele... Ele não é humano, é um monstro!

Antes que alguém pudesse fazer algo, o homem agarrou o tornozelo de Sara. Ela gritou e atirou na cabeça dele.

A mulher suspirou, aliviada.

— Temos que sair daqui e ir para algum lugar seguro.

A voz dela tremia e os olhos dela vasculhavam tudo em volta das árvores. Ela tinha aproximadamente a idade da minha mãe, vestia jeans e um moletom, ambos rasgados e sujos. Havia sangue seco no lado de seu rosto e grudado no cabelo castanho curto dela.

— Você está ferida? – perguntou Sara, apontando para o rosto dela.

A mulher balançou a cabeça e tocou o lado do rosto onde havia o sangue. Lágrimas rolaram de seus olhos.

— É sangue do meu marido – respondeu ela, amargamente. – Eles nos atacaram e o mataram.

Os olhos de Sara se arregalaram.

— Ok, vamos entrar na casa. Nós temos que ver se as crianças estão bem, e tentar entrar em contato com a polícia de novo.

Eu havia me esquecido de Megan e Bobby! Nós tínhamos deixado os dois sozinhos dentro da casa.

Dei uma última olhada nos mortos quando começamos a andar em direção da casa e senti uma pontada de vergonha. Eles eram soldados americanos e pareciam que tinham perdido a guerra; o problema é que estavam lutando pelo lado errado.

— Aqueles dois não podiam ser soldados – disse Sara, tirando uma mecha escura de cabelos do rosto. – Isso simplesmente não faz sentido.

— Eles não eram soldados... não mais. Eles não eram nem mesmo humanos. Eram meio que... demônios – respondeu a mulher, perturbada.

— Eles certamente pareciam com algo do Inferno – eu disse.

— Talvez eles fossem criminosos vestidos como soldados – disse Sara.

A mulher balançou a cabeça.

— Não. Eles nos atacaram como animais violentos. O soldado mais alto rasgou... Oh, Deus! – ela começou a chorar, cobrindo o rosto. – Ele rasgou o pescoço do Paul com os dentes!

Sara colocou um braço em volta do pescoço da mulher.

— Não se preocupe. Você está segura agora. Nós a ajudaremos.

Ela assentiu e enxugou as lágrimas do rosto.

— Melhor nos apressarmos. Tem mais dessas coisas por aí. Não é seguro.

Tem mais? A ideia de haver mais soldados insanos perambulando no escuro me arrepiou até os ossos. Eu apertei a arma com mais força.

Enquanto corríamos pela rua, percebemos que ela estava sinistramente quieta, nenhum som, apenas o eco de nossos passos pela calçada.

— Como alguém pode dormir com essa balbúrdia aqui fora? – murmurou Sara, balançando a cabeça, incrédula.

Olhei em volta e percebi que o bairro inteiro ainda estava sem energia, estranhando que ninguém tivesse saído de casa para ver o que estava acontecendo. Nem mesmo com os tiros.

Entramos na casa e demos uma olhada nas crianças; felizmente elas estavam dormindo em segurança.

— Graças a Deus elas estão bem – disse Sara.

— Já volto – eu disse, e fui para o banheiro lavar as mãos, que repentinamente me pareceram sujas. Eu olhei meus dedos horrorizada; uma de minhas francesinhas estava totalmente quebrada!

Você tá de brincadeira comigo?!

Eu fiquei muito brava. A primeira e única vez que minha unha tinha sido feita por uma profissional e eu me vi no meio de uma situação insana que arruinou a beleza das minhas unhas. Eu olhei para a que estava quebrada e cortei a ponta dela.

Ainda possesso, eu desci até o porão onde Sara e a mulher estavam.

— Como você se chama? — perguntou Sara para ela, que estava olhando para o nada. A mulher suspirou, trêmula.

— Hannah — respondeu, de forma grosseira.

— Então, você se importa de voltar ao princípio e nos contar o que aconteceu? Acho que precisamos saber, especialmente devido ao fato de que matei dois homens que estavam atrás de você.

Hannah assentiu e se sentou nos degraus. Ela pigarreou.

— Bem, estávamos ocupados no trabalho, Paul e eu. Nós temos uma loja de bebidas na Rua Principal, a *Liquor Depot*, conhecem? Bom, seja como for, foi lá que encontramos pela primeira vez aqueles... monstros.

Sara franziu o cenho.

— Você viu mais de um no centro da cidade?

— Sim, mais cedo, no início da noite. Eles não eram soldados, também. Apenas pessoas normais — ela disse, absorta. — Ou *costumavam* ser pessoas. De qualquer forma, a loja geralmente está cheia, não importa o horário, mas nos últimos dois dias não estávamos tendo tantos clientes. A gripe, sabem? Prejudicou nosso negócio também, acreditem ou não.

A voz dela foi ficando rouca, então eu ofereci uma garrafa d'água para ela.

— Obrigada — disse ela. — Bem, eu estava saindo do fundo da loja quando eu ouvi Paul gritando com alguém perto do caixa, então eu corri até a parte da frente, para ver o que estava acontecendo. Bem, era um daqueles... troços e ele estava fazendo um uns sons gorgolejantes estranhos, e tentando agarrar o braço do Paul. Lá de trás, eu achei que fosse apenas um camarada nervoso, então gritei para ele sair da loja — suspirou ela. — Mas invés de sair, ele se virou para mim e começou a me atacar! Graças a Deus que Paul estava lá... Oh Paul! — chorou ela, amargamente.

Sara deu um lenço para ela e segurou seu ombro.

— Desculpem-me. É apenas a ideia de nunca mais vê-lo novamente, sabem? — Ela fungou.

Assentimos. Sara deu mais lenços para ela.

— Bom, Paul agarrou a coisa antes que ele chegasse perto demais e a coisa o mordeu no ombro!

— Você fica os chamando de 'coisa'. O que você quer dizer? Tem certeza que não era apenas um cara louco? — perguntou Sara.

Hannah bufou.

— Queria que fosse. Não... Os olhos dessa *coisa* não eram... Normais. Havia algo de errado com as pupilas. E a pele dele parecia cinza-esbranquiçada, quase igual à pele que está se decompondo. Na verdade — disse ela, sentando-se com a coluna reta. — Isso é o que essas coisas me fazem lembrar... Pessoas mortas.

— Pessoas mortas... tipo zumbis? – sussurrei.

— Exatamente assim! Sabe, meu pai era dono de uma funerária nos anos setenta. Uma vez eu xeretei no porão e vi uns defuntos – disse ela. – É, isso é o que aquelas coisas me lembram, pessoas mortas vagando por aí, sem as almas.

Eu não sabia bem o porquê, mas eu acreditava nela. Porém, não dava pra dizer o mesmo sobre Sara, pela expressão dela.

— O que aconteceu após seu marido ter sido mordido? – perguntou Sara.

Hannah suspirou.

— Bem, Paul ficou batendo na cabeça dele, sem parar, até que a coisa finalmente largou o ombro dele e caiu no chão. Depois, o desgraçado levantou e correu até o Paul, rosnando para ele.

— Você o matou? – perguntei, com a voz mal podendo ser ouvida.

— Pode apostar. Agarrei a arma que fica atrás do caixa e atirei na cabeça da coisa – disse ela, orgulhosamente.

Sara e eu nos encaramos, sem saber direito o que falar.

— Você chamou a polícia? – perguntou Sara.

— Bem, tentamos ligar para o xerife, mas as linhas estavam ocupadas. Então, Paul ligou para um amigo dele da polícia, Jim Nielson. Por incrível que pareça, Jim estava por perto. Ele disse que essas coisas estavam atacando as pessoas por toda a cidade.

Eu me espantei.

— Na cidade inteira?

Hannah assentiu.

— Sim. E o que é ainda mais preocupante é que os que se transformaram nesses.... zumbis, eles eram pessoas normais que moravam aqui na cidade.

Sara coçou a testa.

— Então o que você está dizendo é que pessoas normais estão se transformando em zumbis?

Hannah cerrou as pálpebras e nos encarou ameaçadoramente.

— Pra começar, deixe-me perguntar uma coisa: Alguma de vocês tomou a vacina da gripe?

Nós duas balançamos as cabeças.

Hannah suspirou aliviada.

— Ótimo, então não preciso me preocupar com nenhuma das duas se *transformando*.

Sara franziu o cenho.

— Transformando? Espere um pouco. Você está dizendo que as pessoas estão virando... Zumbis... porque tomaram vacina da gripe? – Ela balançou a cabeça. – Você não está falando sério.

Hannah riu amargamente.

— Tão sério quanto um ataque cardíaco. Queria que não fosse verdade, queria que Paul ainda estivesse... Vivo. Mas o Jim, ele nos disse tudo, a verdade nua e crua. A verdade é que o governo está desesperadamente tentando esconder e consertar o que fizeram. Eles até cortaram o que puderam da força pra tentar conter essas coisas.

— Eles que são os responsáveis pela falta de energia? – perguntou Sara.

Hannah assentiu.

— Pessoalmente, acho que algum manda-chuva já tinha perdido a cabeça quando aprovaram isso.

— Nada faz sentido – murmurou Sara.

— O que exatamente estão tentando esconder? – perguntei, sem fôlego.

Ela pôs a mão no meu ombro.

— Nesse instante, qualquer um que tenha tomado a vacina está condenado. Eles receberam uma sentença de morte. Só que apenas a alma morre, o corpo continua vivendo.

Eu esperei ouvir o barulho de um trovão após essa revelação terrível. Invés disso, Sara riu alto.

— Isso é ridículo! Sem chance que o governo liberaria uma vacina que criasse milhões de... zumbis!

— Bom, essa foi nossa reação quando ouvimos a história. Mas, veja bem, a nova vacina nem foi testada completamente antes de ser liberada. O FDA^[23] nunca aprovou a vacina, e mesmo assim ela foi liberada.

— Como isso pode ser possível? O FDA teria que estar envolvido para que a droga fosse liberada.

— Bem, eu não sei os detalhes do que aconteceu, querida. Essa é a história que eu ouvi e, após ver algumas dessas coisas mortas andando, eu acredito em Jim.

— Como uma droga pode fazer uma pessoa tomar decisões sem uma alma consciente? – perguntei.

— Eu não sei. Só espero que aquelas almas perdidas tenham encontrado o criador – respondeu Hannah com voz baixa, fazendo o sinal da cruz.

Aquilo tudo era demais para mim.

— Você encontrou mais quantos desses zumbis essa noite? – perguntou Sara.

— Bem, após conversarmos com Jim, fechamos a loja para que pudéssemos voltar correndo para casa. Na hora, nós não tínhamos acreditado muito nele, até vermos os horrores que estavam acontecendo pela cidade.

— O que vocês viram?” – perguntei.

— Pessoas inocentes estavam sendo atacadas por esses... Zumbis. Bem ali nas ruas! Eu senti como se estivesse em um filme de terror. Minha mente queria acreditar que as pessoas eram atores, que o sangue e partes de corpos não eram reais. Que era apenas uma cena que estavam gravando para um filme – Os olhos de Hannah se encheram de lágrimas. – Mas era real.

— Como vocês saíram de lá? – perguntou Sara.

— Nós temos uma Dodge Ram – disse ela. – Com um HEMI^[24]! Eu posso dizer pra vocês que ela abria caminho no meio dos zumbis sem dó. Eles nem viram o que os atingiram.

Olhei para Sara horrorizada, imaginando os corpos sendo atingidos pela caminhonete.

— Se vocês saíram da cidade, o que aconteceu com Paul?

Hannah balançou a cabeça, tristemente.

— Havia uma garotinha, que devia ter uns dez anos, a poucos quarteirões daqui. Bem, ela estava correndo e alguns soldados a estavam caçando. Tivemos que parar. Dava pra ver que a menininha não era uma zumbi, mas os soldados... Eles já tinham se transformado.

— Por que o governo deixaria soldados que foram vacinados monitorar tudo?

— Eu não acho que eles saibam exatamente quem foi vacinado, mesmo no exército. Você pode ir até a farmácia do bairro e tomar a vacina. Seja como for, os soldados que você matou essa noite eram os que estavam perseguindo a menina. Nós o acertamos com a caminhonete e eles ficaram bem machucados, você viu que até faltavam partes deles. Mas isso não os impediu de vir atrás de nós. O mais alto foi o que pegou o Paul. Ele era rápido e forte. Eu não consegui ajudar meu marido – disse ela, com lágrimas rolando novamente.

— O que aconteceu com a garotinha? – perguntei.

Ela deu de ombros e enxugou os olhos com o lenço.

— Pra ser sincera, eu não sei. Tomara que ela tenha chegado a um lugar seguro.

— O que fazemos agora? – perguntei para Sara.

Sara estava pálida. Ela saiu sem falar nada.

Senti ânsia de vômito. A ideia de minha mãe, meu pai e minha irmã estarem nesse pesadelo, provavelmente lutando para sobreviver, era horrível demais. Eu não sabia se podia confiar naquela mulher. Havia zumbis de verdade infestando as ruas, procurando pela próxima vítima?

Eu me virei para Hannah.

— Hm, e as pessoas que não são zumbis? O que acontece se elas forem mordidas ou feridas por um?

Os olhos dela se arregalaram.

— Não sei, querida. Estava ocupada demais fugindo para sobreviver para poder descobrir.

Capítulo Doze

Eu estava sobrecarregada e emocionalmente exausta por tudo o que havia acontecido. Precisando de uma dose de cafeína, eu fui até a cozinha para pegar uma lata de refrigerante e percebi que havia uma mensagem no meu celular.

Bryce? Eu não tinha me permitido pensar nele, era muito doloroso considerar que ele poderia estar entre os mortos-vivos. Eu não tinha ideia se ele tinha tomado a vacina, e nem o irmãozinho dele, pensando bem. Poderia ser uma boa ideia ficar de olho no Bobby!

Eu peguei meu celular e respirei aliviada, era a Allie. Eu disquei rapidamente para ela, do *voicemail* mesmo, mas minha felicidade foi logo despedaçada.

— Cassie — sussurrou Allie, e eu podia perceber que ela estava em lágrimas. — Oh, meu Deus... Precisamos de ajuda! Dan está tentando... Matar a gente.

Em seguida, eu a ouvi gritar, aterrorizada, e o telefone ficou mudo.

Horrorizada, eu tentei ligar para ela novamente, mas ela não atendeu. Então enviei várias mensagens de texto e aguardei. Mas ela não as respondeu. Eu larguei meu celular e comecei a chorar; eu não podia suportar a ideia de nada de mal acontecendo com a Allie. Dan deveria ter se transformado em zumbi!

Isso me acertou como uma pedra. Eu sabia exatamente o que tinha que fazer: *salvar minha irmãzinha*.

Enxugando as lágrimas, eu me levantei e peguei as chaves da caminhonete. Não havia como eu simplesmente me sentar e esperar que ela fosse vítima do Dan ou quaisquer outros zumbis. Se ela ainda estivesse viva, eu iria encontrá-la.

Suspeitando que Sara não me deixaria sair da segurança da casa, decidi não contar meus planos para ela. No lugar disso, peguei um pedaço de papel e escrevi uma mensagem para ela. Também pedi que ela vigiasse Bobby com atenção. Finalmente, coloquei o endereço da Paige, caso minha mãe ou meu pai aparecessem em casa.

Voltei para o porão e, sem chamar atenção, peguei mais munição perto do armário de armas. Sara nem percebeu, ela estava ocupada demais tentando consolar Hannah.

Bocejando, eu disse:

— Vou me deitar um pouquinho.

Ela me olhou e assentiu.

— Tudo bem, Hannah e eu vamos decidir o que iremos fazer depois.

Eu me despedi, depois corri para o andar de cima para pegar a Berretta e meu nunchaku, que era algo que eu jamais havia usado fora das aulas de karatê.

Ele podia causar muita dor; se houvesse uma oportunidade para que eu pudesse usá-lo, era essa.

Minha caminhonete estava estacionada no outro lado da garagem. Com o coração disparado, eu suspirei amedrontadamente e me esgueirei para fora, trancando a porta. Estava um silêncio de morte, exceto por uma coruja-das-torres, em algum lugar longe dali. Felizmente eu estava sozinha, ninguém estava me espreitando nas sombras. Entrei na caminhonete e tranquei as portas.

Por favor, dê partida, implorei para minha caminhonete complicada. E, sem esforço algum, ela deu partida.

Com as esperanças renovadas, eu dei ré, saí da entrada e segui pela rua, sem acender os faróis até eu estar longe o suficiente de casa.

Conforme eu dirigia pelas ruas da vizinhança, eu meio que esperava ver corpos, mas fiquei surpresa por quão calmo estava tudo. Sem corpos, sem mortos andando, nem mesmo vizinhos indo ou vindo, o que não era lá muito estranho, já que passava da meia-noite. Apesar de que, naquela noite, tudo parecia agourento.

Eu relaxei um pouco e liguei o rádio, mas havia apenas estática.

Deveria ter trazido meu iPod, pensei.

Cerca de quatro quarteirões dali, vi a caminhonete de Hannah parada displicentemente no meio da rua. Era amarela, com manchas de sangue no para-choque e no capô. Eu a contornei cuidadosamente, esperando ver o marido morto da Hannah pulando e vindo em minha direção. Mas, graças a Deus, estava vazia.

Quando eu me aproximei do primeiro cruzamento, eu percebi, de canto de olho, um movimento. Eu não prestei muita atenção até reduzir no Pare e um zumbi com um cabelo enorme atacar minha caminhonete. Ele rastejou pelo meu capô enquanto eu apenas olhava para ele, totalmente paralisada pelas ações dele.

O rosto do zumbi se contorcia grotescamente e ele gemeu pavorosamente. Eu me encolhi, tensa, com ele me encarando faminto com aqueles olhos insanamente vermelhos. Ele então colocou a boca de encontro ao para-brisas e começou a lamber o vidro, como se estivesse tentando sentir meu gosto através dele. Os resíduos viscosos que sua língua enegrecida deixavam foram suficientes para me deixar com ânsia de vômito, bem como para me fazer reagir. Eu pisei com tudo no acelerador, achando que seria capaz de tirá-lo dali sacudindo com a caminhonete, mas ela tinha outros planos; ela falhou, deu uns solavancos e morreu.

Eu encarei o zumbi nos olhos; ele parecia entender o que estava acontecendo. Seus lábios cinzentos se curvaram em um sorriso irônico, como se estivesse zombando de mim, o que me deixou furiosa. Eu ergui o dedo do meio para ele, esperando que ele entendesse aquilo, também.

Quando obviamente aquilo não resultou em nada, eu tentei fazer o motor pegar novamente, dessa vez pisando muito mais gentilmente no acelerador.

Quando a caminhonete começou a se movimentar, eu quis comemorar, mas o zumbi continuava segurando no capô, estragando minha vitória.

— Cai fora! — eu gritei, mas o zumbi apenas me encarava com aquele desejo canibalístico.

Eu pisei mais no acelerador e fiz o velocímetro subir, mas o zumbi continuava segurando firme, seus cabelos castanhos balançando com o vento.

Que se dane. Afundei o pé no acelerador, sem me preocupar se haveria outros carros. Dessa vez, senti uma empolgação quando o zumbi escorregou para o lado do capô e caiu no meio da rua. Prendi a respiração até que eu não pudesse mais vê-lo pelo retrovisor e suspirei, tremendo. Eu havia acabado de sobreviver ao segundo round contra os zumbis.

Eu me acalmei e continuei o caminho para a casa da Paige, notando diversos veículos abandonados em quase todas as ruas pelas quais eu passava. Era surreal e eu comecei a me sentir como se eu fosse a única sobrevivente em um filme de terror ruim. Embora eu estivesse morta de medo, a lembrança da minha irmãzinha continuava me motivando a seguir em frente.

Quando eu finalmente cheguei ao Hillshire Commons, o condomínio chique onde Paige morava, eu percebi que a guarita estava vazia e o portão de entrada, aberto. Eu passei por ele cautelosamente, olhando para as ruas à procura de zumbis, não querendo que mais nenhum saltasse sobre a caminhonete. Prendi a respiração por quatro quarteirões inteiros, e suspirei aliviada quando cheguei na entrada de pedrinhas arredondadas da casa de Paige, sem maiores problemas.

A casa parecia escura e agourenta. Minhas mãos começaram a tremer incontrolavelmente, comigo imaginando o que eu poderia encontrar lá dentro. Quando tirei as chaves do contato, elas escorregaram das minhas mãos trêmulas e caíram no chão, então me abaixei para pegá-las. Quando eu me levantei, dois pares de olhos vermelhos como sangue me encaravam pelo vidro. Eu gritei, completamente aterrorizada.

Capítulo Treze

Quando finalmente parei de gritar igual a uma louca, eu respirei fundo e avaliei minha situação. Dois zumbis estavam Tateando do lado de fora de minha caminhonete, tentando desesperadamente me pegar. Eles eram medonhos e estavam famintos. Só que eles estavam lá fora e eu ainda estava, de certo modo, segura dentro de minha caminhonete.

— Vaza! Vai embora! — eu gritei, segurando minha arma.

Um deles, um zumbi obeso usando pijamas, levantou a cabeça, encarando-me como se eu fosse uma espécie de aperitivo delicioso. Sangue coagulado saía de onde um dia havia sido seu nariz e eu tremi de nojo.

A outra zumbi estava espumando pela boca. Ela era magra como um palito, uma criatura revoltante que deveria estar tomando banho quando se transformou. Eu presumia isso devido ao fato de que ela estava nua em pelo, usando apenas uma touca plástica. Essa mesma criatura estava rosnando e arranhando freneticamente a janela do meu lado da caminhonete. Ela não aparentava estar ferida, mas ela tinha aqueles típicos olhos de zumbi, e a pele dela estava acizentada e cheia de manchas venosas.

Eu sabia que minha situação não era das melhores, então decidi esperar por alguns minutos, para ver se os zumbis perderiam o interesse e acabariam indo embora. Mas então a zumbi magrela começou a bater com ambas as mãos na janela e eu comecei a me apavorar com a possibilidade de o vidro quebrar. Então decidi uma abordagem diferente; eu gritei com eles para ver se *eles* ficariam confusos e possivelmente me deixassem em paz. Foi um tiro no escuro... que eu errei totalmente.

Ambos os zumbis pararam e me encararam enquanto eu gritava com toda a minha força. Eu achei que estava indo bem até que a zumbi deu um grito agudo que fez meus gritos parecerem sussurros. Então, horrorizada, eu percebi que aquele grito havia chamado a atenção de outros zumbis da área, que agora estavam vindo em minha direção para tomarem parte na festa.

Xingando, eu passei para o banco do passageiro e abri a porta.

O zumbi começou a se babar enquanto cambaleava em volta da caminhonete em minha direção. Eu mirei minha mão direita, que tremia, e atirei na cabeça dele. Pedacos rançosos de cérebro de zumbi coloriram a calçada.

— Oh, Deus — eu disse, tremendo, resistindo à vontade de vomitar. Eu olhei para a zumbi, que também vinha em minha direção. — Ouça, você é a próxima se chegar mais perto — avisei.

Ela rosnou, mostrando os dentes, e saltou em minha direção, mas não antes de eu acertá-la com um tiro entre os olhos.

Sentindo os outros zumbis da vizinhança se aproximando, eu agarrei minha lanterna do porta-luvas e corri em direção da porta da frente. Infelizmente, estava trancada.

Tocar a campainha? Certamente valeria a tentativa. Eu percebi que um zumbi não teria capacidade de abrir a porta, menos ainda destrancá-la. Além disso, se uma das garotas ainda estivesse viva, ela abriria a porta para mim.

Um vovô de peito peludo e cueca samba-canção rosnou para mim da beira do gramado e eu vi que não podia esperar mais. Eu corri para o lado da casa e tentei abrir o portão alto de madeira. Dessa vez, felizmente, estava destrancado. Entrei no quintal e dei uma verificada rápida com a lanterna. Não havia sinais de sangue, apenas toalhas molhadas, petiscos e duas boias estilo colchão inflável ainda na água. Decidi verificar a casa e passei pela porta aberta do pátio até a cozinha, onde vi uma frigideira de ferro fundido no chão, além de notar que faltavam algumas facas na mesa de cortar carne. Então, vi algo vermelho escuro espalhado na mesa de mármore no centro da cozinha. Quando me aproximei da mancha com minha lanterna, deixei escapar um suspiro trêmulo de alívio: era molho de pizza.

Limpando o suor da testa, eu segui em frente. A casa deles era gigantesca, mais de três mil metros quadrados, e eu sabia que tinha muito terreno para cobrir, então comecei pelo óbvio: o quarto de Kylie. De cara eu encontrei a bolsa de couro rosa e a mochila de roupas da Allie em cima de um colchão para visitas, mas nenhum outro sinal de nenhuma das garotas.

Em seguida, fui até o quarto da Paige, que ela gostava de chamar de sua “ala.” Ela tem seu próprio banheiro com banheira de hidromassagem, armário daqueles que você entra para escolher a roupa, e até sua própria sala de leitura. Por acaso eu encontrei o iPhone novo dela quase embaixo da cama, como se ela o tivesse deixado cair displicentemente. Eu o coloquei no bolso e continuei procurando pela casa inteira com minha lanterna. Após eu revistar cômodo por cômodo da casa, incluindo a enorme sala de TV e o andar de cima onde Kristie e Dan dormiam, meus olhos começaram a se encher de lágrimas frustradas; o lugar parecia deserto e eu não tinha ideia do que fazer em seguida. Enquanto eu me arrastava escada abaixo de volta para a cozinha, meu celular começou a vibrar. Eu me encolhi quando vi quem era.

— Graças a Deus! Que diabos você estava pensando, menina? — gritou Sara.

Eu limpei a garganta.

— Olha, eu tenho que achar minha irmã, ela precisa de mim. Se fosse sua irmã, você faria o mesmo. Você sabe que tenho razão.

Ela ficou quieta por um minuto e suspirou.

— Sim, você tem. Então... já a encontrou?

— Não – respondi, triste.

— Bem, será que todos fugiram?

— Deus, eu só posso torcer para que sim. Você ouviu alguma coisa sobre minha mãe, meu pai ou Bryce? – perguntei.

Outra pausa.

— Não, Cassie, sinto muito.

Fechei meus olhos e arfei.

— Ok, veja bem, vou continuar procurando. Ligue pra mim se souber de alguém da minha família. Tchau.

Desliguei antes que ela pudesse começar a piar sobre voltar pra casa.

Eu coloquei minha cabeça entre as mãos e tentei pensar sobre onde Allie e os outros poderiam ter ido. Eu senti que estava deixando algo passar e isso estava me deixando louca. Então, do nada, a resposta me atingiu como uma marreta, o *quarto do pânico novo*! Era um abrigo da família que demoraria mais uns dois meses para ficar pronto, mas ainda assim seria um bom lugar para se esconder. Paige tinha mencionado que ficava na adega, então corri para o andar de baixo e comecei a procurar. Ele deveria ficar escondido logo atrás dos compartimentos das garrafas.

Eu dei um gritinho – “Yes!” – quando achei a entrada; parecia um painel comum com um teclado acoplado. Quando levantei minha mão para tocar na parede, ela se abriu.

Capítulo Quatorze

— Graças a Deus! — eu disse, cara a cara com minha melhor amiga. Embora fosse óbvio que Paige estava aliviada por me ver, a expressão assombrada dos olhos dela dizia muita coisa. Ela desabou em meus braços e chorou, soluçando.

— Paige, onde está Allie? — perguntei, tentando olhar para dentro do quarto do pânico. Infelizmente, Paige parecia estar sozinha.

Ela balançou a cabeça enquanto lágrimas rolavam pelo rosto dela.

— Eu... Eu não sei! — disse ela.

Senti vontade de segurá-la e sacudi-la, mas eu me forcei a permanecer calma; nós duas tínhamos passado por todos os tipos de provação nas últimas horas.

— O que você quer dizer? — perguntei, devagar.

— Eu não sei! Allie e Kylie fugiram. Elas estavam tentando buscar ajuda — disse ela com lágrimas nos olhos. — Não sei nem onde minha mãe está!

— Ok, acalme-se e me conte do começo. O que aconteceu?

Os olhos verde claros dela se arregalaram.

— Foi o meu padrasto, o Dan. Ele virou um tipo de monstro! Merda, ele tentou me *morder*. Daí minha mãe... Ela o acertou com uma frigideria. Mas ele... Ele continuava vindo atrás de mim com aqueles... olhos vermelhos horrorosos. Minha mãe me disse para correr, então eu fiz isso! Eu corri e estou me escondendo aqui desde aquela hora. Deus, eu estou com muito medo! — disse ela, soluçando.

— Paige, eu não vi mais ninguém na casa.

— Bem, onde está minha mãe? Ela não me deixaria aqui. Elas têm que estar em algum lugar!

— Paige, tá tudo bem. Iremos dar um jeito de encontrá-las — respondi, suavemente. — Ouça, você tem algo para beber? Eu tô precisando muito de caféina.

Eu estava de pé por quase vinte e quatro horas e estava finalmente sentindo os efeitos.

Ela me levou para dentro. O quarto do pânico era maior que meu quarto. Tinha móveis modulados de couro preto, um arsenal de equipamentos eletrônicos e uma geladeira lotada de coisas. Peguei um refrigerante e fui até as câmeras de segurança.

— Essas coisas funcionam? — perguntei.

— Não, já tentei. Não acabaram de instalar ainda.

Suspirei.

— Bom, pelo menos você tem o gerador e não teve que ficar no escuro.

Ela assentiu e olhou para o nada.

— Que devemos fazer?

— Bem, você tem armas? – perguntei.

— Quê... Como assim?

Eu tirei a Beretta que estava na parte de trás da minha calça.

— Bom, perdi o meu nunchaku quando eu estava andando pela casa, mas ainda tenho isso. Você vai precisar de algo para se defender também, só por precaução.

Ela apertou as pálpebras.

— Defender do... Dan?

Merda. Ela não sabia dos zumbis.

~~~~

— Paige? – Eu tinha acabado de contar minhas últimas horas para ela. A expressão no rosto dela era incompreensível. – Você tá legal?

— Você deve estar brincando – disse ela, finalmente. – Isso tudo é loucura.

— Acredite, eu queria que fosse. Você acha mesmo que eu inventaria algo assim?

Paige balançou a cabeça e dava pra ver que ela ainda tinha dúvidas. Para mim já era difícil acreditar e eu tinha visto tudo. Dei de ombros.

— Bom, em breve você vai ver com seus próprios olhos. Você tem um taco de baseball ou algo com que possa bater nos zumbis?

Ela me encarou como se eu tivesse perdido a cabeça.

— No meu quarto – murmurou ela.

Pegamos uma segunda lanterna e corremos para o quarto dela. Ela pegou um taco de baseball de metal e dois capacetes de softball, um rosa e outro preto.

— *Excelente* ideia! – eu disse, colocando o capacete preto. – Ok, agora fique perto de mim. Eu não vi nenhum zumbi na sua casa, mas tem uma tonelada de mortos andando pelas ruas.

Ela colocou o capacete rosa e eu lhe entreguei o taco de baseball.

— Uau, adorei suas unhas – disse ela de repente, segurando minha mão esquerda.

Olhei para baixo.

— É, elas ficam muito sexy quando estou atirando em um zumbi – respondi secamente.

Ela ficou boquiaberta.

— Oh, meu Deus... Você teve mesmo que usar a arma?

Meu celular tocou de novo. Era Sara novamente. Suspirei.

— Oi, Sara.

— É o Bryce. Onde você está? – perguntou ele, como quem dava uma ordem.

Fui pega por tantas emoções que meus joelhos bambearam. Eu escorreguei até o chão.

— Oh, graças a Deus! – gaguejei. – Eu... Eu não sabia o que tinha acontecido com você.

— Estou bem – respondeu ele, secamente. – Fique onde você está que eu vou te pegar. Você ainda está na Paige?

Antes que eu pudesse responder, Paige engoliu em seco horrorizada e se agarrou em mim.

— Que foi? – Eu me virei e soltei o celular.

Dois zumbis estavam parados, em pé, na porta do quarto. O cheiro deles parecia lixo apodrecendo.

— Caramba – disse Paige com voz sufocada.

A lua brilhava entre as janelas do quarto, o que nos deu uma visão muito boa dos zumbis. Um deles, um homem magrelo seminu de cabelo branco encaracolado, fez um barulho gorgolejante e curvou o lábio inferior, como se sorrisse. Sangue pingava de seu rosto pútrido e ele segurava o que parecia ser o braço de alguém. Ele o jogou no chão e cambaleou em nossa direção.

O que eu vi em seguida foi a Paige extravasar um tipo de grito feroz de batalha, erguer o taco de baseball e golpear alto, acertando o meio do crânio do zumbi. Antes que eu pudesse reagir, ela ergueu o taco de novo, pontuando um *home run*<sup>[25]</sup> na cabeça da criatura. Ele caiu no chão com uma pancada alta,nojenta.

O outro zumbi, um cara careca e musculoso, com tatuagens de caveira por toda a cabeça, rosnou para nós.

Eu ergui minha arma para acertá-lo, mas a Berretta emperrou. *Pelo amor de Deus*, murmurei, tentando atirar nele repetidamente, sem sucesso.

— Aguenta aí! – gritou Paige, tentando remover o taco que havia ficado preso no outro zumbi.

Mas o cabeça de caveira não podia esperar; ele cambaleou avidamente na minha direção, com uma espuma branca saindo da boca dele. Felizmente para mim ele era muito lento, com muito pouca coordenação. Eu desviei da linha de ataque dele e ele caiu no chão. Quando ele finalmente se levantou, eu pulei no ar e lhe dei um forte chute de lado; meu pé o acertou na garganta. Ele caiu para trás em cima do porta-joias de Paige; foi quando ela ficou parecendo estar possuída pelo Demônio.

O rosto da Paige ficou vermelho e ela gritou, furiosa.

— Tira essa bunda horrorosa de cima do porta-joias da minha avó, pedaço de carne morta podre!!!



Então ela chutou o zumbi, que caiu no chão, e enfiou o salto afiado da bota *Jimmy Choo* nova dela na cara dele, até que ficasse apenas um monte de carne e sangue.

Eu a encarei, chocada, quando ela enxugou a transpiração da testa, e depois pegou uma toalha e começou a limpar a bota.

Quando finalmente consegui dizer algo, perguntei:

— Então, acredita em mim agora?

Ela fechou os olhos e se recostou na parede.

— Sabe, tudo o que eu consegui pensar quando eu os vi foi que eu não estava pronta para morrer. Não pelas mãos deles.

Assenti.

— Tenho me sentido assim a noite toda.

Ela olhou para mim.

— Quem era no telefone?

— Bryce! – rosnei.

Eu sabia, antes mesmo de pegar meu celular, que ele já tinha se mandado. Apertei o *redial* e esperei, mas ninguém atendeu, foi direto para a caixa de mensagens. Deixei uma mensagem.

— Nada? – perguntou Paige.

— Não, – eu me levantei e suspirei. – Vamos.

Peguei minha arma e, como não podia deixar de ser, quebrei outra unha.

## Capítulo Quinze

Paige e eu vasculhamos cada centímetro da casa novamente, mas não encontramos sinais de ninguém. Nem mesmo do Dan zumbi.

— Você verificou lá atrás, perto da piscina? – perguntou ela.

Assenti.

— Foi por lá que eu entrei. A porta do pátio estava aberta.

— Deixe-me adivinhar, você não fechou a porta após entrar e foi por lá que o mortinho e o mortão entraram? – perguntou ela com um sorriso irônico.

— Pelo menos eram apenas dois. Você deveria ter visto quantos estavam vagando lá fora, nas ruas.

O sorriso dela esvaneceu.

— Ótimo.

Passamos cuidadosamente pela cozinha, até a porta de vidro deslizante. Para nosso desânimo, vimos que a área da piscina estava cheia de zumbis. Havia pelo menos uma dúzia andando sem rumo em volta da piscina, alguns caindo na água e afundando. Felizmente, nenhum deles percebeu nós duas.

Bufei.

— Poderia ser engraçado se não estivesse acontecendo de verdade com a gente.

— Caramba – murmurou ela. – Acho que vou vomitar.

O cheiro de pele apodrecida estava muito forte. Resistindo à vontade incontrolável de vomitar, fechei a porta e olhei para Paige.

— Uau, você não me convidou para sua festa na piscina. Isso magoa.

Paige rosnou.

— Brincadeiras à parte, estamos ferradas.

— Pelo menos o sol está começando a surgir, vai ficar mais fácil vê-los.

Ela estremeceu.

— E como isso vai melhorar as coisas para a gente?

— É, eles não são bonitos, especialmente os que morreram faz tempo.

Os olhos de Paige se iluminaram.

— Ei, você verificou cabana?

Balancei a cabeça.

— Não, nem pensei em olhar lá, eu só queria entrar na casa.

— Seria melhor darmos uma olhada lá agora. Como passamos por essas coisas? – perguntou ela.

— Bem, talvez possamos criar alguma distração na frente do quintal para atraí-los para longe da piscina.

Nesse instante ouvimos sons fracos de tiros de espingarda. Os zumbis deviam ter ouvido também, pois começaram a andar ociosamente em direção ao portão. Quando o último deles sumiu da nossa vista, eu cutuquei Paige.

— Vamos – eu disse.

Abri a porta deslizante e saímos da casa. A cabana ficava na outra extremidade da piscina e pudemos ouvir mais tiros enquanto chegávamos na entrada. Paige abriu a porta e rastejamos para dentro. Estava vazia.

Paige tirou o capacete e se sentou.

— Eu pensei que, com certeza... Oh, Deus... Onde diabos elas estão? – murmurou ela, colocando a cabeça entre as mãos.

Eu conhecia a dor dela. Tudo que eu podia pensar naquele momento era na minha irmãzinha. Uma memória veio à minha mente, de quando ela tinha três ou quatro anos. Ela me seguia por todos os lugares, usando as suas botas de *cowgirl* rosa, bem gastas, que geralmente estavam invertidas nos pés, implorando para que eu dormisse no quarto dela. No fim, eu acabava cedendo, e depois ficava de mau humor a noite inteira, tendo que assistir aos filmes de princesa e aguentando o jeito que ela se revirava dormindo na cama, chutando minhas costas. Mas, naquele momentoo, eu faria qualquer coisa para voltar àquela época.

Eu respirei fundo e coloquei a mão no ombro dela.

— Vamos descobrir de onde aqueles tiros vieram.

Paige assentiu, enxugando as lágrimas do rosto.

Abrimos a porta da cabana e vimos, horrorizadas, que os zumbis haviam voltado e tinha trazido companhia. Estávamos cercadas, sem ter por onde fugir.

— Ok, e agora? – sussurrou ela.

Quando eu ia abrir a boca, eu vi uma figura passando pela porta de vidro. Meu coração disparou de alegria quando reconheci aquela adorável carranca. Bryce! Ele tinha mesmo vindo me salvar!

— É o Bryce! – gritei.

Os zumbis pararam de gemer e de arrastar os pés; não dava pra ouvir um osso caindo. Todos, incluindo os zumbis, se viraram para nós.

— Muito bem – disse Paige, secamente.

Bryce ergueu seu rifle automático.

— Abaixem-se! – mandou ele.

Paige e eu nos agachamos quando ele começou a atirar nos zumbis. Eu peguei minha arma e comecei a mirar nos que estavam mais perto da gente. Sangue, muco e partes de corpos voavam para todos os lados enquanto observávamos a carnificina num tipo de glória distorcida. Os mortos ficaram mais mortos ainda e vivemos por mais uma hora naquele pesadelo funesto.

Paige fez cara de nojo.

— Ok, isso é totalmente nojento.

— Eu não acredito que ele está mesmo aqui – eu disse, recarregando a Beretta. As borboletas voavam como loucas, de novo, no meu estômago. Eu nem mesmo me importei de quebrar uma terceira unha. Eu a puxei de lado para arrancar a parte quebrada e decidi que, chegando em casa, eu cortaria as outras também.

— Só você para se apaixonar no meio de um massacre de zumbis – disse Paige.

Balancei minha cabeça.

— Não estou apaixonada por ele. Eu nem o conheço direito.

— Encare a verdade! Você sente algo por ele.

Eu tirei o capacete de softball.

— Ele é uma graça, claro, mas é meio irritante.

Ela deu de ombros.

— Ele é homem.

Quando o último zumbi girou e caiu com tudo no chão, Bryce correu até a gente. Ele ainda usava a mesma roupa da última vez em que eu o havia visto, mas agora coberta de sangue e pedaços de gente. Uma parte de mim queria que ele me carregasse nos braços para um local seguro, outra parte queria queimar aquela camisa nojenta primeiro.

— Vocês estão bem, garotas? – perguntou ele, com sua voz grave. Eu tinha quase esquecido quão lindos os olhos azuis dele eram.

— Estamos bem. Mas ainda não achamos nem a Allie, nem a mãe e a irmã da Paige – respondi.

Bryce olhou para nossos capacetes meio que dando risada. *Belo toque.*

Os olhos da Paige se arregalaram e ela assentiu.

— A ideia foi minha, para que eles não conseguissem chegar nos nossos cérebros.

Ele mordeu o canto dos lábios para não dar risada e depois olhou para a casa.

— Então vocês verificaram a casa inteira, porão, garagem?

Paige e eu nos olhamos.

— A garagem – dissemos em uníssono. Nenhuma de nós havia sequer considerado a garagem.

— Esqueceram da garagem? Ok, fiquem atrás de mim e façam exatamente o que eu mandar.

Bryce começou a andar em direção da porta da garagem, que ficava próxima à cabana. Paige deu uma olhada na bunda dele e fez sinal de positivo para mim, aprovando. Eu sorri e a empurrei para a frente.

Bryce girou a maçaneta da porta da garagem.

— Tá trancada. Para trás – disse ele. Ele então ergueu o rifle e fez um buraco na maçaneta.

— Desculpa, depois eu pago o prejuízo – disse ele, com um sorriso arrogante. Ele chutou a porta e o cheiro de decomposição nos atingiu como uma marreta. Estava escuro, então ele pegou a lanterna dele e ergueu a arma.

— Oh, meu Deus, é o Dan! – gritou Paige.

O Dan zumbi estava rodeando duas Escalades<sup>[26]</sup>, uma perolizada branca e a outra, preta. O rosto cinzento dele estava afundado e sua pele estava começando a apodrecer. Ele começou a arrastar os pés em nossa direção, seus lábios secos puxados para trás, num sorriso de morte.

Bryce apontou a arma para Dan, tirando aquele sorriso do rosto dele. Ele caiu duramente no chão.

— Eu nunca gostei dele mesmo – murmurou Paige. – Ele era só um babaca metido.

— Parece que ele estava sozinho – eu disse, olhando em volta.

— Não, tem alguém na SUV<sup>[27]</sup> branca – respondeu Bryce, andando em direção do veículo. – Sim, duas mulheres.

Paige e eu corremos até lá; eram Kristie e Kylie! Os vidros estavam erguidos e elas estavam cochilando nos bancos da frente. Não havia sinal da Allie.

— Mãe! Acorde! – gritou Paige, tirando o capacete. Ela começou a socar o vidro, mas nenhuma delas se mexeu.

— Espere aí – disse Bryce. Ele foi até o vidro de trás do carro e o quebrou. Destrancando a porta, ele entrou e chacoalhou o ombro de Kristie.

Os olhos de Kristie se abriram no susto e ela gritou quando viu Bryce, que provavelmente parecia um serial killer louco, com a camisa ensanguentada dele.

Bryce ria enquanto saía da SUV.

— Uau, nunca uma mulher tinha reagido assim comigo antes.

O rosto de Kristie se iluminou quando ela viu Paige pelo vidro. Ela tirou os fones do iPod que estava usando para ouvir música, e despertou completamente. Então ela saiu. Abraçando Paige, ela chorou.

— Oh, graças a *Deus* você está bem!

— Hm, onde está a Allie? – perguntei com a voz sufocada.

— Não sabemos – disse Kristie, soltando a Paige. – Dan nos atacou e ela fugiu correndo.

Suspirei.

— Sozinha?

— É, não sei para onde ela foi. Eu corri atrás de Kylie, que estava vindo para a garagem. Foi quando a Paige e a sua irmã desapareceram.

Eu me virei e a represa abriu. A dor de perder minha irmã era tão grande que eu não conseguia conter as lágrimas. Eu sabia que seria quase impossível para Allie sobreviver sozinha naquele pesadelo. Havia muitos zumbis no bairro e Allie não era páreo para eles. Ela não sabia atirar e nem conseguiria lutar com eles. Ela definitivamente não era forte o suficiente.

Bryce me puxou para os braços dele e me segurou enquanto eu chorava. Quando finalmente fiquei sem lágrimas, lembrei que todo mundo parado ali na minha frente tinha perdido alguém nas últimas horas, talvez até Bryce. Eu nem havia perguntado sobre o Bobby.

— Desculpe-me — soluzei, empurrando Bryce. — Eu nem perguntei sobre seu irmão. Estamos todos passando por tudo isso, não apenas eu. Sinto muitíssimo.

Ele pegou minha mão e a apertou, gentilmente.

— Bobby está bem, assim como todo mundo quando eu os deixei na sua casa.

— E meus pais? Estavam em casa? — No fundo, eu já sabia a resposta. Os dois estavam perdidos em algum lugar, naquele pesadelo.

Ele suspirou.

— Sinto muito, Cassie; eles não estavam por lá quando eu voltei. Mas eles são pessoas muito capazes, pelo que ouvi. Não desista deles, ok?

Assenti lentamente.

Kristie se aproximou e me abraçou.

— Sinto muito, querida. O Dan ficou maluco e nos caçou até a garagem. Tive que trancar a gente dentro da SUV para que ele não ferisse nem a mim, nem à Kylie.

— Não é culpa sua — suspirei.

— Sim, é sim — disse Kristie, erguendo as mãos. — Sabe, eu tenho uma sorte horrível com homens. O primeiro com quem eu me casei era um cretino e esse outro agora era um maníaco psicopata. Seja como for, nós a encontraremos. Ela estava fugindo do Dan. Como ele ficou aqui o tempo inteiro, ele não conseguiu fazer mal a ela.

Ela parecia tão otimista que aquilo me fez perceber que ela não tinha noção do que estava acontecendo no mundo lá fora.

— Ah... Você não sabe — eu disse, sem ar.

Kristie deu de ombros.

— Sabe do quê?

— Mostre para ela — disse Paige.

Bryce pegou a arma e voltou para o local de onde tínhamos vindo. Ele abriu a porta e fez Kristie ir até lá fora.

Kristie saiu e teve a primeira visão da carnificina que havia sobrado do massacre da festa da piscina. Ela colocou a mão na boca, horrorizada.

— Caramba!

## Capítulo Dezesseis

Bryce e eu trancamos o portão dessa vez para evitar que quaisquer outros zumbis entrassem.

— Como será que eles sabiam que estávamos aqui? — perguntei a ele enquanto começamos a andar de volta para a casa.

Ele deu de ombros.

— Sei lá, mas acho que deveríamos sair daqui logo. É perigoso ficar aqui.

Eu assenti, tentando não respirar naquele cheiro horrível. O cheiro da carne podre era tão pungente que eu decidi pedir um pouco de Vick para Kristie, para passar debaixo do meu nariz. Eu tinha ouvido dizer que era ótimo para mascarar odores rancidos.

Voltamos para a casa e fechamos as cortinas para que não tivéssemos que ver os corpos do lado de fora. Estava esquentando lá fora e agora as moscas estavam começando a infestar os mortos.

— Nada na TV ainda — murmurou Paige, jogando o controle remoto. Bryce tinha conseguido achar o gerador principal da casa, então tínhamos energia novamente.

— Alguém está com fome? — perguntou Kristie, abrindo a geladeira. — Eu estou morrendo de fome. Nem aqueles zumbis nojentos lá fora podem estragar meu apetite.

Eu não estava realmente com fome, mas precisava da energia que a comida proporcionava.

— Claro — respondi.

— Bom, o presunto ainda parece bom — ela comentou, cheirando o alimento. Ela o colocou sobre o balcão e pegou alguns pães. — Eu posso fazer alguns sanduíches. Desculpe, *Wild*, não tem pickles.

Eu sorri.

— Tudo bem.

Kristie fez sanduíches para todo mundo enquanto eu revia o que havia entendido dos zumbis. Eles eram cadáveres insaciáveis que fariam qualquer coisa por uma boa refeição. E nós éramos definitivamente o prato principal. Pelo menos, essa era minha versão dos fatos.

O raciocínio de Bryce era um pouco mais científico e vinha direto de um de seus amigos militares. Aqueles milhões de pessoas que haviam tomado a vacina da gripe tiveram a sentença de morte decretada. A teoria era que a vacina causava algum tipo de dano neurológico severo, destruindo a parte *humana* do cérebro. Por fim, ela começava a destruir tecidos em outras partes do corpo, incluindo músculos



e outros órgãos principais, basicamente, criando um vegetal que andava. Um vegetal com um apetite voraz por proteína, muitos deles. Ele não tinha certeza se eles realmente poderiam ser considerados zumbis, mas eles eram definitivamente algo que podia ser visto em um filme de terror.

— O exército vai conseguir conter essas coisas? – perguntou Kristie.

— A maior parte do exército é composta por zumbis agora, os soldados foram obrigados a tomar a vacina. Os poucos soldados restantes que não tomaram a vacina estão tendo que fazer todo o serviço. O fato é que estamos por nossa conta.

— Quanto tempo leva para alguém virar zumbi? – sussurrou Kylie. Era a primeira vez que ela havia falado desde que nós havíamos a encontrado. Kristie colocou o braço em volta dela.

— Não estou certo, embora eu ache que cada pessoa seja diferente, dependendo da massa corporal. Minha tia tomou a vacina e após apenas vinte e quatro horas ela já havia se transformado, já que ela era bem pequenininha. Ouvi dizer que outras pessoas demoraram muito mais.

— Sua tia não estava cuidando da sua mãe? – perguntei para Bryce.

Os lábios dele se contraíram e ele assentiu.

— Você viu sua tia quando ela virou zumbi? – perguntou Kristie.

— Infelizmente sim. Após o trabalho, eu fui ver se minha mãe estava melhor. Ela tinha se recusado a tomar remédio na clínica, incluindo a vacina. Ela nunca acreditou em vacinas de gripe, por isso que Bobby e eu não tomamos também. Pessoalmente, acho que ela apenas evitava qualquer tipo de cuidados médicos devido ao problema dela com bebida. Seja como for, quando cheguei em casa, vamos dizer que as duas estavam mortas, mas cada uma por um motivo diferente.

— Sinto muito – falei delicadamente.

Ele deu de ombros e se levantou da mesa para pegar uma garrafa d'água. Os olhos dele estavam marejados e ele olhou para fora, pela janela, enquanto nós terminávamos de comer nossos sanduíches.

— Então os zumbis podem infectar outras pessoas? – perguntou Paige, quebrando o silêncio.

Bryce pigarreou e olhou a todos.

— O exército acredita que eles podem infectar outras pessoas. Então, tentem não ser mordidas.

— Jesus, eu daria qualquer coisa por um cigarro agora – murmurou Kristie, coçando o queixo.

Paige ficou boquiaberta

— Mãe, você parou de fumar há dois anos. Controle-se.

— Bem, acho que há uma chance maior de ser morta por um zumbi do que morrer de câncer de pulmão — ela respondeu, secamente.

Eu levantei da mesa.

— Preciso ir ao banheiro. Você tem Vick?

Kristie me olhou, estranhando.

— Pode ir. Tem Vick no armário do banheiro.

— Que foi? O Vick ajuda a mascarar o cheiro dos mortos apodrecendo — expliquei.

Ela sorriu, divertida.

— Bem pensado. Como você teve essa ideia?”

— CSI — eu disse. E era verdade.

— Entendi. Você sabia que fumaça de cigarro também pode disfarçar diferentes odores? Bryce... Você fuma?

— Mãe! — gritou Paige.

Eu ri e fui até o banheiro no fim do corredor. Quando fechei a porta, eu vi a camiseta favorita da Allie pendurada atrás dela. Era rosa claro com as palavras “*Dare to Dance*”<sup>[28]</sup> estampadas na frente. Ela a usava constantemente em casa.

Eu suspirei. *Sinto muito por não estar lá por você*, pensei, segurando a camiseta. Quando fechei os olhos, ainda pude sentir o cheiro da colônia favorita dela, com cheiro de morango. Eu escorreguei até o chão e tentei não chorar. Após algum tempo, alguém bateu levemente na porta.

— Cassie? Você está bem? — perguntou Bryce.

Eu pigarreei.

— Sim, desculpe. Já saio em um minuto.

Ele fez uma pausa.

— Ok.

Eu me levantei e dei uma olhada no espelho. Meu cabelo estava desgrenhado, havia rímel escorrendo por meu rosto, e minha regata estava coberta de algo que eu nem queria saber o que era. Soluçando, eu lavei o rosto, pescoço e mãos; depois, tirei a regata. Eu vesti a camiseta da minha irmã, uma maneira de me sentir mais próxima a ela. Depois, penteei o cabelo, peguei o potinho de Vick e voltei para a cozinha.

Kylie sorriu de maneira triste.

— É a camiseta da Allie.

Eu passei a mão na camiseta e assenti.

Bryce olhou para sua própria camiseta e franziu o cenho.

— Por acaso você não teria algo que eu poderia usar?

Kristie suspirou.

— Você poderia usar uma camisa nova. Deixe-me achar algo pra você. Eu tenho algumas camisetas novas no armário do fim do corredor. Jogue essa coisa nojenta fora e venha comigo.

— Obrigado – respondeu ele, tirando a camisa e exibindo músculos perfeitamente definidos e barriga de tanquinho.

— Malha muito, Bryce? – perguntou Kristie, saindo da cozinha.

Eu não pude evitar encará-lo enquanto ele saía. O termo “esculpido à mão” não faria justiça a ele.

— Uau – sussurrou Paige. – Esse cara é  *muito* gostoso.

Dei de ombros.

— É. Nada mal.

Paige bufou e me empurrou, brincando.

— Você mente muito mal.

— Tá, ok, ele é bem... Espetacular.

— Tá ligada, eu acho que ele agora foi promovido para ser seu instrutor de karatê. As regras mudaram – ela suspirou e olhou pela janela. – O mundo mudou.

Eu coloquei o cabelo atrás das orelhas.

— Bem, um relacionamento não está no topo da minha *lista de prioridades* nesse momento.

— Só estou falando...

Bryce e Kristie voltaram para a cozinha. Agora o corpo dele estava coberto com uma nova camiseta branca.

— Desculpe, garotas, tive que cobri-lo para ele não distrair as zumbis.

— Ou os zumbis gays – respondeu Kylie.

Kristie ficou boquiaberta.

— Sabem, senhoras, vocês estão começando e me deixar realmente incomodado – disse Bryce, sem parecer estar brincando.

— Kylie? O que você sabe sobre ser gay? – perguntou a mãe da garota.

— Mãe, eu aprendi sobre sexo na quinta série. Dá um tempo! – respondeu Kylie.

— Ok, falando sério... O que fazemos agora? – perguntou Paige.

— Bem, quero dar uma olhada no bairro – respondi. – Preciso descobrir o que aconteceu com Allie. Descobrir se ela está presa em algum lugar lá fora, precisando de ajuda.

Bryce assentiu.

— Eu vou com você.

— Eu acho que  *todos* precisamos ficar juntos – disse Kristie. – Se há zumbis vagando pelas ruas, precisamos uns dos outros.

— Boa ideia – respondeu Bryce

Kristie pegou as chaves dela.

— Vamos todos dar uma volta na Escalade do Dan, então.

Nós achamos uma caixa térmica e a enchemos com água, refrigerante, batatas fritas e barras de granola. Bryce e eu pegamos nossas armas e Paige pegou seu taco de baseball de metal.

— Isso pode ser útil – disse Kristie, segurando um martelo medieval que ela achou na garagem. Ela tinha uma ponta afiada em um lado e uma cabeça grande na outra. Parecia mortal.

— É, dá pra fazer um estrago – concordei. – Onde você achou isso?

— É da convenção sobre o Renascimento que o Dan visitou ano passado. Ele coleciona coisas medievais como isso aqui. Ou melhor... colecionava – disse Kristie. Os olhos dela ficaram marejados e ela sorriu tristemente. – Coitado do Dan. Ele era meio nerd, mas eu amava aquele cara. Ele não merecia ter morrido daquele jeito.

— Ninguém merece isso – eu disse.

Kristie pigarreou.

— Eu deixo você dirigir – disse ela para Bryce, passando as chaves para ele. – Eu não sei se vou conseguir ser racional caso eu veja um desses bichos na rua.

Acontece que as ruas estavam infestadas de zumbis, alguns andando sem rumo, em um estado de confusão mental, enquanto outros estavam atacando os de sua própria espécie. Pelo que eu pude perceber, os zumbis que estavam em um estado mais avançado de decomposição pareciam mais ferozes. Eles, na verdade, pareciam se alimentar dos zumbis que haviam acabado de se transformar, de algum modo sentindo que as vítimas deles ainda tinham um pouco de proteína fresca disponível.

— Como diabos sairemos daqui? Eu não acho que eles irão simplesmente abrir caminho para a gente – disse Kristie.

— Não iremos desviar deles – disse Bryce, segurando o volante com mais força. – Nós vamos passar por eles. Desculpe, Kristie, mas pode ser que você precise de funilaria depois.

Kristie suspirou.

— Tire a gente daqui em segurança, dane-se a pintura. Dan não vai estar por aqui para reclamar dos arranhões.

— Ok, pessoal, deixem as janelas fechadas e travem as portas – disse ele.

Começamos a andar devagar na rua, em direção à multidão de zumbis que estava começando a perceber nossa presença. Enquanto nos aproximávamos, alguns até mesmo chegavam a sair do caminho, enquanto outros decidiram ver mais de perto.

— É estranho como alguns são bem dóceis enquanto outros são tão violentos – disse Paige.

— Eu acho que depende do estágio de decomposição que eles estão – respondi. – Os loucos e mais violentos são provavelmente zumbis há mais tempo que os outros. Pelo menos é a minha opinião.

— Agora sabemos porque alguns estão tão ensanguentados e destroçados. Eles têm atacado uns aos outros, também – disse Kristie, que parecia meio indisposta.

Quando chegamos ao ponto em que não conseguíamos mais ir em frente com a SUV, os zumbis se reuniram parados em volta do veículo, passando a mão nele. Alguns olhavam com olhares lânguidos para a gente e, no fim, começaram a subir no capô.

Bryce suspirou.

— Ok, pra mim já chega. Fechem os olhos se tiverem estômago fraco, garotas.

A SUV disparou, derrubando alguns dos zumbis do capô. Eu cobri os ouvidos para não ter que escutar os grunhidos dos zumbis e os sons de seus ossos se quebrando embaixo dos pneus.

— Oh, meu Deus – disse Kristie, engolindo em seco e segurando firmemente no painel do carro. – Isso é... Eu vou vomitar!

— Não! – gritou Kylie. – Não vomite ou eu vou vomitar também.

Quando finalmente passamos a multidão de zumbis, dirigimos por várias ruas para tentar encontrar minha irmã. A maioria dos bairros estava quieta, sem quaisquer sinais de vida. Até o parque estava vazio. Isso era frustrante e eu sabia que não era possível procurar em todas as casas, pois era perigoso demais. Quando nosso nível de combustível começou a ficar baixo e os zumbis começaram a ficar mais 'entusiasmados', tivemos que voltar.

— Sinto muito, Cassie. Eu queria que a gente pudesse fazer mais para achar sua irmã – disse Bryce.

— Eu também – suspirei, olhando pela janela para o portão de entrada do condomínio.

— Ei – disse Kristie, quase engasgando, apontando para a frente. – Tem alguém tentando correr ali. Oh, meu Deus, é uma garota e ela precisa de ajuda!

Meu coração acelerou e eu baixei o vidro para ver se era minha irmã. Infelizmente não era, mas eu reconheci a massa vibrante de cabelos ruivos.

— Eva King – murmurei.

## Capítulo Dezessete

— Ela virou zumbi? – perguntou Paige, erguendo su bastão de baseball. Eu bufei.

— Não.

Paige suspirou e recostou a cabeça novamente no assento.

— Nós realmente temos que parar?

— Paige... – disse Kristie, encarando-a. – Isso não é legal de sua parte.

Dois zumbis estavam se aproximando de Eva, que parecia mais aborrecida do que qualquer outra coisa. Em um braço ela carregava uma caixa de transporte de cachorros rosa e na outra uma bolsa Louis Vuitton gigantesca.

— Fiquem aqui – disse Bryce, parando o carro, fazendo-o derrapar. Ele saiu da SUV carregando o rifle dele, e em menos de cinco segundos os dois zumbis jaziam imóveis no chão; Eva parecia ter acabado de ver Jesus. Ela encarava Bryce com adoração, conforme ele abaixava a arma e andava em direção dela.

— Dá uma olhada na Eva. Ela está sorrindo para ele como se ele fosse um pires de leite e ela, um gato sedento – disse Paige, secamente.

— Paige, ele *não* é meu homem. Além disso, ela só está agradecendo-o – respondi. No entanto, eu tinha que admitir que senti uma pontinha de ciúme quando ela jogou os braços em volta dele e o beijou na bochecha.

Paige levantou os braços, nervosa.

— Olha isso! Ela acabou de deixar a marca nojenta e fedorenta dela nele.

Kristie riu.

— Tá bom, chega, Paige.

Eu fiquei olhando quando Bryce pegou a caixa de transporte de cachorros e ela se apoiou nele para andarem até o SUV.

— Oi, Eva – disse Paige com um sorriso de canto de boca quando Bryce abriu a porta de trás. – Machucou o tornozelo?

Eva piscou, confusa.

— Paige? – disse ela, mordendo o lábio inferior. – Sim, acho que eu torci ali atrás.

— Você pode sentar no banco lá de trás – disse Paige, puxando o banco dela para Eva passar. – Com seu gato.

— Oh, ok. Este é Chi Chi, e ele na verdade é um Chihuahua – respondeu ela, entrando no carro.

Eu me virei e encarei Eva que, como sempre, estava com roupas de grife e sapatos de salto alto ofensivamente caros. Ela deveria ter acordado muito cedo para cuidar do cabelo e da maquiagem, pois ela era exatamente meu oposto; cheirosa e feminina.

— Oi, Eva – eu disse. – Aposto que o pobrezinho passou por poucas e boas.

Chi Chi parecia estar tremendo mais do que qualquer outro animal que eu já tivesse visto.

— Oh, Deus, sim – disse Eva, revirando os olhos. – Hoje foi *a pior* manhã da minha vida! O motorista da minha mãe deveria ter me pegado meia hora atrás para me levar para o aeroporto, mas claro que aquele idiota incompetente não apareceu. Minha mãe não está atendendo a nenhuma ligação, o que é típico dela quando algo dá errado e eu preciso dela. Eu estava tão frustrada que meus olhos começaram a lacrimejar e e eu perdi minhas duas lentes de contato. Então, para fechar com chave de ouro, eu quase fui atacada por aqueles dois marginais! Eu fiquei com tanto medo... Eu não sei o que teria acontecido se vocês não tivessem aparecido.

— Então você sequer viu como eram eles? – perguntei, incrédula.

Ela retorceu o nariz.

— Não, mas eles fediam e faziam uns barulhos nojentos. Graças a Deus seu amigo bonitinho apareceu a tempo. Por mim, eles mereceram o fim que levaram – ela então abaixou a voz para um sussurro. – Sabe, acho que eles queriam me estuprar.

Olhei para Paige, que mordida os lábios para não rir. Fiz um sinal para ela e me virei para Eva.

— Eva... O que você estava fazendo por aqui, afinal de contas?

— Acabamos de nos mudar para a casa do noivo da minha mãe, do outro lado daquela rua – disse ela, apontando para uma gigantesca casa colonial<sup>[29]</sup>. – Eu estava indo falar com o segurança na guarita quando aqueles dois vagabundos começaram a correr atrás de mim. Acho que nunca fiquei com tanto medo na minha vida.

Estava na cara que Eva não tinha a menor ideia do que havia acontecido nas últimas vinte e quatro horas. Eu sabia que alguém deveria colocá-la a par, e Paige estava se divertindo demais para explicar a situação. Respirei fundo e comecei a contar a verdade.

Ela me interrompeu imediatamente.

— Dá licença? Você perdeu a noção das coisas, Cassie?

— Não, ela está falando a verdade – respondeu Bryce, no banco da frente.

Eva olhou alarmada para Bryce e então fechou os olhos. Ela respirou profundamente e depois soltou o ar devagar.

— Ok... – disse ela, sem fôlego. – Bem, eu estou mais inclinada a acreditar em você, já que está carregando uma arma e obviamente salvou minha vida. Além disso, aqueles malucos tinham um cheiro horrível. Como é seu nome, mesmo?

— É Bryce – respondi, rangendo os dentes. O fato de ela ter pensado que eu estava me mentindo me deixou muito brava.

A atenção de Eva se voltou para mim.

— Bem, você pode continuar a contar sua historinha.

— História? São fatos, Eva – retrucou Paige.

— Ok, vamos todos nos acalmar – disse Kristie. – É difícil aceitar o que aconteceu e vimos com nossos próprios olhos. Então, pensem como deve ser difícil para Eva acreditar.

Paige deu de ombros.

Os olhos de Kristie se abrandaram.

— Querida – disse ela. – Esses são os fatos; a nova vacina de gripe criou zumbis, ok? Você teve sorte de nos encontrar, porque você e Chi Chi... eram os próximos no cardápio. Se não por aqueles dois zumbis, pelo exército de mortos vindo atrás de nós. Caramba! Bryce, pisa fundo!!

Todos nos viramos para o vidro traseiro quando Bryce acelerou com tudo. Centenas de zumbis vinham em nossa direção.

~~~

Nós decidimos voltar para minha casa para ver como estavam Bobby e os outros.

— Bem – disse Kristie, fechando seu celular. – Graças a Deus meu irmão estava na cidade visitando minha mãe quando os zumbis atacaram, senão ela estaria sozinha. Eles estão na cabana agora e não tinham noção do que estava acontecendo. Eu disse para ele que iremos para lá assim que deixarmos todo mundo na casa da Cassie.

— Vocês têm certeza de que querem se arriscar dirigindo por aí sozinhas? – perguntou Bryce.

— Sinta-se à vontade para vir conosco, se quiser. Fica a apenas uma hora de viagem, ao norte daqui.

Eu não falei nada. Minha mãe, meu pai e minha irmã estavam todos desaparecidos e era tudo o que eu conseguia pensar naquele momento.

— Eva? Você está bem? – perguntou Kristie.

Eva estava olhando para fora, pela janela. Após trocar as lentes de contato e dar uma olhada nos zumbis vagando pelas ruas, ela ficou horrorizada de quão perto da morte ela havia estado.

Eu toquei delicadamente em seu ombro.

— Eva?

Ela se virou para mim com lágrimas nos olhos.

— Hm, desculpa... Eu apenas não tenho ideia alguma do que fazer agora. Estou tão preocupada com minha mãe...

— Você tem alguém para ligar? Seu pai ou um avô? – perguntei.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Meu pai está em algum lugar na Ásia. Eu não falo com ele há anos. Todos os meus avós estão mortos. Somos apenas eu e Chi Chi

— Sua mãe tomou a vacina? – perguntei.

— Não. Nenhuma de nós tomou.

De repente Bryce pisou com tudo nos freios e fomos todos jogados para a frente no carro.

— O que foi isso? – gritei com ele.

— Fiquem aqui – disse ele, saindo do SUV com seu rifle.

— Oh, Deus do Céu! Olhem aquele cachorrinho! – disse Kristie.

Vários zumbis estavam em volta de um golden retriever filhote. O cachorro estava em uma coleira que parecia ter ficado enroscada em uma cerca velha, com tábuas soltas, de uma velha igreja. Seu latido desesperado deve ter confundido os zumbis temporariamente porque eles estavam recuados, embora eu soubesse que não demoraria muito para que a fome deles fizesse com que chegassem mais perto.

— Não se preocupem, tenho certeza de que o Bryce vai salvar aquele cachorrinho – disse Eva.

Bryce ergueu seu rifle e começou a atirar.

— Vejam! – apontou Kylie. – Estão chegando mais zumbis detrás daquele trailer!

Uma casa motorizada estava estacionada em uma entrada próxima e Bryce estava prestes a ser atacado por uma horda maior de zumbis.

— Eu vou ajudar. Tranquem a porta quando eu sair – eu disse.

Felizmente Bryce tinha consertado minha arma e ela estava pronta para uso novamente. Eu abri a porta e pulei para fora.

— Bryce, atrás de você! – eu gritei e comecei a atirar no novo grupo de zumbis. Quando minhas balas acabaram, entretanto, eu havia acertado apenas dois na cabeça. Os outros estavam se levantando.

Bryce gritou comigo.

— Entre no carro!

Eu vi horrorizada quando outra leva de zumbis se aproximou de Bryce pelo outro lado da igreja. Eu sabia que ele não tinha munição suficiente para todos eles. Ele começou a atirar de novo e não demorou muito para esvaziar seu rifle.

— Merda! – gritou ele, com raiva, jogando a arma no chão. O que aconteceu em seguida foi que ele acertou os zumbis com seus pés e punhos,

fazendo eles caírem com tudo na calçada. Infelizmente, eles estavam se levantando ainda mais rapidamente.

Eu corri até o SUV e peguei o taco de metal e o martelo.

— Aqui! – gritei, jogando o taco na direção dele. Ele o pegou no chão e começou a golpear. Cérebros decompostos de zumbi começaram a se espalhar pela calçada na frente da igreja, o que me parecia imoral, um sacrilégio. Então eu me lembrei o quanto essas coisas queriam nos comer e segurei firmemente o martelo de guerra.

Respirei fundo e fui ajudar Bryce.

— Oh, Deus! – eu resmunguei quando fiz o primeiro zumbi cair. Sangue de zumbi se espalhou em cima de mim e eu quase vomitei. Atirar neles era bem menos nojento.

— Volte para a SUV! – bradou Bryce, baixando o taco em um zumbi que estava vestido como gótico, com cabelo preto liso escorrido.

Eu tirei o martelo, que havia ficado preso no zumbi e dei golpes em uma zumbi alta e magra, cujo rosto estava pela metade. Agora a outra metade combinava.

— Você precisa da minha ajuda! – gritei, levantando o martelo de novo, dessa vez golpeando uma cheerleader morta da escola; nós *nunca* havíamos nos dado bem, mesmo.

— Eu pego esse! – respondeu ele, com raiva, enquanto corria em direção de outro zumbi que se aproximava do cachorro.

— É, dá pra ver – eu disse, indo na direção de alguém que estava prestes a pegar Bryce por trás. Eu coloquei o pé na frente dele, fazendo-o tropeçar. Quando ele caiu de cara no chão, eu acabei rapidamente com ele.

— Cassie! Cuidado! – gritou Kristie na SUV.

Três novos zumbis estavam cambaleando famintos em minha direção enquanto eu tentava tirar o martelo do cérebro do zumbi que jazia no chão.

— Merda! – gritou Bryce, quando ele notou os idiotas. Ele estava ocupado com dois que vinham na direção dele.

O que aconteceu em seguida foi que Kristie pisou com tudo na SUV, esmagando os três embaixo dos pneus Goodyear enormes da caminhonete.

— Seis pontos! – comemoravam Paige e Kylie na janela aberta.

Kristie deu ré e esmagou outro pequeno grupo que vagava atrás de nós.

— Dez pontos, mãe! Woot! Woot!^[30]

Quando finalmente derrotamos todos os zumbis, tanto o Bryce quanto eu estávamos exaustos.

— Da próxima vez... Faça o que eu mando. Você poderia ter... Sido morta – disse ele, tentando recuperar o fôlego.

Eu enxuguei o suor da testa com meu antebraço.

— Em primeiro lugar, pare de me dizer o que fazer; em segundo lugar, ‘de nada’ seria suficiente.

Bryce ficou em pé e me deu um riso retorcido.

— Isso meio que me lembra a primeira vez que nos encontramos. Estávamos exaustos e tendo um combate mano a mano.

— Eu lembro. Você era assim humilde também – eu disse.

Os olhos dele encararam os meus.

— Sabe, há algo muito sexy na maneira que você golpeia com esse martelo.

Eu gargalhei.

— Você tem a mente muito poluída.

— Eu jamais disse que eu não tinha – ele respondeu. Ele pegou o martelo de guerra e o examinou. – Isso funcionou muito bem. Eu tenho que arranjar um desses para mim, com certeza.

— Claro, se você descontinuar a parte nojenta de ter que tirá-lo quando fica preso na cabeça dos zumbis. Eu tive que me segurar para não vomitar toda vez que eu o usei.

O cachorro começou a latir e ambos corremos em direção a ele, pois quase havíamos esquecido o porquê de termos arriscado nossas vidas lutando com aqueles zumbis. Era uma fêmea e tinha uma identificação na coleira com o nome “Goldie” gravada nela. Goldie mostrou seu agradecimento lambendo meu rosto enquanto Bryce soltava a coleira dela da cerca.

— Que cachorro lindo – disse Bryce, acariciando seu pelo macio e dourado. Ela parecia estar sorrindo de volta para ele, com sua língua pendendo no canto da boca.

— Sim, lindinha, valeu a pena lutar por você – eu falei, enquanto ela rolava de barriga para cima.

— Parece que temos outra guerreira no nosso grupo – sorriu Bryce.

Goldie latiu em agradecimento.

Capítulo Dezoito

Voltamos para a SUV com Goldie e ela imediatamente pulou no colo da Kylie, que ficou maravilhada. A filhotinha deve ter ficado empolgada por ver humanos com sangue quente, pois não conseguia parar de ir pra lá e pra cá, cumprimentando todo mundo.

— Ela é uma graça! – disse Paige, dando uma risadinha e recebendo uma lambida de 'alô' da Goldie.

— Aqueles zumbis feios – disse Kylie, com voz de criancinha, para Goldie.
– Ninguém vai machucar você agora, cachorrinha.

Bryce abriu a porta do motorista.

— Espere, pegue uma camiseta primeiro, Bryce – disse Kristie, segurando outra camiseta limpa. – Eu não sei como você ficou com tantas vísceras enquanto a Cassie mal tem sangue na roupa dela.

— Fácil, eu bato muito mais forte – respondeu ele, tirando a camiseta.

— Você foi demais, Bryce – declarou Eva, que estava encarando os músculos dele, lânguida.

Revirei os olhos.

— Valeu, Eva – respondeu ele, colocando a nova camiseta. Ele entrou na SUV e começamos a andar novamente.

— Desculpe por não poder ajudá-los – desculpou-se Paige, com o olhar furioso. – Minha *mãe* me obrigou a ficar aqui.

Kristie virou-se e a encarou.

— Encare os fatos, Paige, você não é do tipo lutadora. Provavelmente você teria mais atrapalhado do que ajudado.

— Na verdade Paige provou ser uma destruidora de zumbis muito boa hoje de manhã, quando fomos encurraladas no quarto dela. Ela deu cabo de dois deles – respondi.

Kristie virou-se para Paige, incrédula.

— Havia garotos no seu quarto?

Paige revirou os olhos.

— Sim, mas eles não vão voltar mais.

Eu sorri.

— É, e vamos dizer que ela provavelmente não vai conseguir nunca parar de tirar cartilagem dos saltos dos Jimmy Choos dela.

— Oh, meu Deus, que nojo! – gritou Kylie, com uma vozinha fina.

Conforme nos aproximávamos do centro da cidade, notamos vários carros abandonados pelas ruas e fomos forçados a diminuir para contorná-los. Felizmente, os zumbis cambaleantes nos ignoraram.

— Bryce, você tem mais munição para o rifle? – perguntei.

Ele balançou a cabeça.

— Não. Usei a última que tinha para salvar Goldie.

Eu senti uma respiração quente próximo ao meu ouvido.

— Uau, eu não tinha ideia de que você tinha parentes tão lindos, Cassie – sussurrou Eva.

Eu a encarei.

— É meu instrutor de karatê.

Os olhos da Eva se iluminaram.

— Instrutor de karatê? Nossa, que *sexy*!

— Fique longe dele, Eva – disse Paige, entre os dentes. – Ele já tem dona.

— Paige – eu disse, ameaçando-a. Ela não conseguia entender que Bryce e eu éramos apenas amigos.

Eva ficou quieta enquanto se recostava novamente em seu banco, com um pequeno sorriso nos lábios.

— Olhem todos aqueles zumbis em volta do McDonald's – disse Kylie.

Havia cerca de trinta ou mais andando sem rumo em volta do prédio abandonado, alguns até entrando.

— Pelo menos não estão percebendo a gente – disse Kristie.

— Será que algum deles ainda está tendo um *Big Mac attack*^[31] – brinquei.

— Aposto que eles podem sentir o cheiro dos hambúrgueres crus lá no fundo. É isso que deve estar atraindo eles para cá. Os hambúrgueres devem estar estragando, já que não tem energia – disse Bryce.

— Ei, pare no próximo posto de combustível que vir. Precisamos abastecer – disse Kristie.

Dois quarteirões depois, Bryce parou em um pequeno posto e saiu para encher o tanque. Eu o segui, segurando firmemente o martelo.

— Já volto! – gritou Kristie, saindo do carro com o taco de baseball.

— Mãe, você está louca? – gritou Paige, pelo vidro. – O que você acha que está fazendo?!

— Tô com sede – respondeu ela.

— Nós trouxemos bebidas – murmurou Paige, cruzando os braços.

Suspirei.

— Eu vou atrás dela.

— Cuidado – disse Bryce. – Parece estar vazio daqui, mas nunca se sabe.

Quando eu entrei na loja de conveniência do posto, encontrei Kristie atrás do balcão, abrindo um maço de cigarros.

— Eu devia saber – eu disse.

Kristie sorriu e deu um trago. Ela soltou a fumaça, que saiu branca e fazendo curvas de seus lábios.

— Cara, eu precisava disso.

Eu sorri.

— Paige vai *dar cria* por isso.

— Tá tudo bem. Deixa ela – respondeu Kristie. – Isso *faz valer a pena*.

Estiquei os braços e bocejei.

— Estou tão cansada. Vou pegar uns energéticos. Quer alguma coisa?

Ela assentiu.

— Um refrigerante diet, por favor.

Eu fui até a parte de trás da loja e peguei uns energéticos da geladeira. Quando me virei, uma das antigas funcionárias estava a trinta centímetros de mim, babando.

— Merda – rosnei, jogando as latas o mais forte que pude na cara cinzenta e manchada dela.

A zumbi rosnou e correu na minha direção, mas não antes de eu acertar a barriga dela com um chute giratório. Ela caiu para trás, em cima de uma pilha de caixas de cereais.

Quando levantei o martelo para acabar com ela, algo me agarrou pelos cabelos. Eu rapidamente dei um golpe com minha cabeça para trás, acertando um segundo zumbi no nariz. Ele ganiu ao soltar meu cabelo e eu pude sentir o cheiro horrível dele, mesmo com o Vick embaixo do meu nariz. Eu funguei e então o chutei, acertando-o com tudo no queixo.

— Quer mais? – perguntei para a primeira zumbi que tinha se levantado e estava cambaleando na minha direção. Dessa vez, Kristie estava atrás dela, golpeando-a loucamente com o taco de metal. Kristie a acertou na cabeça, fazendo um barulho alto, e a zumbi caiu, agora definitivamente.

Ela olhou para mim, pálida. Apontou para trás e disse, quase sem fôlego:

— Zumbi!

O outro zumbi estava vindo na minha direção com a boca escancarada. Eu dei um golpe com o martelo na cara grotesca dele e ele caiu no chão.

— Valeu, Kristie – eu disse, desprendendo o martelo. Percebi que eu estava começando a ficar um pouco indiferente ao sangue e às vísceras dos zumbis. Se aquilo era bom ou ruim, eu já não sabia mais.

Bryce entrou pela porta aquele instante.

— Por que estão demorando tanto?

Quando ele viu os dois zumbis caídos e Kristie acendendo outro cigarro, ele suspirou.

— Da próxima vez, eu faço as compras.

— Na verdade, acho que fizemos um ótimo trabalho ficando vivas aqui – eu disse, pegando duas embalagens de ração para cachorro.

Ele sorriu e pegou um pouco de beef jerky^[32].

— Eu não iria querer vocês no time oposto, com certeza.

Eu peguei mais dois energéticos e Kristie colocou vários maços de cigarro dentro da camisa dela.

~~~

Partimos novamente enquanto eu bebia da minha lata. Olhei pelo vidro para as casas e lojas pelas quais passávamos e era difícil imaginar quais horrores estavam escondidos dentro delas. Tudo parecia tão... Normal. Mas eu sabia que, sem dúvida, não era bem assim. O “Normal” não existia mais e estávamos agora apenas com os zumbis e os corações partidos.

Quando finalmente dobramos a esquina da minha rua, senti um medo corrosivo sobre o que encontraríamos na minha casa. Meu celular estava sem bateria e não havíamos entrado em contato com Sara desde que Bryce havia saído de manhã.

— Tudo bem, Cassie? – perguntou Bryce.

— Tô bem – eu disse, apesar das palmas das minhas mãos estarem suando e eu tive que enxugá-las na minha calça.

— Tenho certeza de que eles estão bem – disse Bryce, adivinhando meus medos. – Sara sabe usar uma arma e Hannah parece ser uma mulher bem forte. Elas iam ficar trancadas no porão com as crianças até eu voltar.

— E... O que elas fariam se você não voltasse? – perguntei.

Ele suspirou profundamente.

— Tenha um pouco mais de fé, Cassie.

Minha fé estava bem frágil naquele ponto. Eu basicamente havia perdido as esperanças de encontrar minha irmã, e meus pais estavam desaparecidos. Também havia meus avós, e eu nem queria pensar no tipo de pesadelo que eles estariam enfrentando.

— Oh-oh, parece que perdemos a festa de primavera do seu quarteirão – disse Kristie.

Paramos no fim da quadra. Vários de meus vizinhos estavam vagando pela rua, alguns se atacando, enquanto outros pareciam apenas confusos. Nós nunca havíamos sido muito próximos de nenhum deles quando vivos, mas era horrível vê-los agora como zumbis.

Dei de ombros.

— Será que eles cheiram como os outros?

Bryce assentiu.

— Não me surpreenderia nem um pouco se cheirassem.

— Bem, eles estão começando a se reunir em nossa direção, então é melhor que vocês nos tirem daqui – exigiu Eva.

— Nós não vamos embora; há mulheres e crianças naquela casa que precisam de nós. Assim como você precisou de nós agora há pouco! – rebateu Paige.

Havia cinco zumbis se aproximando da SUV.

— Ouça, devemos ir para a garagem. Há um teclado no lado da casa que eu consigo chegar. Assim que eu digitar a senha e abrir o portão, vocês entram.

— Eu cubro você – disse Bryce.

— Sério, esse é o plano de vocês? – perguntou Paige enquanto os zumbis se aproximavam da SUV.

— Tem um melhor? – perguntei.

Ela deu de ombros e suspirou profundamente.

— Nem, não tenho nada.

Bryce pegou o taco de metal da Kristie.

— Quando a porta da garagem abrir, ponha o carro lá dentro rápido. Atropele os zumbis, se for preciso.

O rosto de Kristie empalideceu. Ela assentiu e respirou fundo.

— Ok, estou pronta, *Freddy*.

— Pegou o martelo? – perguntou ele para mim.

Eu o ergui.

— Ok, vamos nessa – disse ele.

Eu abri a porta e rapidamente chutei um dos meus vizinhos na barriga. Eu saí correndo do carro e fechei a porta, empunhando o martelo.

— Desculpe-me, Sr. Bleechman. Nada pessoal.

Ele rosnou e correu na minha direção, mas eu desviei dele. Ele deu de cara no carro.

— Vocês, coisas, não são muito espertas, são? perguntei.

— Cassie! Pare de brincar e vá até o teclado! – gritou Bryce que estava ocupado com dois zumbis.

Respirei fundo e acabei com a curta existência de zumbi do Sr. Bleechman's com um golpe de martelo na cabeça dele. Quando ele caiu no chão, ouvi um berro inumano.

*Sra. Bleechman!*

Ela parecia ter surgido do nada e estava agora vindo na minha direção com a boca aberta e as longas unhas vermelhas de acrílico erguidas.

— *Peraí*, Lois, ele estava te traindo; eu na verdade te fiz um favor! – eu gritei, tentando tirar o martelo do crânio do marido dela.



Ela rosnou e continuou cambaleando na minha direção.

— Você está perdendo tempo – disse Bryce, de mau humor, enquanto agarrava a mulher pelos cabelos e a jogava no chão. Ela se virou para atacá-lo, mas o taco dele partiu o crânio podre dela em dois.

Fiz cara de nojo.

— Meu, isso... Isso... Foi bem nojento.

Ele apontou para a casa.

— Teclado. Agora.

Eu corri para o lado da casa e digitei os números para abrir o portão da garagem. Infelizmente, nada aconteceu.

— Merda – rosnei, pois eu havia me esquecido que estávamos sem energia. Sentindo-me uma tonta, corri até a pequena porta no lado da garagem e dei um gritinho quando vi que estava destrancada. Eu a empurrei para abri-la e manualmente abri os grandes portões da garagem, como meu pai havia me ensinado no verão passado.

Eu podia ouvir o som do taco de metal de Bryce atingindo mais zumbis, quando ele o erguia e golpeava. Embora eles agora fossem monstros, eu ainda achava errado matar meus vizinhos.

A SUV entrou e apenas um zumbi conseguiu entrar junto, mas Bryce cuidou dele rapidinho.

— Você pode empacotá-lo ou algo do tipo? Ele vai empestear a garagem – eu disse.

— Talvez depois, se houver tempo – disse Bryce. – Você não está planejando ficar aqui, está?

— Eu não sei ainda quais são meus planos – respondi.

— Que tal isso... Fique comigo, formamos um belo time – disse ele, dando um tapa brincalhão no meu bumbum.

Fiquei boquiaberta, mas não disse nada.

Foi quando todo mundo saiu da SUV. Goldie latiu empolgada e então começou a farejar pela garagem.

Eva saiu com Chi Chi ainda no transportador de cachorros.

— Chi Chizinho precisa fazer pipizinho – disse ela, com voz de menininha. O cachorro latiu.

— Você tá me zuando? – disse Paige, com desdém.

Kristie revirou os olhos e eu mordi o lábio para não rir.

Chi Chi, que tremia violentamente de novo, foi até o canto da garagem e fez xixi. Goldie fez xixi no zumbi.

— Boa garota – eu disse, abaixando para acariciar a cabeça dela.

Eva jogou os cabelos como em um comercial de xampu e então piscou com os enormes cílios na direção do Bryce.

— A propósito, Bryce, você foi tão incrível lá fora. Eu não sei o que faríamos sem você.

Bryce, que eu tinha ouvido falar que colecionava meninas sensíveis, sorriu para ela um de seus sorrisos de covinha.

— Alguém tem que tomar conta de vocês, garotas.

— Eca – murmurou Paige, batendo com força a porta da SUV.

— É seguro entrar? – perguntou Kristie, segurando a maçaneta da porta de entrada para a casa.

— Melhor deixar eu entrar primeiro – respondeu Bryce. – No caso de haver surpresas esperando lá dentro.

Kristie olhou para Bryce com admiração.

— Por mim tudo bem, *Bruce Lee*.

Bryce pegou o taco de baseball, depois abriu a porta e entrou. Após cerca de um minuto, ele colocou a cabeça para dentro da garagem.

— Tudo tranquilo.

Eu entrei com Goldie, que correu imediatamente para xeretar pela casa.

— Parece que a Goldie está dizendo ‘Tudo tranquilo’ do jeito dela, também.

Só que tudo parecia quieto demais em casa.

— Olá? Alguém em casa? – gritei.

Goldie disparou para o andar de baixo e eu ouvi os gritinhos e risadinhas da Megan.

Sara correu para cima, o rosto dela estava aliviado.

— Oh, Deus! – disse ela, me abraçando. – Estou feliz por ver vocês!

Bobby correu para o andar de cima e se jogou nos braços de Bryce.

— Êêêêê, Bryce chegou!

Bryce pegou Bobby e o segurou apertado em seus braços.

— Eu te disse que eu voltaria, Amigão – disse ele, ternamente.

— Oi – disse Megan para mim, aparecendo no canto da porta do porão. – Au-au de quem?

— Agora é nossa – respondi com um sorriso. – O nome dela é Goldie.

Eva estava segurando Chi Chi, que se debatia para ir pro chão. Ela finalmente a soltou e Chi Chi correu com seus passinhos curtos até Goldie.

— Dois au-aus?! – gritou Megan, felicíssima.

— Err... Bem, o Chihuahua é meu – disse Eva. – Mas ele é um cachorro bonzinho que adora crianças. Você pode brincar com ele.

Fiquei surpresa ao ver Eva agindo como um ser humano civilizado, especialmente pelo jeito que ela tratava a maioria das pessoas na escola. Bom, claro, tínhamos salvado a vida dela e ela não tinha mais para onde ir.

Kristie ficou boquiaberta quando viu Hannah.

— Oh, meu Deus! Eu não sabia que você estava aqui, Han. Cadê o Paul?

Hannah começou a chorar e Kristie foi até ela imediatamente para consolá-la. Então as duas mulheres foram para o andar de baixo conversar sobre a perda dos respectivos maridos. Aparentemente, Kristie e Hannah se conheciam muito bem.

— Teve notícias de meus pais? — perguntei para Sara.

Sara olhou para mim tristemente.

— Não, de nenhum deles. Suponho que você não tenha encontrado Allie também?

Balancei a cabeça e suspirei.

— Olha, eu estou muito cansada. Tomei um energético não serviu de nada. Acho que vou tomar um banho e tentar dormir — eu disse. — Ainda temos água, né?

— Por enquanto — respondeu Sara.

Eu ainda não entendia o porquê do governo ter cortado a energia tão rápido. Eu não conseguia imaginar como seria mais fácil conter os zumbis no escuro.

Meu cabelo estava grudado em alguns lugares e lutei contra a vontade de vomitar enquanto eu o lavava com xampu. Eu jamais havia me sentido tão incrivelmente suja em toda a minha vida. Embora eu tenha que admitir, eu não tinha sequer pensado em germes nos últimos dois dias. Ser exposta a tanto sangue e vísceras tinha me entorpecido de tudo, incluindo de minha fobia.

Quando saí do chuveiro, cortei as pontas dos restos de minhas unhas e suspirei, me perguntando se Mae estava segura. Então tirei esse pensamento de minha mente. Era muito horrível pensar sobre todas as vítimas daquele pesadelo.

*Onde está você, mãe?* Perguntei, colocando a cabeça no travesseiro e fechando meus olhos. Já era ruim demais não encontrar minha irmã e não ter ideia de onde meu pai estava. Mas minha mãe... Ela tinha prometido voltar logo e não havia voltado. Eu sabia exatamente o que aquilo queria dizer, eu não era inocente ou burra. Eu só não podia deixar que eu mesma aceitasse o fato de que ela provavelmente havia partido para sempre.

## Capítulo Dezenove

— Mãe, por onde você esteve? Eu estava tão preocupada com você — chorei, quando ele entrou na cozinha. Corri até ela e a abracei.

*Sorrindo, ela apertou minha bochecha carinhosamente.*

— Eu te disse que eu tinha que cuidar daquele soldado — respondeu ela. O cabelo dela estava todo bagunçado e havia sangue na camisa que ela vestia.

— Você está bem? — perguntei, me afastando. Ela parecia pálida e cansada.

— Estou bem, querida — respondeu ela, abraçando-me novamente. — Você sabe o quanto eu amo você, não sabe, minha pequena 'Wild One'?

*Fechei meus olhos e apoiei a cabeça no ombro dela.*

— Amo você também, mamãe. Deus, senti tanto a sua falta.

*Ela me apertou mais.*

— Preciso de você, querida.

*Eu mal podia respirar, pois ela estava me apertando demais em seus braços.*

— Claro, mãe. Só não me aperte tanto. Eu mal... Consigo respirar.

— Eu preciso mesmo de você. Você entende, não é, meu anjo? — sussurrou ela em meu ouvido.

*Eu lutava para respirar, tentando me libertar. Quando eu finalmente a empurrei, nossos olhos se encararam e meu coração deu um grito, angustiado.*

— Volte para a mamãe — disse ela com voz rouca, erguendo os braços acizentados e manchados na minha direção. — Preciso tanto de você... Eu te amo, Cassie.

*Eu assenti.*

— Amo você também.

*Então fechei meus olhos e chorei, soluçando, enquanto deixei minha mãe me atacar.*

~~~

Eu acordei com alguém balançando gentilmente meu ombro.

— Cassie? — sussurrou Bryce, afetuosamente.

Suspirando, abri os olhos e vi Bryce me encarando. O cabelo escuro e ondulado dele estava úmido e ele não usava nada além de uma calça de moletom. Olhei para as tatuagens de dragão nos antebraços dele. Eles queimavam com fogo, assim como algo dentro de mim.

— Eu acabei de sair do banho, do outro lado do corredor, e ouvi você chorando. Fiquei preocupado.

— Oh — eu disse, me sentando. Lembrei de que tudo o que eu estava vestindo era uma regata fina e um short que parecia uma cueca samba-canção, então ergui meu cobertor.

Ele sorriu e se sentou na beirada da cama.

— Ouça, você foi fantástica àquela hora. Tem que ter muita coragem para fazer o que você fez.

Dei de ombros.

— Não foi tão ruim, já que eu ficava me lembrando que eles já estavam mortos.

Bryce riu.

— Mesmo assim, foi impressionante.

— Obrigada.

Ele tirou uma mecha de cabelo de minha maçã do rosto.

— Acho que formamos um time excelente.

Eu parei de respirar quando encarei seus olhos azuis incandescentes. Bryce se inclinou lentamente na minha direção e eu senti o calor de seu hálito nos meus lábios.

— Bryce! Onde está você? — gritou Bobby de algum lugar da casa.

Bryce fechou os olhos e praguejou mentalmente.

— Já vou, Bobby! — gritou ele.

Com meu coração batendo a mil por hora, eu suspirei, trêmula.

Bryce abriu os olhos e passou a língua nos lábios.

— Sabe, você é realmente incrível — sussurrou ele, olhando para minha boca.

— Bryce! — gritou Bobby de novo.

Bryce resmungou frustrado e se levantou.

— Tô indo, amigo!

Quando ele saiu do meu quarto, senti um misto de desapontamento e alívio. Eu não sabia como eu teria reagido se ele tivesse me beijado apaixonadamente ali, na minha cama. Normalmente eu teria ficado paranoica com a possibilidade de meus pais entrarem no quarto. Mas as coisas haviam mudado e, naquele momento, eu não tinha ninguém para responder.

Eu me levantei, coloquei uma blusa de moletom com capuz sobre minha regata e bermudas. Eu tinha dormido por quase oito horas; já passava da meia-noite e eu estava morrendo de fome.

Sara estava dando cereais sem leite para Megan quando entrei na cozinha.

— Oi — eu disse.

Goldie se sentou nas patinhas traseiras esperando que caísse comida da mesa.

Sara olhou pra mim e sorriu, cansada.

— Oi.

— Cadê todo mundo?

— Kristie e Hannah estão de vigia, para não deixar nenhum zumbi entrar na casa. Kylie, Paige e Eva estão dormindo, eu acho.

Assenti e me sentei perto dela, à mesa.

— Desculpe, Sara; eu nem perguntei se você teve notícias do Kevin.

Ela parou por uns instantes e os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Não, meu celular não funciona.

Eu coloquei minha mão sobre a dela.

— Quem sabe ele está sendo cuidado por algum médico, que nem os soldados prometeram para ele.

— É disso que eu tenho medo – respondeu ela, desviando o olhar.

— Se você quiser, podemos procurá-lo depois – eu disse.

Ela enxugou os olhos.

— Você viria comigo?

— Claro que sim.

— Mamãe, quero brincar com o Bobby – pediu Megan.

Fiz cócegas na barriga de Megan.

— Não tá tarde para você ainda estar brincando?

Megan riu e balançou a cabeça:

— Não.

— Os horários dela são todos bagunçados – disse Sara.

— Tenho certeza que são. Os meus também são – respondi. – Posso cuidar dela se você quiser cochilar um pouco. Você está grávida e precisa dormir mais do que todos.

Ela suspirou profundamente.

— Você faria isso? Eu bem que poderia dormir um pouco. Estou exausta.

— Tá combinado. Vá deitar e durma um pouco – respondi, com um sorriso.

Sara abraçou tanto Megan quanto a mim, e saiu da cozinha.

Comi um sanduíche de manteiga de amendoim, dei água e ração para Goldie e levei Megan para o andar de baixo, para ela brincar com Bobby, que eu acreditava ainda estar acordado. O que eu achei, na verdade, me gelou os ossos. Eva estava vestida apenas com uma camisola curtíssima, com os braços em volta do pescoço do Bryce e os lábios dela firmemente apertados contra os dele.

— Oi, Megan! – disse Bobby, que estava no chão, brincando com Legos.

Bryce se virou e suspirou.

— Hm, desculpe – eu disse, voltando.

— Cassie – disse Bryce, empurrando Eva. – Não é o que parece. Ela só estava me agradecendo por eu tê-la livrado de um torcicolo.

Ergui as sobrancelhas.

— Ah, é?

O sorriso de Eva foi presunçoso.

— Sim – disse ela, colocando o braço em volta dele, possessivamente. – Ele tem um toque incrível.

Vergonha e humilhação queimavam dentro de mim quando vi os dois juntos, tão lindos. Eu me virei e saí de lá rapidamente.

— Cassie – disse Bryce, seguindo-me pelas escadas. – Dá para esperar um minuto?

— Olha – eu disse, me virando para ele. – Você não tem que explicar nada para mim, tá bom? Mesmo que ela *estivesse* indo atrás de você, não há nada entre nós. Pode fazer o que quiser.

Bryce pegou minha mão e me puxou para perto dele.

— Sério? Se eu posso fazer o que eu quiser, então vou fazer isso.

Os lábios dele se juntaram aos meus antes que eu pudesse protestar e então o mundo parou de girar. Eu me senti mole nos braços dele e, quando ele me puxou mais para perto, eu não consegui evitar beijá-lo de volta. Uma onda de desejo me preencheu, conforme ele me segurava de encontro à rigidez do corpo dele. Ele moveu a língua dentro de minha boca, acariciando e explorando, que fez minha cabeça girar. Eu coloquei as mãos atrás do pescoço dele, com os dedos no cabelo dele e ele gemeu de encontro à minha boca, acendendo chamas dentro de mim que eu nem sabia que existiam.

— Com licença?!

Kristie e Hannah estavam no alto da escada, olhando bravas para nós. Nós estávamos na interseção da escadas, minhas mãos no corpo dele e as mãos dele no meu corpo. Nunca senti tanta vergonha em toda a minha vida.

— Sinto muito – falei, enquanto nos afastávamos um do outro. Meu coração ainda estava disparado.

— Você não parece sentir muito – disse Kristie, com as mãos na cintura. – E você – apontou para Bryce. – Você definitivamente parece não sentir muito. E por favor, vista uma maldita camiseta!

Bryce sorriu e coçou atrás do pescoço.

— Já que seus pais não estão por aqui, estou me nomeando sua vigia pessoal, mocinha. É melhor *vocês dois* se comportarem e controlar esses seus... hormônios intensos – disse ela, com um sorriso de canto de boca. Mas eu conhecia

Kristie, ela não estava sendo totalmente séria. Mas se ela tivesse nos pego fazendo algo mais, ela teria ficado histérica.

— Nossa! – disse ela, virando-se para Hannah e colocando a mão no peito.

– Após ver essa pegação toda, acho que *eu* preciso de um cigarro!”

Hannah riu e as duas voltaram para a cozinha.

Encarei Bryce e o olhar dele me fez corar.

Ele segurou meu braço.

— Ei, isso entre a gente ainda não acabou – disse ele, carinhosamente.

— Hm... Eu tenho que... Pegar algo para beber – eu disse, me virando.

Ele sorriu e soltou meu braço.

— Vou dar uma olhada no Bobby.

Capítulo Vinte

Eva apareceu na cozinha quando eu acabei de tomar água. Tentei ignorá-la, mas ela começou a falar.

— Eu falei com minha mãe – disse ela, enrolando uma mecha de cabelo com o dedo.

Eu me virei na direção dela, feliz de verdade por ela.

— Isso é ótimo! Onde ela está?

— Ela está na Unidade de Crise que foi montada no Hospital St. James. Ela vai mandar alguém me buscar assim que as coisas estiverem sob controle.

St. James era o hospital mais próximo de nossa casa. Minha mãe deveria ter levado o soldado ferido para lá.

— Ela falou se há muitos sobreviventes lá? – perguntei.

— Ela disse que havia menos de cem agora, mas continuava chegando mais gente. Eles montaram um esquema de segurança para conter todos os zumbis, mas eles continuam chegando, também.

Eu segurei o braço dela.

— Você pode ligar pra ela de novo? – Eu tinha que descobrir se minha mãe estava lá.

Eva suspirou.

— Não, ela me ligou usando o celular de outra pessoa. Eu nem consegui falar com ela por muito tempo.

— Eu tenho que entrar em contato com alguém no St. James. Dá para apertar o *redial*, pra ligar para o celular que ela usou? Vai ver eles conseguem me dizer se minha mãe chegou no hospital.

Eva balançou a cabeça.

— Desculpa, ele não está mais funcionando. Tentei mandar um SMS para uma das minhas amigas após falar com minha mãe, mas a bateria acabou.

O fato de haver pessoas vivas no hospital reacendeu minhas esperanças. Era possível que minha mãe ainda estivesse viva, e por lá.

— Ok, assim que Sara acordar, nós saímos para dar uma olhada no Kevin. Depois eu vou para o St. James encontrar minha mãe.

Eva balançou a cabeça.

— Olhe, minha mãe disse que há centenas de zumbis em volta do hospital. Eles acham que os zumbis são atraídos para a Unidade de Crise pelo cheiro de sangue, que está forte. Vai ser quase impossível passar por eles.

— Isso só vai piorar; é agora ou nunca. Se os zumbis estiverem ficando sem alimento nas ruas, muitos mais vão aparecer no hospital.

— Estou com você – disse Bryce, entrando na cozinha, com a Kristie. – Ouvimos por cima o que você disse e concordamos; se esperarmos muito tempo, perderemos nossa chance de descobrir se sua mãe está viva.

— Eu vou, também – disse Kristie, colocando o braço em minha volta. – Se não fosse por você resgatar a mim e às minhas filhas do 'Dan zumbi', nós provavelmente jamais teríamos saído de lá. Além disso, eu quero ajudar você a encontrar sua mãe porque ela é uma boa amiga.

— E quanto aos outros? Não quero arriscar que eles se machuquem. Você acha que eles ficarão bem aqui sem a gente?

— Hannah, Paige e Kylie podem ficar aqui e olhar as crianças até voltarmos – respondeu Kristie. – Eles ficarão bem. Os zumbis não estão sendo agressivos. Eles não são nem espertos. A menos que alguém abra a porta e os convide para dentro, eu não acho que haja nada com o que se preocupar.

Eva tocou no braço de Bryce.

— Eu deveria ir também. Minha mãe está no hospital e eu não vou passar outra noite em uma creche.

Eu a olhei com ódio.

— É melhor do que na rua, onde nós te achamos.

Eva teve ao menos a decência de parecer embaraçada.

— Desculpa, eu não quis dizer isso. Eu só estou preocupada com minha mãe. Eu irei, se não for problema.

— Só não cause encrenca – murmurei.

— Está tudo bem se eu deixar Chi Chi aqui por enquanto? Ela parece tão feliz com Goldie e eu posso pegá-la de volta quando não estiver tão perigoso lá fora.

— É, ela pode ficar – eu disse.

Kristie tamborilou os dedos no balcão.

— Está certo, então. Assim que Sara acordar, partimos.

Assenti.

— Ok. Vamos dar uma olhada nas armas e munições do meu pai. Kristie, você sabe atirar com uma arma?

Ela suspirou.

— Bem, deixe-me dizer uma coisa; eu sei puxar o gatilho, só não sei se eu consigo acertar alguma coisa com a bala.

Eu mordi o canto do lábio.

— Ok. Você espera até um zumbi chegar perto o suficiente para você atingi-lo, mas não perto o suficiente para que ele te morda. Mire bem entre os olhos e puxe o gatilho – eu falei.

Bryce coçou a testa e suspirou.

— Melhor deixá-la usar aquele taco de baseball.

— E eu? – perguntou Eva, enquanto fazia círculos no bíceps de Bryce usando uma ponta de unha não-quebrada. – O que eu faço?

— Apenas fique fora do caminho para não se ferir – eu disse. Eu mesma queria machucá-la naquele instante. O que me irritava era como Bryce deixava que ela o tocasse tão casualmente. Ele era muito sem noção.

Eva me olhou brava e depois olhou para Bryce.

— Tá bom, eu fico perto do Bryce. Eu acho que nunca estive em mãos tão capazes.

Ele deu de ombros.

— Considerando o que temos que enfrentar, acho prudente ficarmos todos juntos e estarmos preparados para qualquer coisa. Cada um de nós deve ter algum tipo de arma também, não importa se for um taco, uma pá ou uma arma de fogo. Isso me faz lembrar; Cassie, vamos dar uma olhada nas armas do seu pai e ver quais iremos levar.

— Eva, por que você não se veste? – perguntou Kristie, colocando um braço em volta dela e a levando para fora da cozinha. – Eu acho que sua camisolinha não é adequada para o local onde estamos indo.

Eva ainda estava usando o baby-doll provocante que mal cobria a bunda dela. Ela sorriu recatadamente para Bryce e passou a língua nos lábios.

— Desculpem, não tinha mais nada para usar. Eu não estava planejando participar de uma festa do pijama quando eu fiz minhas malas. Eu vou me trocar para não ser uma distração.

Pelo amor de Deus, pensei. Por que salvamos a vida irritante dela?

Bryce parecia encantado, mas não disse nada enquanto me seguia para o andar de baixo, até o armário de armas do meu pai; ele quase caiu para trás quando viu todas as armas.

— Uau. Sorte nossa que seu pai adora poder de fogo – disse ele.

— Sim, ele é obcecado por armas – respondi, pegando um rifle semiautomático. Eu jamais tinha atirado com aquela arma, mas parecia bem impressionante.

— Você já testou todas? – perguntou Bryce, pegando diferentes armas.

— Quase; só essa aqui que não – eu disse, tirando o pente. – Meu pai e eu vamos ao estande de tiro todo fim-de-semana, então eu pude testar várias delas.

Ele pegou o rifle da minha mãe e o examinou.

— Eu tive contato com armas a vida inteira; meu pai era policial. Uau, essa aqui é uma SKS. É boa para tiros a longa distância. Ela vai ser com certeza muito útil. Vamos levá-la.

— Onde está seu pai agora? – perguntei.

Bryce suspirou.

— Ele morreu cinco anos atrás, tentando deter um idiota que iria assassinar a esposa.

Eu me senti horrível por tocar no assunto do pai dele.

— Puxa, desculpe-me. Deve ter sido horrível.

Ele assentiu.

— Foi. A parte boa é que a esposa sobreviveu a um ferimento de bala no peito. Passou raspando no coração. Os dois tinham crianças pequenas na época.

— O que aconteceu com o seu pai e o atirador?

Ele me olhou nos olhos.

— Meu pai tomou uma decisão que lhe custou a vida. Ele pensou que poderia impedir o marido de matar a mulher. O negociador tinha irritado o atirador, que não atendia mais ao telefone. Então meu pai se esgueirou pelo quintal para tentar entrar. O que ele não percebeu é que o cara tinha câmeras de vigilância escondidas e foi atingido antes mesmo de passar pela janela.

— Sinto muito mesmo – respondi, ternamente.

Ele sorriu tristemente.

— Tá tudo bem. Já faz um tempo e eu aprendi a aceitar o fato.

— O que aconteceu com o marido?

— Bom, ele achou que tivesse matado a mulher e estourou a própria cabeça.

Fiquei chocada.

— Que... Trágico.

— É, foi bem duro lidar com isso na época, especialmente para um garoto de quinze anos. Foi mais ou menos na época que eu realmente comecei a me dedicar às artes marciais, para me ajudar a focar em algo que não fosse a morte do meu velho.

— E agora você também tem a mesma paixão por armas que ele tinha? – perguntei.

— São impressionantes, o que posso dizer? Eu ainda tenho a coleção do meu pai, mas não é nada comparado com essa coleção enorme aqui. Eu ainda vou ao estande de tiro duas vezes por mês, tenho amigos no exército que me mantêm atualizado sobre as novidades e eu assino a Gun Digest^[33].”

Eu ri.

— Então você é especialista tanto em armas de fogo quanto em artes marciais. Meio que uma máquina mortífera você, né?

Bryce gargalhou.

— Eu sou um especialista em outras coisas também. Vamos apenas dizer que eu não seja *apenas* um lutador, Senhorita Wild.

— Ok, *lover boy* – disse Kristie, descendo as escadas, com um cigarro apagado pendurado na boca. – Foca a mente nas armas.

Ele fez uma continência.

— Sim, senhora.

— Pegue uma arma, Kristie – eu disse, tentando mudar de assunto.

Kristie se aproximou e pegou uma pistola Smith & Wesson.

— Eu atirei com uma dessas antes, no estande de tiro, com o Dan. Essa vai servir; só carregue-a e me mostre onde eu a destravo.

— Uau, essa foi fácil – eu disse.

Ela assentiu e sorriu.

— Eu sou uma garota que não está para brincadeiras, Cassie. Tudo o que eu preciso é uma arma e um alvo que esteja a menos de vinte centímetros de distância.

Eu balancei a cabeça e ri.

Enchemos a SUV de Kristie com armas e munição. Ela bocejou e esticou os braços.

— Estou exausta e ainda é bem cedo. Vou me deitar um pouco, se não for problema.

— Vai lá. Você vai dirigir e precisamos estar atentos – eu disse.

Kristie saiu e ficamos só Bryce e eu, encarando um ao outro. Ele bocejou.

— Melhor eu descansar também – disse Bryce. – Então... Quer ir comigo, *Wild*?

Era uma oferta tentadora, mas eu eu sabia que daria problema.

— Não, tenho que olhar a Megan. Mas você pode dormir no meu quarto. Lá não tem nenhuma distração – respondi, pensando em Eva.

— Obrigado. Que tal ir me cobrir? – perguntou ele, com um sorrisinho.

Eu corei.

— Talvez... Próxima vez.

— Eu vou me lembrar disso – disse ele, bocejando de novo. Ele então me deu um selinho e cada um seguiu seu rumo, sorrindo.

Capítulo Vinte e Um

— Isso vai ser complicado – disse Bryce enquanto estávamos na garagem, várias horas depois. Havia uma grande quantidade de zumbis cambaleando na rua e não queríamos deixá-los entrar. – Vou falar para a Kristie dirigir e eliminar quaisquer zumbis que tentem entrar na casa pela garagem.

— Não se esqueça de jogar o podre lá fora com eles, também. Aquele cheiro horrível está começando a chegar no porão – eu disse.

Bryce suspirou.

— Certo, eu o arrastarei pra fora... Se você me der cobertura.

Eu assenti.

— Claro.

— Ok, você está se sentindo bem, Sara? – perguntou Bryce.

Sara parecia assustada e determinada ao mesmo tempo. Já fazia dois dias desde a última vez que ela tinha falado com Kevin e todos sabíamos que as chances de ele ainda estar vivo eram escassas.

— Estou bem – disse ela. – Vamos fazer isso antes que eu mude de ideia.

Ela estava nervosa com o fato de deixar Megan, mas Kristie tinha confirmado que os zumbis nunca achariam uma maneira de entrar.

— Meu cabelo está tão sem graça – reclamou Eva, encarando-se no espelho que ela tinha tirado de sua sacola. Eu não acreditava que ela estava preocupada com o cabelo dela enquanto estávamos preocupados em sair da garagem vivos. Se bem que, de verdade, o cabelo dela estava tão brilhante que era até chato.

— Seus cabelos não estão sem graça – respondeu Kristie.

— Está tão brilhante que certamente fará você chamar muita atenção que não queremos – resmunguei.

Bryce riu.

— Ok, o cabelo de todo mundo está penteado? Todo mundo foi ao banheiro? Estão refrescadas?

— Esperem, preciso de meus cigarros! – disse Kristie, correndo de volta pra dentro da casa. Segundos depois ela voltou com dois maços. – Agora estou pronta para o que der e vier.

— Foi bom você ter feito a Paige se voluntariar para ficar por lá – eu notei. Ela deu de ombros, mas eu vi o brilho nos olhos dela.

Todos entraram no carro, menos Bryce e eu.

— Você está pronta? – perguntou ele.

Assenti. Eu tinha a arma e meu martelo em um cinto de ferramentas que eu havia feito usando um velho cinto de couro e um coldre.

— Espere — disse ele, vindo em minha direção. Ele segurou a parte de trás da minha cabeça e me puxou na direção dele, roubando um beijo rápido. Depois, me soltou e me olhou nos olhos. — Caso eu não tenha chance de fazer isso novamente.

As palavras dele eram um balde de água fria, conforme a realidade de nossa situação aparecia diante de nossos olhos. Estávamos indo para um sério perigo novamente e era mais que provável que qualquer um de nós pudesse ser morto por um zumbi.

— Ei, Bryce — suspirou Kristie no carro. — Eles não tem outros iguais a você em casa, têm? Porque eu vou te falar...

Eu ri. Eu sabia que Kristie era uma romântica inverterada e não demoraria muito para que o marido número três estivesse a caminho. Isso se sobrasse alguém no mundo.

Kristie virou para a parte de trás do carro e falou, ríspida:

— Ah, Eva, dá pra você só ficar de boa, cacete? — Eu sabia que Eva não devia ter gostado do beijo tanto quanto eu havia gostado.

— Ok — disse Bryce, erguendo sua arma e andando em direção do automatizador do portão. — Preparem-se.

Kristie deu partida e ergueu o vidro do carro.

Bryce acionou o automatizador do portão, agarrou o zumbi morto pelas roupas e começou a arrastá-lo em direção do portão. Quando o portão estava totalmente aberto, Kristie pisou com tudo no acelerador e saiu, esmagando dois zumbis que estavam olhando estupidamente para o carro. Eu ignorei o agora conhecido som dos ossos se quebrando e do gemido dos zumbis e comecei a disparar minha arma nos que vinham em nossa direção.

— Atrás de você, Bryce! — gritei, quando o agora morto e podre Sr. Hendrickson apareceu por trás de Bryce.

Bryce deu um golpe com a cabeça, acertando o zumbi na testa. Depois girou, chutou-o na barriga e explodiu a cara caída dele. Bryce franziu o cenho e passou a mão na parte de trás da cabeça, tentando tirar massa cerebral do zumbi.

Eu estremei.

— Isso foi... tão nojento.

— Olha pra esquerda! — gritou Bryce.

A velha louca do começo da rua estava rosnando e vindo na minha direção. Ela havia sido sempre uma mulher cruel e odiosa, gritando para qualquer um que chegasse perto demais do jardim dela, e *Deus me livre* se você acidentalmente jogasse uma bola no gramado dela. Ela não tomava a bola, apenas; ela a destruía enquanto você olhava, rindo de modo superior e te desafiando a fazer alguma

coisa. Nem preciso dizer que minha mãe havia tido muitas discussões acirradas com a velha bruaca e eu ainda não a suportava, morta ou viva.

— Sinto muito, Hazel – eu disse, erguendo a arma. – Mas seus dias de *vaca velha mau-humorada* acabaram.

Hazel rosnou furiosamente e depois caiu pra trás quando a bala entrou em seu crânio podre.

Nós matamos os dois últimos zumbis que estavam tentando entrar na garagem, então fechamos os portões e entramos no carro.

— Aquelas coisas fediam! Pelo amor de Deus, eu consegui sentir o cheiro deles de dentro do carro – reclamou Eva.

— Isso me lembra – eu disse, tirando um potinho do meu bolso. – Alguém quer Vick?

~~~

Os zumbis deviam estar andando por toda a cidade, pois até as áreas rurais estavam infestadas.

— Eu não tinha ideia – sussurrou Sara, olhando para fora da janela, horrorizada.

As ruas eram como pistas de obstáculos e era difícil contornar os carros abandonados e zumbis. Felizmente, a maioria dos zumbis nos ignorava, cambalenado sem rumo.

— Cuidado! – disse Bryce quando um zumbi parou na frente do nosso veículo em movimento.

Kristie se encolheu de repulsa quando o zumbi bateu no pára-choque e depois no capô.

— Isso foi...desagradável – ela murmurou, segurando o volante com mais força.

Nós passamos em frente à academia de Karatê e percebemos que a grande vitrine frontal de vidro laminado havia sido destruída. Zumbis caminhavam dentro do mini-shopping, cambaleando entre vidro quebrado... Papéis... E outros zumbis, mortos.

— Espero que o Mestre Jordan tenha sobrevivido – eu disse.

— Bom, eu sei que ele não tomou a vacina – respondeu Bryce. – Nem a Mae; ambos só usam remédios herbais naturais. Eu aposto que ele está vivo em algum lugar. Ele definitivamente é um cara que não será facilmente abatido.

— Ele é um grande cara. Espero que você esteja certo – eu disse.

A casa de Sara era localizada em um bairro novo, onde muitas das casas ainda estavam em construção e, graças a Deus, nós não demos de cara com zumbi algum.



— Ouçam, Kristie e Eva; buzinem se virem zumbis se aproximando.

— Ok – respondeu Kristie. Ela pegou a Smith & Wesson e a colocou no colo.

— Não posso ir junto? – perguntou Eva.

— Não, é perigoso demais. Você está muito mais segura aqui – respondeu ele.

Não era a resposta que ela estava esperando.

— Tá bom – bufou ela.

— Vamos logo, não posso esperar mais – disse Sara. Ela abriu a porta e pulou pra fora do carro. Bryce e eu saímos e a seguimos até a porta da frente.

Sara tirou suas chaves, mas a porta estava destrancada.

— Kevin? – chamou ela, abrindo a porta. – Kevin, sou eu, Sara!

A casa estava estranhamente quieta quando entramos. Como a minha casa, ela tinha dois andares, só que era muito maior e mais nova.

Sara jogou suas chaves em cima do balcão de granito e virou-se em nossa direção

— O quarto fica lá em cima. Ele provavelmente está dormindo – disse ela.

Nós a seguimos até o andar de cima, onde havia três quartos e um banheiro. Uma das portas estava fechada, e foi para lá que ela se dirigiu.

Bryce segurou meu braço.

— Fique alerta – ele disse em meu ouvido.

Eu assenti, enquanto a seguíamos até o quarto principal. O quarto era imenso; havia uma lareira embutida e uma espreguiçadeira confortável em um lado, e um banheiro com hidromassagem no outro. Era o quarto mais legal que eu já havia entrado, mesmo no estado em que estava. Havia roupas jogadas, lenços usados e embalagens de comida vazias sobre o carpete.

— Oh, Deus – murmurou Sara, olhando para a cama.

## Capítulo Vinte e Dois

Seguimos Sara até a enorme *sleigh bed*<sup>[34]</sup> de bordo<sup>[35]</sup>, onde Kevin estava deitado. Quando chegamos na beira da cama, ela suspirou, aliviada.

— Ele está só dormindo – disse ela bem baixinho, tirando o cabelo castanho claro dele de seus olhos.

Eu me virei para olhar para Bryce, que estava de cenho franzido. Ele me puxou de lado.

— Está sentindo esse cheiro? – sussurrou ele.

Eu assenti; era um cheiro com o qual eu já estava me acostumando.

Sara se sentou na cama.

— Kevin? Querido, acorde. Sou eu, a Sara – ela disse, docemente. Ela pegou a mão dele e a apertou.

Eu me aproximei da cama e reparei que o rosto de Kevin estava muito magro, e seus lábios estavam pálidos e secos. Havia movimento em suas pálpebras, como se ele estivesse sonhando.

— Você está tão frio – murmurou Sara, colocando a mão na testa dele. Ela se levantou e pegou um edredon de pena de ganso que estava no chão. Depois, ela o cobriu e prendeu as pontas do edredon debaixo do colchão.

Meu coração estava batendo como louco dentro do meu peito. Para mim, ele não parecia estar dormindo; ele parecia rígido e pálido, como um cadáver. Eu pigarreei.

— Sara, talvez você devesse se afastar.

Ela balançou a cabeça com veemência.

— Não, eu sei o que você está pensando. Ele está apenas dormindo, Cassie. Ele... Ele está... Bem.

Ela olhou para mim e eu podia ver que os olhos dela estavam transbordando de lágrimas.

— O que é aquilo? – perguntei, pegando um pedaço de papel de cima da mesa de cabeceira. No topo da página havia as palavras *Efeitos Colaterais da Vacina*. Era uma lista dos efeitos colaterais típicos da vacina da gripe. Eu mostrei para Sara, que empalideceu.

— Não... ele não tomou a vacina. Eu não entendo – disse ela, examinando o papel. Ela olhou para cima e balançou a cabeça. – Isso não faz o menor sentido.

Bryce pegou o papel dela e o examinou.

— Você não disse que o exército estava mandando alguém da equipe médica para dar uma olhada nele? Eles podem ter aplicado.

Um gemido profundo escapou dos lábios de Kevin e os olhos dele abriram lentamente.

— Oh, Deus – sussurrei, colocando a mão na boca. Os olhos dele estavam vermelho-sangue e frios como a morte. Eles se viraram, vidrados, para Sara, que aparentava estar cega para a verdade.

— Oi – sussurrou ela, sorrindo para ele e segurando sua mão.

— Sara, não rele nele – mandou Bryce, afastando-a.

Kevin se sentou e começou a fazer sons guturais profundos. Ele começou a agitar os braços e uma espuma vermelho-esverdeada começou a sair de sua boca.

— Não, Kevin – gemeu ela, tentando se aproximar dele. – Estou aqui por você, querido.

Bryce agarrou Sara e a empurrou para fora da cama assim que Kevin se jogou pra cima dela, fazendo barulhos horrendos de estalo com a boca. Quando ele percebeu que não a havia agarrado, ele deu um grito agudo alarmante, que fez os pelos de minha nuca se arrepiarem.

— Deixe-me em paz, Bryce! – gritou Sara enquanto ele tentava afastá-la da cama. No fim, ela conseguiu se soltar e correu na direção do Kevin, que estava começando a rosnar como um animal raivoso. Ela deu um passo para trás e o encarou, horrorizada.

— Ele é um zumbi agora, não é mais o Kevin – eu disse.

Lágrimas joravam pelo rosto de Sara, conforme ela encarava o homem por quem havia se apaixonado. Ele agora era apenas um cadáver que se movia, isento de qualquer emoção humana. Balançando a cabeça com tristeza, ela levantou sua arma e apontou para o rosto dele.

— Oh, Deus – disse ela, com as mãos tremendo. – Eu... Eu... não posso fazer isso.

Eu vi, horrorizada, quando ela largou a arma, tornando-se vulnerável ao zumbi, que estava pronto para saltar em cima dela.

— Cuidado, Sara! – gritei, levantando minha arma.

Kevin a atacou, com a boca aberta e os braços esticados. Antes que ele conseguisse alcançá-la, houve uma explosão e ele caiu para trás, com o impacto da bala de Bryce.

— Não! – gritou Sara, quando ele caiu no chão, com sangue saindo do enorme buraco da cabeça dele. Ela correu na direção dele e levantou sua mão até a maçã do rosto dela.

Eu me ajoelhei perto dela.

— Sara, não era mais o Kevin – eu disse, com ternura. – A alma dele não estava mais ali. Ele se foi bem antes de chegarmos aqui.

Ela olhou para mim, com os olhos cheios de extrema infelicidade.

— Você acha que isso facilita as coisas? Dois dias atrás eu o deixei aqui, sozinho, para morrer. Se eu tivesse dado ouvidos ao meu coração e tivesse ficado com ele, ele ainda estaria vivo.”

Bryce se aproximou e colocou a mão no ombro dela.

— Não, se você tivesse ficado aqui com Megan, *vocês duas* teriam sido mortas. Você nem sabia dos efeitos colaterais da vacina até que fosse tarde demais. Kevin provavelmente teria sido vacinado e vocês estariam todos mortos, você, Megan e o bebê que está carregando dentro de você.

Sara tocou em sua barriga e abaixou os olhos.

— Talvez, mas ele está morto e eu não sei se irei me perdoar um dia — disse, roucamente. Ela se levantou e deu uma última olhada em Kevin, antes de sair correndo do quarto.

## Capítulo Vinte e Três

A ida até o Hospital St. James foi muito solene. Kristie não fez perguntas e até mesmo a Eva teve o bom senso de manter a boca fechada.

Os zumbis estavam por toda parte e eles estavam ficando mais violentos. Mais 'jovens' e mais 'velhos' lutavam entre si, tentando se alimentar. Era enlouquecedor de se ver. Eu fechei os olhos para bloquear o máximo de cenas de horror que eu pudesse, enquanto íamos no carro. Eu tinha visto o suficiente nos últimos dois dias para ter pesadelos pelo resto da minha vida.

Conforme nos aproximávamos do hospital, eu rezava silenciosamente para que minha mãe estivesse viva. Ela estava com uma arma, mas eu ainda não sabia se ela havia sido atacada pelo soldado que ela estava tentando ajudar ou por outro alguém. Eu estava arrancando os cabelos para saber a verdade, e logo eu estaria mais próxima dela.

Quando finalmente nos aproximamos do estacionamento do hospital, vimos que ele estava infestado de zumbis. A maioria vagava em um estado confuso, não fazendo praticamente nada. Outros, que pareciam mais grotescos e rançosos devido à decomposição, agiam como cães raivosos. Eu vi horrorizada eles atacarem uns aos outros.

— Isso é totalmente revoltante — sussurrou Eva, ficando verde de tão enjoada.

Eu concordava com ela em número, gênero e grau; era pior do que qualquer filme de terror que eu já havia assistido na TV, e era real. Sangue e partes de corpos cobriam a maior parte do pavimento do estacionamento do hospital. Era como se fosse o resultado de uma explosão, só que essa devastação era muito maior do que qualquer um de nós poderia ter imaginado.

— Tomem cuidado à esquerda — apontou Bryce. Um grupo de zumbis estava rosnando e despedaçando-se uns aos outros. A parte boa é que eles nem sequer notaram nossa presença.

— Jesus — murmurou Kristie quando a SUV atropelou um zumbi que havia ficado em nosso caminho. O som do cadáver sendo esmagado embaixo dos pneus me deram ânsia de vômito. — Desculpem-me, não é fácil dirigir no meio dessa merda toda.

— Kristie, você está indo bem — assegurou Bryce.

Ele estava certo. Não havia mesmo como evitar passar por cima de todos os restos humanos no estacionamento. O som de ossos se quebrando e as batidas altas eram suficientes para me deixaem louca.

— Você tem música aí? CDs? — perguntei para Kristie.

— Ei, ótima ideia! Lá atrás, embaixo do banco – disse ela.

Eu peguei a coleção de CDs, que consistia de um monte de bandas antigas. Eu peguei um CD do Metallica, que parecia apropriado para o momento.

— Fazia décadas que eu não ouvia esse – disse ela. Ela o colocou no player e o som do heavy metal explodiu nos alto-falantes.

Eva ficou brava.

— Não tem outra coisa?

— Isso encobre o som dos ossos sendo esmagados pelos pneus – eu disse.

Eva ficou amuada e olhou para fora, pela janela.

Estávamos indo bem devagar em direção à entrada do hospital e alguns dos zumbis estavam começando a perceber. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, dois zumbis correram até o lado da SUV e começaram a arranhar os vidros fumê.

— Dá pra ir mais rápido? – pediu Eva enquanto um deles a encarava pelo vidro. Ele deu um grito horrível e Eva praticamente pulou de onde estava sentada.

— Desculpe, eu gostaria que desse – disse Kristie, com as mãos firmes no volante.

Íamos tão devagar que, de fato, alguns zumbis estavam andando e cambaleando mais rápido do que nós dirigindo.

— Merda – murmurou Kristie quando mais zumbis começaram a rodear o carro.

— Você não pode atirar neles? – choramingou Eva.

— Não, não vamos desperdiçar nossas balas em centenas de zumbis estúpidos demais até mesmo para saber como entrar aqui. Precisamos de munição para quando estivermos à pé – eu disse.

— Bryce, como no universo vamos entrar no hospital com eles nos seguindo assim tão de perto? – perguntou Sara.

— Olhem – eu disse, apontando para a entrada de emergência. – Há algumas pessoas com armas preparando-se para fazer alguma coisa.

Conforme nos aproximamos, acho que cinco soldados correram pelas portas de emergência e começaram a atirar nos zumbis que nos seguiam. Quando estávamos mais próximos, um dos homens nos direcionou para uma entrada de ambulâncias separada, grande o suficiente para que a SUV entrasse. Assim que entramos, eles fecharam as portas e chegaram mais perto, cautelosamente.

— Algum de vocês foi vacinado recentemente? – perguntou um soldado alto, com aparência de quem não estava para brincadeira, segurando uma arma.

— Não, senhor - respondeu Bryce, erguendo ambas as mãos. – Nenhum de nós foi vacinado.

O soldado assentiu e então se apresentou.

— Sou o Capitão Brent Lufkin. Alguém aqui precisa de cuidados médicos? — perguntou ele, olhando especificamente para Sara, que havia saído do carro com uma mão em cima da sua barriga protuberante.

— Não, ao menos *ainda* não — disse Bryce. — Estamos aqui para tentar localizar duas pessoas.

— Quem seriam? — perguntou o Capitão.

— Veronica King, a repórter da TV, e minha mãe, Kristen Wild - eu falei.

— Bem, Veronica King saiu há umas duas horas para ajudar a pegar alguns sobreviventes que nos contactaram por rádio. Ela deve estar de volta dentro de algumas horas. Devo dizer, essa mulher me surpreendeu bastante. Ela é pau para toda obra.

— E quanto à Kris Wild? Você a viu? — interrompeu Bryce. — Ela é bem alta, cabelo castanho claro, na casa dos quarenta. Ela deve ter chegado aqui com um soldado ferido.

O Capitão balançou a cabeça.

— Kris Wild? Desculpe-me, não sei dela, mas pode ficar à vontade para dar uma olhada por aí — disse ele. — Temos mais de cem sobreviventes. Muitos deles estão ficando próximos uns dos outros na ala infantil do hospital. Venham, eu mostro pra vocês.

O hospital tinha geradores, então por sorte havia eletricidade. Quando nos aproximamos da ala infantil, percebi que muitas das pessoas comiam refeições quentes e conversavam baixo umas com as outras. Surpreendentemente, não havia muitas crianças por ali.

— O que será que aconteceu com as crianças que estavam nessa ala do hospital? — perguntei, calmamente.

O capitão se virou para mim.

— A maioria das crianças que estavam aqui no hospital recebeu a vacina. Tivemos que colocá-las em celas de contenção especiais para que elas não ferissem ninguém.

— Elas ainda estão por aqui? — perguntou Kristie.

Ele assentiu.

— Sim, estão. Infelizmente algumas delas estão ficando tão violentas que nós não podemos correr o risco de chegar perto delas sem o risco de sermos mordidos.

Eu me espantei.

— Você estão simplesmente as mantendo presas aqui até que morram?

— Pelo contrário, nós as estamos estudando para descobrir se podemos parar o processo ou encontrar um antídoto. Temos nos comunicado com o C.P.D. de Atlanta — respondeu ele.

— Sobraram pesquisadores no C.P.D.? – perguntei, chocada. – Eu achava que todos eles tinham tomado a vacina.

— Nem todos eles concordaram com as vacinas também – respondeu ele. – Para nossa sorte.”

— Você se importa se eu der uma olhada por aí? – perguntei para ele. – Preciso descobrir se minha mãe ao menos chegou aqui. Talvez alguém a tenha visto.

— Vá em frente, eu perguntarei para o pessoal também. Não se esqueça de dar uma olhada nos quartos particulares também – respondeu ele.

Nós nos separamos e começamos a fazer perguntas pelo local. Bryce disse que ele iria verificar os quartos na Terapia Intensiva. Curiosamente, Eva se prontificou a ir com ele e ele relutantemente aceitou. Eu confiava nele, mas de jeito nenhum eu iria permitir que ela voltasse conosco para casa depois. Eu cruzei os dedos, torcendo para que Veronica voltasse logo e tirasse a filha dela de nossa responsabilidade.



Eu comecei dando uma olhada nos quartos das unidades infantis, com uma esperança incomensurável de que talvez minha mãe estivesse ali, descansando. Infelizmente a maioria dos quartos estava desocupada e as poucas pessoas por ali não sabiam de nada sobre minha mãe, então decidi me aventurar além da unidade infantil. Conforme me aproximei do centro obstétrico, ouvi um homem falando em um dos quartos. O tom da voz dele soava familiar e meu coração disparou. Eu corri em direção do som da voz.

— Já ouviu falar em 'bater antes de entrar'? – zombou o soldado, que estava ao celular. Ele vestia apenas calças do exército e uma faixa em volta do ombro.

— Austin! – eu gritei. – Graças a Deus! Fico feliz por ver você.

Um sorriso imenso iluminou o rosto dele. Era o soldado que minha mãe havia resgatado! Palavras não podiam expressar a alegria que eu estava sentindo naquele momento. Se ele não era um zumbi, ela tinha que estar viva em algum lugar.

— Como foi que você chegou aqui? – ele perguntou, desligando o celular.

— Peguei uma carona – eu disse, olhando em volta. – Onde está minha mãe?

O sorriso no rosto dele esvaneceu e ele suspirou.

— Ela não está aqui.

— Isso eu percebi. Cadê ela?

— Sua mãe saiu atrás de ajuda – disse ele.



— Saiu atrás de ajuda? O que você quer dizer? — perguntei, chegando mais perto dele.

— Ela foi atrás de ajuda especial para sua irmã.

Senti uma pontada no coração.

— Minha irmã? Ela está por aqui? Eu não estou entendendo. Onde elas estão?

Ele balançou a cabeça.

— Não mais, as duas partiram. Sua mãe pegou sua irmã na casa de uma amiga ontem, e elas tiveram alguns problemas na volta; problemas com zumbis. Aqui — disse ele, indo até o balcão, onde ele pegou um pedaço de papel. — Ela escreveu essa carta para você. Eu ia tentar entregá-la.”

Eu tomei o papel das mãos dele. As minhas começaram a tremer enquanto eu lia a carta.

*Minha querida Cassie,*

*Rezo para que você receba esta carta e para que você esteja bem. Eu tenho tentado ligar para você, mas percebi que não tem energia em lugar algum e o seu celular com certeza está sem bateria. Estou com a Allie; eu a peguei assim que descobri sobre os zumbis. Quando eu finalmente a encontrei, ela havia sido atacada e não estava muito bem. Ela estava com uma febre alta e o corpo dela estava como se tivesse sido torturado, devido às convulsões, foi muito assustador. Eu rapidamente a trouxe de volta ao hospital, onde eles conseguiram finalmente abaixar a febre dela, mas não havia mais nada que pudessem fazer por ela. Eles suspeitam que ela esteja se tornando uma daquelas criaturas agora e sugeriram que eu a levasse para Atlanta, onde os cientistas estão trabalhando em um antídoto. Eles até nos deixaram pegar uma carona no helicóptero de evacuação médica deles. E é pra lá que estamos indo agora.*

*Espero que você esteja segura e que você receba esta carta. Eu te amo muito e gostaria de poder estar com você agora. Mas sua irmã está muito doente, e tenho que fazer todo o possível para encontrar ajuda para ela. Eu tenho que tentar salvá-la. Eu sei que você entenderá, minha 'Wild One'.*

*Com todo o meu amor,*

*Mamãe*

*P.S. Tentarei entrar em contato com você quando estiver em Atlanta. Tente deixar seu celular carregado, se você puder. O exército me deu um e vou ficar tentando falar com você.*

## Capítulo Vinte e Quatro

Eu fechei os olhos e suspirei profundamente. Embora eu estivesse aliviada por tanto a minha irmã quanto a minha mãe estarem vivas, eu não tinha ilusões de haver um final feliz, especialmente por ainda estarmos separadas e por minha irmã estar se transformando em uma zumbi.

— E agora? - murmurei para mim mesma. Eu me sentei em um banco e coloquei a cabeça entre as mãos.

— Eu avalio que o melhor que você possa fazer é ficar aqui e esperar sua mãe ligar, respondeu ele.

Eu levantei a cabeça e o encarei.

— Não, eu tenho que voltar pra casa com meus amigos. Além disso, há tantos zumbis sendo atraídos para este local que, sério, eu não me sinto segura aqui.

Austin assentiu.

— Ok. Bom, então eu vou com você.

Eu me levantei.

— O que você quer dizer com... Você vai comigo?

Ele se ajoelhou perto de mim e colocou as mãos em meus ombros. Seus olhos me lembravam caramelo quente.

— Sua mãe salvou minha vida. Se não fosse por ela, eu não sei o que teria acontecido. Eu fiz uma promessa para ela de que eu te acharia e ajudaria a te proteger. Eu não vou quebrar essa promessa.

Eu me afastei.

— Obrigada, Austin, mas eu sei tomar conta de mim mesma. Eu cheguei aqui, não cheguei?

Ele deu de ombros.

— Sim, é, você chegou. Mas você ainda não saiu daqui viva. Qual é, Cassie, deixe-me ajudá-la. Ao menos eu posso ajudar você a entrar em contato com sua mãe. Eu sei para onde eles a levaram.

Minhas pálpebras se estreitaram.

— E quanto à sua família? Você não tem ninguém em casa que precise de você?

Austin sorriu e cruzou os braços.

— Bem, meu anjo, minha família mora no Texas e não parece que eu vou viajar para lá tão cedo. De fato, eu falei com meu irmão pelo rádio há pouco e eles estão todos juntos e se virando bem, até agora. Então a resposta é 'não', não há ninguém que precise de mim neste momento tanto quanto você precisa.

Eu aponteí.

— E seu ombro?

— Está melhorando. Eles deram pontos nele, e está sensível, mas eu vou sobreviver.

— Eu pensei que você tivesse sido mordido por um zumbi.

Ele balançou a cabeça.

— Eu fui atingido por um tiro; uma mulher atirou em mim. Eu sei lá, talvez ela tenha me confundido com um zumbi.

Eu cocei a parte de trás do meu pescoço.

— Bem, se você quiser se juntar a nós, eu acho que está tudo bem. Tem sempre espaço para um atirador extra.

Austin sorriu e eu me vi sorrindo de volta. Com seu jeito sulista de falar, cabelo loiro, e beleza rústica, ele na verdade me fazia lembrar de um caubói que eu vi na TV quando pequena. Um por quem eu era ligeiramente apaixonada.

— Excelente. Eu vou só achar o resto das minhas roupas e a gente pode vazar daqui.

— Austin? — eu falei, tentando não me levar pelas emoções. — Como estava minha irmã na última vez que você a viu?

Os olhos dele se embaçaram e ele pegou minha mão. — Ela estava lutando, isso eu posso te dizer.

Eu olhei para baixo para que ele não pudesse ver minhas lágrimas.

— Espero que eles possam ajudá-la. Eu não sei o que eu vou fazer se perder alguma delas.

Ele ergueu meu queixo e encarou meus olhos.

— Sua mãe é uma lutadora e você obviamente também é. Se a Allie puxou alguma de vocês, então as chances estão a favor dela.

Eu assenti, mas as lágrimas continuavam saindo; a gravidade da situação da minha família era desesperadora.

Austin me envolveu com seus braços e me puxou para perto dele.

— Shh... Tudo vai ficar bem. Nós acharemos uma maneira de entrar em contato com sua mãe. Merda, se eu mesmo tiver que levar você até ela, eu farei isso.

— Cassie? — interrompeu Bryce entrando no quarto com Eva o seguindo logo atrás.

Eu me afastei de Austin e enxuguei minhas lágrimas.

— Hm, este é o Austin. Ele é o soldado que minha mãe resgatou.

Bryce franziu o cenho.

— Ok. Então, onde está ela?

Eu expliquei tudo o que Austin tinha me contado. Quando eu disse para Bryce que ele se juntaria a nós, ele balançou a cabeça.

— Não, ele deve ficar aqui. Os zumbis estão ficando bem incontrolláveis lá fora. Eles precisam de soldados para proteger essa unidade de crise.

— Lamento, mas eu vou com todos vocês. Eu fiz uma promessa para Kris que eu acharia uma maneira de manter Cassie a salvo, e não vou voltar atrás com minha palavra.

Bryce e Austin se encararam e a tensão no ar podia ser cortada com uma faca.

— Bem, acho que é uma boa ideia – disse Eva, se aproximando de Bryce. Ela cruzou o braço dela com o dele. – Precisamos de toda a ajuda que pudermos para combater aqueles zumbis.

Eu olhei para Eva com raiva.

— Nós? Você vai ficar aqui. Você não tem que se preocupar com quem vai lutar com os zumbis, você não ajudou nem um pouco mesmo.

Eva me encarou.

— Você não precisa agir como uma vaca.

Fiquei boquiaberta e antes que eu pudesse mostrar a ela o quão vaca eu poderia ser, Bryce interrompeu.

— Eva vai com a gente. A mãe dela foi mordida e eles a estão levando para Atlanta, também. Ela não tem para onde ir, Cassie.

Uma onda de remorso atravessou meu corpo.

— Oh, sinto muito, Eva. Eu não sabia.

Eva deu de ombros e desviou o olhar.

— Bem, por que ela não vai para Atlanta ficar com a mãe dela? – perguntei para Bryce.

— Disseram que ela não pode. Estão deixando as vítimas de mordida de quarentena– respondeu ele. – Eles nem sequer deixaram ela chegar perto da Veronica para se despedir.

— Oh, bem, ela poderia ficar aqui para se manter a par da situação da mãe dela.

Bryce balançou a cabeça.

— Os zumbis estão ficando incontrolláveis demais para esse pequeno grupo. Não é mais seguro ficar aqui. De fato, é melhor sairmos antes que acabemos presos aqui.

Nesse instante Kristie e Sara entraram.

— Oh, graças a Deus que vocês estão aqui. Olhem, temos que sair daqui... Agora – disse Kristie. – Ou os zumbis estão ficando mais inteligentes ou com

muita sorte. Eles invadiram a entrada agora e os soldados não conseguirão segurá-los por muito tempo.

Austin vestiu uma camiseta.

— Vamos nessa – disse ele. – Eu tenho algumas granadas, nós podemos precisar delas.

Kristie sorriu para Austin.

— Ei, e aí, soldado? Presumo que você seja o novo membro de nosso time?

Ele deu de ombros.

— Eu só vou com vocês para proteger a Cassie. Eu fiz uma promessa para a mãe dela.

Bryce ficou enfezado.

— Muito nobre da sua parte, mas ela não precisa de sua proteção, ela tem a mim.

Austin fez um gesto na direção da Eva.

— Parece que você já está bem ocupado com aquela ali.

Bryce se afastou de Eva e cruzou os braços.

— Estamos bem sem você.

— *Hello?* Caras, eu sei me proteger – eu disse, indo em direção da porta.

Os dois ficaram se encarando, sem dizer nada.

Kristie bufou.

— Ok, *todo mundo*, hora de partir. A testosterona nessa sala vai me deixar louca ou vai me fazer criar um saco e eu não quero nem uma coisa, nem outra.

Eu saí pela porta e segui em direção de onde estava nosso carro. Sara e Kristie me alcançaram rapidamente.

— Homens... Você não pode matá-los... A menos que eles tentem comer seu cérebro – disse Kristie, com um sorriso irônico.

Parei de andar e me virei para Sara e Kristie.

— Eu quero agradecer vocês duas. Eu sei que cada uma aqui perdeu o marido e mesmo assim vocês ainda acharam forças para me ajudar a encontrar minha mãe. Não sei o que eu teria feito sem vocês.

Ainda estávamos abraçadas quando Eva, Bryce e Austin chegaram perto.

— Vocês se entenderam, rapazes? – perguntou Kristie, afastando-se.

Bryce deu de ombros e Austin sorriu.

— Nada para entender, meu anjo. Eu vou com vocês, quer Billy goste, quer não.

— É Bryce – resmungou ele, saindo na frente dele.

— Garotos sulistas – disse Kristie quando começamos a andar. Uma vez eu tive um caubói pra mim. Ah, as coisas que ele fazia com uma corda...”

## Capítulo Vinte e Cinco

Assim que chegamos perto do carro estacionado, havia vários zumbis mortos em volta dele. Três dos soldados estavam consertando o vidro da porta que os zumbis tinham arrombado.

— Vocês estão indo embora? – perguntou um deles. – No meio *desta* multidão?

— Sim – respondeu Bryce.

— Bem, eles estão ficando agitados pra caramba lá fora – disse o soldado. – Tomem cuidado.

Entramos no carro e os soldados relutantemente nos abriram o portão da garagem. Kristie estava dirigindo novamente para que Bryce ficasse com as mãos livres para atirar, caso precisasse. Bryce se sentou perto dela com sua arma preparada.

— Droga, aqueles zumbis fedem – murmurou Austin, sentando-se perto de mim.

— O Vick faz milagres – eu disse, entregando meu potinho.

Ele assentiu, aprovando, e esfregou um pouco logo abaixo do nariz.

— Olhem! Jesus, eles estão entrando – disse Eva enquanto dois zumbis se esgueiraram pelo portão da garagem antes que ele fosse totalmente fechados. Os soldados atiraram nas cabeças deles e eles caíram.

Bryce abriu a janela e atirou em dois outros que estavam espreitando.

— Tem uma arma, caubói? – perguntou Kristie para Austin.

— Perdi uma dias atrás. Mas achei duas granadas – disse ele, segurando-as no ar.

— Cuidado, estamos dirigindo – murmurou Bryce.

Os zumbis estavam definitivamente ficando mais raivosos enquanto dirigíamos pelo estacionamento. O cheiro de sangue estava atraindo mais deles até o hospital e agora havia centenas atacando uns aos outros.

— Como diabos saímos daqui? – rosnou Kristie.

— Eu acho que agora é a oportunidade perfeita – disse Austin, abrindo a janela e colocando o corpo pra fora. – Preparem-se.

Ele lançou a granada em uma horda de zumbis que estava bloqueando nosso caminho. Menos de dez segundos mais tarde, partes de corpos estavam caindo do céu em cima do carro.

— Vai! – gritou Bryce.

Kristie afundou o pé no acelerador e atropelou os zumbis mutilados restantes, com todos nós indo para lá e para cá dentro do carro.

Eva fechou os olhos.

— Deus nos ajude – disse ela, bem baixinho.

Outro grupo de zumbis estava vindo diretamente em nossa direção e Austin lançou outra granada, liberando o caminho mais uma vez com uma explosão ensurdecedora.

— Isso! Bem, graças a Deus que Austin decidiu vir conosco. Se não fosse ele, teríamos muitos problemas para passar por esses cretinos – disse Kristie.

Bryce olhou para fora pela janela e murmurou alguma coisa.

Quando finalmente saímos do estacionamento infestado, eu queria gritar de alegria. Mas eu sabia que ainda estávamos em perigo. Ainda havia zumbis pelas ruas, com uma aparência ainda pior e mais alertas que nunca.

— O que está acontecendo com esses caras? – perguntou Kristie. – Parece que eles estão em um tipo de frenesi ou algo do tipo.

— Estão – disse Austin. – Eles precisam de sangue para se manter, e se não o obtêm, eles realmente se tornam mais violentos e ferozes. Mas assim que começarem a perder massa corporal, eles acabarão ficando mais lentos.

— Ótimo – suspirei.

— O que faz de você um especialista nessas coisas? – perguntou Bryce.

Austin deu de ombros.

— Pedacos de conversas que ouvi de outros soldados. Eles estão estudando o comportamento dos zumbis.

— Eles sabem com certeza se você se torna um quando é mordido? – perguntou Eva.

Ele assentiu.

— Eles acreditam que sim. Algumas das pessoas que foram mordidas estão mostrando um comportamento imprevisível, parecido com o dos zumbis. Algumas simplesmente... morreram – disse ele, com sua voz ficando mais baixa enquanto ele me olhava.

Eu olhei para fora, pela janela, e suspirei profundamente. O destino da minha irmã parecia selado. Eu dava graças a Deus que minha mãe estava com ela, mas só conseguia imaginar a agonia pela qual ela estava passando lá em Atlanta. Tudo o que eu mais queria era chegar lá, de alguma maneira, para que ela não precisasse enfrentar tudo aquilo sozinha.

Quando finalmente chegamos em casa, tudo parecia surreal. Não havia nenhum zumbi vagando pelo bairro e nem no jardim; apenas uma GMC Sierra<sup>[36]</sup> preta estacionada na entrada de casa.

— Você estava esperando alguém? – perguntou Bryce, saindo do carro.

Balancei a cabeça e subi as escadas. Quando coloquei a mão na maçaneta, a porta abriu totalmente e eu engasguei, surpresa.

— Papai! – gritei, pulando em seus braços.

— Oh, graças a Deus – respondeu ele, me abraçando apertado.

— Onde você esteve? – perguntei.

Ele me soltou e fez uma careta.

— É uma longa história. Vamos dizer que o tráfego estava horrível no caminho de volta pra casa.

Eu sorri e enxuguei as lágrimas do meu rosto.

— Você... Você descobriu algo sobre sua mãe e sua irmã? – ele perguntou, triste.

Nós entramos e eu contei para ele tudo o que eu sabia enquanto ele ficou lá sentado, em silêncio. Quando terminei, ele não disse uma palavra, ele apenas se levantou e foi para o andar de baixo.

— Ele precisa de um tempo – disse Kristie, com ternura na voz.

Eu assenti.

— Se vocês não se importam, eu vou para o meu quarto ficar sozinha um pouco.

Bryce apertou minha mão e se levantou.

— Avise se precisar de mim, *Wild*.

A caminho do meu quarto, eu parei na cozinha para tomar água. Eva estava sentada sozinha no balcão, olhando para suas mãos, cujos dedos estavam entrelaçados. Então, ela olhou para cima.

— Oh, é você. Diga-me, o quê... O que faremos agora? – perguntou ela; seu rosto era uma bagunça de lágrimas e maquiagem.

Eu ia responder quando meu pai entrou na cozinha. Ele estava vestido com uma roupa camuflada do Exército, e carregava dois rifles impressionantes, que eu jamais havia visto antes. O olhar determinado dele me deu arrepios.

— Agora? – perguntou ele, abaixando as armas. – Nós iremos encontrá-las, todas elas. É isso que faremos agora.

— Mas é seguro? – perguntei baixinho.

Ele me encarou.

— Cassie, somos uma família e eu não me separarei mais de você, nunca mais. Iremos para Atlanta o mais breve possível.

— Sério? – perguntei.

— Ah, é – disse ele, com um olhar semi-ensandecido. Ele levantou uma das armas e sorriu, dessa vez sem humor. – Que comecem os jogos...

\*\*\*





- 
- [1]. Espécie de erva aromática [NT].
- [2]. *Wild* em inglês é 'selvagem'; *The Wild One* seria 'A selvagem' [NT].
- [3]. Nos EUA, não é incomum pessoas gerenciarem creches em suas próprias casas, como no filme 'A Creche do Papai', com Eddie Murphy [NT].
- [4]. Tipo de petisco muito comum nos EUA.
- [5]. Uma intervenção é quando um grupo de amigos ou familiares se junta para aconselhar um ente querido sobre algo que o prejudica, assim como fazem os personagens da série "How I Met Your Mother".
- [6]. *Dora, the Explorer* (*Dora, a Aventureira*, no Brasil), desenho animado que ensina, entre outras coisas, idiomas para as crianças [NT].
- [7]. Programa infantil cujo protagonista é Elmo, da Vila Sésamo (Brasil) [NT].
- [8]. Pandemia de peste bubônica que assolou a Europa no século XIV [NT].
- [9]. Expressão usada para se dizer, por exemplo, que um exército mata a todos que encontra, sem exceção [NT].
- [10]. Corredor da Morte, em inglês [NT].
- [11]. Local onde se treinam artes marciais japonesas [NT].
- [12]. Treino de combate [NT].
- [13]. Aqui a autora fez uma brincadeira com o sobrenome das irmãs, 'Wild'. 'The Wild ones' seria 'As Selvagens', em inglês [NT].
- [14]. O nome da creche da casa das personagens [NT].
- [15]. Também conhecida como blueberry, fruta azul arroxeada, pequena, de sabor doce-ácido, muito comum nos EUA [NT].
- [16]. Nome pejorativo para tatuagens nessa região do corpo [NT].
- [17]. Título honorífico japonês [NT].

- [18] Em alguns estados americanos, é preciso ter 21 anos para entrar em um bar [NT].
- [19] Série americana de ficção científica [NT].
- [20] Essa é a maneira que as crianças americanas usam para fazer uma promessa [NT].
- [21] Típico prato americano, asas de frango fritas cobertas com molho picante [NT].
- [22] Força militar em disponibilidade para ser usada como reforço para lutar em tempos de guerra [NT].
- [23] Food and Drug Administration. Órgão governamental dos EUA responsável pelo controle dos alimentos, suplementos alimentares, medicamentos, cosméticos e equipamentos médicos, entre outros [NT].
- [24] Motor com câmara de combustão hemisférica, mais potente [NT].
- [25] No baseball, um home run é uma rebatida na qual o rebatedor é capaz de circular todas as bases, terminando na casa base e anotando uma corrida [NT].
- [26] Caminhonete grande, de luxo [NT].
- [27] Sport Utility Vehicle, Veículo Utilitário Esportivo [NT].
- [28] Ouse dançar [NT].
- [29] Estilo de arquitetura, móveis, decorações das Colônias Britânicas na América, nos séculos XVII e XVIII [NT].
- [30] W00t é uma mistura de letras e números, usada por jogadores como uma expressão de felicidade [NT].
- [31] Promoção na qual o freguês ganhava um hambúrguer ou um refrigerante se fizesse uma determinada tarefa na lanchonete [NT].
- [32] Carne seca, semelhante ao charque [NT].
- [33] Publicações americanas sobre armas [NT].
- [34] Cama grande, que lembra um trenó (daí seu nome em inglês, 'cama' -trenó' [NT].
- [35] Árvore da família das Aceráceas [NT].
- [36] Caminhonete grande, semelhante à Silverado [NT].